

Do «Meu Diário de Dôr»

21 DE OUTUBRO — Era este teu dia natal, querida Julieta.

E, foi assim, que o CORYMBO pela primeira vez apareceu ao galhardo e altivo povo rio-grandino.

Pela primeira vez transpoz a arena da Imprensa, a arena dos livros, dos arautos da Justiça e da Razão.

Saudosa, pranteada Imã!

Teu mez, é o mez das rosas, eu já o disse. É hoje, para mim, mez de saudade, de saudade que parece dilatar-se, crescer, prender a alma e o pensamento ao poste de uma amargura muda!

Tudo passa! Dizem.

Passa, sim, para os corações onde um leve perpassar da esponja do tempo, tudo apaga!...

Hoje, minha Julieta, em vez de rosas, trago-te violetas — tua flor predilêta.

Eu as tenho em profusão, dentre as alfombras da mágua, occultas a olhos profanos, como gostam de estar...

Revocata




Coleção
Documentos
91

ESCRITA FEMININA E FINITUDE DA VIDA:

REVOCATA HELOÍSA DE MELO E SEU DIÁRIO DE DOR

CENTRO DE
LITERATURAS
E CULTURAS
LUSÓFONAS
E EUROPEIAS

CLEPUL
Faculdade de Letras da
Universidade de Lisboa

FCT
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia



**FRANCISCO DAS NEVES ALVES
LUCIANA COUTINHO GEPIAK**

ESCRITA FEMININA E FINITUDE
DA VIDA: REVOCATA HELOÍSA DE
MELO E SEU DIÁRIO DE DOR





Conselho Editorial

Alvaro Santos Simões Junior (Universidade Estadual Paulista – Assis)

António Ventura (Universidade de Lisboa)

Beatriz Weigert (Universidade de Évora)

Carlos Alexandre Baumgarten (PUCRS)

Ernesto Rodrigues (CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Francisco Topa (Universidade do Porto)

Gilda Santos (Real Gabinete Português de Leitura)

Isabel Lousada (Universidade Nova de Lisboa)

Isabel Lustosa (Fundação Casa de Rui Barbosa)

João Relvão Caetano (Cátedra Infante Dom Henrique – CIDH)

José Eduardo Franco (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Maria Aparecida Ribeiro (Universidade de Coimbra)

Maria Cristina Firmino Santos (Universidade de Évora)

Maria Eunice Moreira (PUCRS)

Tania Regina de Luca (UNESP)

Vania Pinheiro Chaves (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Virgínia Camilotti (UNIMEP)

Francisco das Neves Alves
Luciana Coutinho Gepiak

ESCRITA FEMININA E FINITUDE DA VIDA: REVOCATA HELOÍSA DE MELO E SEU DIÁRIO DE DOR



- 91 -



UIDB/00077/2020



Lisboa / Rio Grande
2024

Ficha Técnica

Título: Escrita feminina e finitude da vida: Revocata Heloísa de Melo e seu diário de dor

Autores: Francisco das Neves Alves e Luciana Coutinho Gepiak

Coleção Documentos, 91

Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira

Capa: "Do meu diário de dor" da edição do *Corimbo* de outubro de 1943 e ilustração do *Bisturi* de 2 de novembro de 1890, apresentando a chegada ao cemitério no Dia de Finados, com destaque para a alegoria feminina

Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande, Setembro de 2024

ISBN – 978-65-89557-94-4

Os autores:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019), à UNESP (2020) e à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII (2021). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de duzentos livros.

Luciana Coutinho Gepiak é doutora em Letras pela FURG (2022), mestre em Letras pela FURG (2017), Especialista em Rio Grande do Sul: sociedade, política e cultura pela FURG (2014), Especialista em Literatura Brasileira Contemporânea pela UFPEL (2003) e graduada em Letras - Português pela FURG (2000). É autora dos livros: *Do jovem poeta no Parthenon Literário ao místico Barão de Ergonte: dois estudos de caso sobre o escritor gaúcho Múcio Teixeira*; *Líricas satíricas: o texto poético nas páginas da Comédia Social*; *Imprensa e escrita feminina: Revocata Heloísa de Melo e o periodismo sul-rio-grandense* e *Escrita feminina no Brasil Meridional: Revocata Heloísa de Melo - reconhecimento e produção bibliográfica*. Participou de três coautorias. É responsável pelo Setor de Literatura, vinculado à Secretaria de Município da Cultura, Esporte e Economia Criativa, da Prefeitura Municipal do Rio Grande.

ÍNDICE

Revocata Heloísa de Melo e seu diário de extrema dor / 9

Do meu diário de dor / 107

REVOCATA HELOÍSA DE MELO E
SEU DIÁRIO DE EXTREMA DOR

Revocata Heloísa de Melo nasceu na capital sul-rio-grandense, Porto Alegre, no ano de 1853, vindo a residir ainda na infância na cidade do Rio Grande, onde permaneceu até a sua morte, em 1944. Pertenceu a uma família formada por vários integrantes vinculados às lides culturais, fator que em muito contribuiu com sua carreira literária e jornalística. Foi uma das mais importantes representantes da escrita feminina no contexto gaúcho e mesmo brasileiro, com uma atuação extremamente longa que se estendeu desde a década de 1870 até a de 1940. Como era típico da intelectualidade de então, ela teve uma ação múltipla, atuando como professora, jornalista, poetisa, prosadora e teatróloga. Em termos de produção bibliográfica, escreveu o livro *Folhas errantes* (1882) e, em coautoria com a irmã Julieta de Melo Monteiro, *Coração de mãe* (1893) e *Berilos* (1911). Colaborou com diversos periódicos rio-grandenses e brasileiros dos mais variados gêneros, publicando textos em prosa e verso.

Além da caminhada intelectual, Revocata de Melo exerceu importantes papéis em outras searas. No campo social, foi uma convicta defensora da extinção da escravidão, chegando a participar da criação de uma entidade abolicionista. Ainda no que tange à sociedade, foi uma das principais articuladoras da criação e continuidade de um clube beneficente destinado a atender demandas oriundas de populações carentes, mormente mulheres e crianças, com a efetivação de campanhas para arrecadação de fundos em prol dos pobres. Suas lutas também tiveram como um dos escopos fundamentais a busca por uma renovação no papel social da mulher, defendendo a emancipação feminina por meio da educação, de modo que, sem abandonar os cuidados

familiares, pudesse também exercer novas funções. Já no âmbito político, foi uma promotora do ideário oposicionista à época da República Velha, combatendo com energia a ditadura que dominou o Rio Grande do Sul por praticamente todo esse período¹.

¹ Sobre Revocata Heloísa de Melo, ver: BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1902, v. 7, p. 128.; CESAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul (1737-1902)*. 3.ed. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro; CORAG, 2006. p. 285 e 313.; COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. p. 564-565.; FLORES, Hilda Agnes Hübner. *Dicionário de mulheres*. 2.ed. Florianópolis: Editora Mulheres, 2011. p. 464.; KRUG, Guilhermina; CARVALHO, Nelly Rezende. *Letras rio-grandenses*. Porto Alegre: Globo, 1935. p. 173.; MACHADO, Antônio Carlos. *Coletânea de poetas sul-rio-grandenses (1834-1951)*. Rio de Janeiro: Editora Minerva, 1952. p. 185.; MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1978. p. 362.; MELO, Luís Correia de. Subsídios para um dicionário dos intelectuais rio-grandenses. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1944. p. 111.; NEVES, Décio Vignoli das. *Vultos do Rio Grande*. Rio Grande: Artexto, 1987, t. 2. p. 168-170.; OLIVEIRA, Américo Lopes de; VIANA, Mário Gonçalves. *Dicionário mundial de mulheres notáveis*. Porto: Lello & Irmão – Editores, 1967. p. 904.; SCHMIDT, Rita Terezinha. Revocata Heloísa de Melo. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*. 2.ed. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000. p. 892-902.; e SCHUMAHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital. *Dicionário de mulheres do Brasil*: de 1500 até a atualidade. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. p. 477-478.; SOUTO-MAIOR, Valéria Andrade. *Índice de dramaturgas brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1996. p. 43.; SOUZA, Leal de. *A mulher na poesia brasileira*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Leite Ribeiro & Maurillo, 1918. p. 72.; TACQUES, Alzira Freitas. *Perfis de musas, poetas e prosadores brasileiros*. Porto Alegre: Editora Thurmman, 1956. p. 701-702.; VILLAS-BÔAS, Pedro Leite. *Notas de bibliografia sul-rio-grandense* – autores. Porto Alegre: A Nação; Instituto Estadual do Livro, 1974. p. 313.; e VILLAS-BÔAS, Pedro Leite. *Dicionário bibliográfico gaúcho*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana; Editora e Distribuidora Gaúcha, 1991. p. 152-153.

Sua carreira jornalística passou pelas tantas colaborações publicadas junto a folhas literárias, noticiosas, político-partidárias e ilustrado-humorísticas, teve um grande avanço a partir do final dos anos 1870, quando se tornou a principal colaboradora da *Violeta*, jornal editado por sua irmã Julieta de Melo Monteiro, e que constituiu um dos precursores da imprensa feminina rio-grandense-do-sul. O ápice de sua ação intelectual deu-se com a criação do periódico *Corimbo*, publicação literária voltada essencialmente ao público feminino, tornando-se uma das mais longevas dessa natureza na conjuntura brasileira, tendo circulado desde 1883 até 1944. A circulação do *Corimbo* passou por diversas etapas, variando entre semanário, quinzenário e mensal, bem como por múltiplos formatos, sendo editada na forma de revista, com capa e contracapa, e na de jornal, com o tradicional cabeçalho e a diagramação em colunas. Ao longo da existência do *Corimbo*, Revocata de Melo exerceu um papel praticamente unipessoal na execução do periódico, atuando diretamente em suas várias fases de realização, desde a redação até a distribuição. Tais funções só viriam a encontrar apoio de parte de sua irmã, Julieta Monteiro, que também esteve à frente de matérias redacionais e tornou-se uma das principais colaboradoras da publicação.

A editora da folha literária e feminina teve um cuidado especial com o intercâmbio de exemplares do *Corimbo* que eram permutados com inúmeros representantes da imprensa no contexto brasileiro e até internacional. Assim, tais relações recíprocas de trocas estenderam-se pela maioria das unidades administrativas brasileiras, como Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São

Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais, Bahia, Alagoas, Pernambuco, Ceará, Pará e Mato Grosso, além do que atingiram outros países, como foi o caso de França, Inglaterra, Espanha, Portugal, Argentina e Uruguai. As colaborações publicadas nas páginas do periódico rio-grandino também foram originárias da quase totalidade de províncias/estados do Brasil, em várias partes do Brasil, contando igualmente com colaboradores de nacionalidade portuguesa, espanhola e uruguaia. Ainda que recebesse textos de articulistas masculinas, uma das marcas registradas do *Corimbo* foi a presença predominante da escrita feminina, de modo que, em suas páginas, as mulheres encontravam leitura abundante sobre questões vinculadas à temáticas gerais e àquelas ligadas essencialmente ao seu sexo, como, da mesma maneira, obtinham um espaço privilegiado para a publicação de seus escritos. Dessa maneira, a edição literária e feminil rio-grandina serviu como veículo difusor de múltiplas representantes da escrita feminina, desde as mais famosas e notórias, passando pelas menos reconhecidas e chegando até as novatas e anônimas. A partir desse intercâmbio distribucional e dessas diferenciadas colaborações, Revocata Heloísa de Melo, por meio do *Corimbo*, formou verdadeira rede de inter-relações no meio intelectual gaúcho, brasileiro e mesmo no estrangeiro, valendo o mesmo para o público leitor feminino e para as tantas escritoras que encontravam no periódico rio-grandino um meio impresso confiável para a divulgação de seus trabalhos. Nesse quadro, além de suas tantas tarefas na confecção da publicação, Revocata assumia também o papel de articulação dessa rede intelectual, ainda que tivesse de enfrentar os múltiplos obstáculos que a ela se antepunham, notadamente os ligados às limitações dos meios de comunicação

e de transporte, de modo que a grande quantidade de permutas só foi possível graças à sua atuação no despacho de malotes e na redação e envio de cartas, por meio dos serviços de correios, com todas as precariedades então enfrentadas e, ainda assim, encontrando eco nos lugares mais longínquos².

Na última década e meia de sua existência, assim como a de seu periódico, Revocata Heloísa de Melo vivenciou uma das etapas mais difíceis de sua vida. No campo familiar, além das perdas mais características, como a dos avós e dos pais, a escritora passou também pelo perecimento de tias, sobrinha, cunhado e de todos os seus irmãos. Dentre eles, morreram Otaviano de Melo, também ligado às lides intelectuais, tendo editado o jornal literário *Arauto das Letras* e Romeu, militar, que pereceu à época em que sofria com forte

² A respeito do *Corimbo*, observar: BONILHA, Caroline Leal. *Corimbo*: memória e representação feminina através das páginas de um periódico literário entre 1930 e 1944 no Rio Grande do Sul. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2010 (Dissertação de Mestrado); DUARTE, Constância Lima. *Imprensa feminina e feminista no Brasil – século XIX*: dicionário ilustrado. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. p. 277-281; FLORES, Hilda Agnes Hübner. O *Corimbo*. In: *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 37, n. 2, p. 183-188, jun. 2001.; PÓVOAS, Mauro Nicola. O periódico rio-grandino *Corimbo* e a consolidação de um sistema literário sulino. In: ALVES, Francisco das Neves (Org.). *Imprensa, história, literatura e informação – Anais do II Congresso Internacional de Estudos Históricos*. Rio Grande: FURG, 2007. p. 29-38.; PÓVOAS, Mauro Nicola. *Uma história da literatura*: periódicos, memória e sistema literário no Rio Grande do Sul do século XIX. Porto Alegre: Buqui, 2017. p. 116-130.; SOARES, Pedro Maia. Feminismo no Rio Grande do Sul – primeiros apontamentos (1835-1945). In: BRUSCHINI, Maria Cristina; ROSEMBERG, Fúlvia (Org.). *Vivência*: história, sexualidade e imagens femininas. São Paulo: Fundação Carlos Chagas; Brasiliense, 1980. p. 121-150.; e VIEIRA, Míriam Steffen. *Atuação literária de escritoras no Rio Grande do Sul: um estudo do periódico Corimbo, 1885-1925*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1997 (Dissertação de Mestrado).

perseguição das autoridades governamentais sul-rio-grandenses, em episódio decisivo para a tomada de uma postura política de Revocata, colocando-se na oposição à ditadura que dominava a vida política gaúcha. Ela também passou pelo desaparecimento de Francisco Pinto Monteiro, seu cunhado, que era poeta e fundou a folha humorística *Comédia Social*. A perda mais sentida pela promotora do *Corimbo* foi a da irmã Julieta de Melo Monteiro, falecida em 1928, e que atuava como seu braço direito na realização do *Corimbo*. A partir do fim da vida de Julieta, Revocata de Melo viveria ainda por mais cinco lustros, sem que lhe restasse qualquer parente vivo, circunstância que em muito marcou estes anos finais de sua carreira, somando-se às dificuldades inerentes à continuidade da publicação que editava.

Após profunda crise na década de 1920, em muito acarretada pela doença e posterior morte da irmã Julieta, o *Corimbo* ressurgiu em 1930, permanecendo com falhas na circulação até os anos iniciais da década seguinte. Nessa época, Revocata de Melo, além das dificuldades de natureza pessoal e familiar, já septuagenária (chegaria à nonagenária), tendo perdido todos seus entes queridos e permanecendo com a companhia apenas de alguns amigos, teve também de enfrentar todos os óbices que cercavam um representante da pequena imprensa, com a prática de um jornalismo ainda artesanal, quando as atividades jornalísticas brasileiras já se firmavam em termos empresariais. À exceção do *Eco do Sul*, os demais periódicos rio-grandinos coetâneos do *Corimbo*, como o *Diário do Rio Grande*, o *Artista* e o *Bisturi*, haviam

desaparecido, ao passo que aquele deixou de circular em 1934, deixando o título de decano da imprensa rio-grandina para a folha editada por Revocata.

Ainda nesse período final de existência do *Corimbo*, Revocata conviveu com uma conjuntura de amplas transformações. Em termos mundiais, o contexto internacional vivia as profundas consequências da Crise de 1929, que colocou em xeque o tradicional modelo do liberalismo clássico, surgindo como alternativas ao mesmo variados padrões de intervenção estatal na vida socioeconômica dos países, redundando nos mais graves deles vinculados aos regimes totalitários. Tratava-se do denominado período do entre-guerras, um dos mais agitados e de constante agravamento nas relações entre as potências mundiais, levando a um caminho inevitável do espocar de mais uma conflagração bélica mundial. No Brasil, o tradicional modelo oligárquico que perdurara por praticamente toda a República Velha, sofria os reveses dos fatores advindos da denominada crise dos anos 1920, a qual culminaria com a deflagração da Revolução de 1930, com a ação dos novos detentores do poder no sentido de promover um processo de modernização do país. O Rio Grande do Sul, por sua vez, passara por uma aproximação entre as tradicionais forças governistas e as oposicionistas – nas quais militava Revocata – voltada a apoiar o movimento de 1930, em uma união que não teve longa duração. Já a cidade do Rio Grande, sede do *Corimbo*, ainda vivia um período de certa prosperidade, embasada nas atividades comerciais e industriais, ocorrendo, inclusive uma reestruturação urbana, mormente com reformas no centro citadino.

Nessa linha, os anos 1930 e 1940 foram marcados por profundas transformações e tensões no âmbito internacional, nacional, regional e local, com as quais Revocata de Melo conviveu diuturnamente. Os enfrentamentos bélicos foram uma constante nessa época, dando continuidade a um convívio que marcou a existência da escritora gaúcha. No meio familiar, Revocata escutou histórias sobre a Revolução Farroupilha e os conflitos que o Império Brasileiro promoveu contra seus vizinhos platinos. Em sua juventude, conviveu com a Guerra do Paraguai e com a crise que marcou a transição Monarquia – República, com a deflagração de uma guerra civil no Rio Grande do Sul, a Revolução Federalista, que marcou a vida da jornalista e seus posicionamentos político-partidários. Na década de 1920, estouraram os levantes tenentistas, inclusive em terras sulinas, nas quais ocorreu também mais uma guerra civil, em 1923. Ainda que não tivesse havido um confronto bélico mais decisivo, a Revolução de 1930 foi armada para esse tipo de enfrentamento e, se opondo aos novos detentores do poder, foi deflagrada a Revolução de 1932, derrotada pelos governistas. Ao final de 1935, ocorreriam ainda as revoltas comunistas, igualmente abafadas pelos situacionistas até que, em 1937, o Brasil passou a ser dominado por um dos regimes mais centralizadores, concentradores e autoritários que marcou a existência, com a implantação da ditadura estadonovista. Além disso, o período do entre-guerras foi marcado por uma série de desentendimentos e enfrentamentos que redundariam na deflagração da II Guerra Mundial.

Perante tal quadro complexo e prenhe em transformações, Revocata de Melo chegou a traçar reflexões, como foi o caso da Revolução de 1930, apoiada pela escritora, que aplaudiu as ações do grupo liderado por Getúlio Vargas. A partir da agudização do autoritarismo, a jornalista preferiu afastar-se das abordagens de natureza política, acompanhando uma tendência do jornalismo de promover um certo silenciamento, processo que chegou ao auge durante o Estado Novo que calou a imprensa, por meio da repressão e da censura. Os confrontos bélicos e os sofrimentos deles advindos foram temas recorrentes nos escritos literários e jornalísticos da autora, mas o recrudescimento do impacto da guerra nos anos 1930 e 1940 também levaram-na a suprimir até mesmo esse tema. Tais fatores, somados ao próprio enfoque que naturalmente ela imprimia aos seus escritos levou a editora do *Corimbo* a optar por um olhar cada vez mais introspetivo, voltando-se inclusive para o âmago de seu ser e às recordações de suas vivências. Nessa linha, a morte e a melancolia, temáticas comuns à sua obra ganharam ainda mais terreno nos últimos tempos de circulação do periódico literário e feminino rio-grandino.

Desde o século XIX, “a morte parecia ser presente em toda parte: cortejos de enterros, roupas de luto, extensão dos cemitérios e sua superfície, visitas e peregrinações aos túmulos e culto da memória”³ e, invariavelmente, esta tendência atinge também os textos literários e jornalísticos. Tal disposição vem ao encontro de um enfoque melancólico, tão presente nas criações dessa época,

³ ARIÈS, Philippe. *História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. p. 100.

uma vez que “a abordagem da melancolia remete, com efeito, a diferentes registros de expressão tais como a queixa literária, a alegoria iconográfica ou ainda o relato médico”⁴. Esta característica se fez presente em muitos dos textos apresentados no *Corimbo* por sua editora.

À virada daquela centúria e chegando ao século XX, a melancolia tornou-se verdadeiro lugar comum em meio à produção textual, dominando, “sob a forma da figura dos vasos comunicantes” as manifestações “entre o corpo e o espírito”⁵. E, nesse contexto, a morte foi um tema extremamente abordado, como foi o caso de Revocata, cujo conjunto da obra teve na extinção da vida um elemento recorrente, bem como as narrações em torno das constantes presenças no Campo Santo. Era um momento em que as visitas aos cemitérios ganham força, adotando-se “o hábito de por flores nos túmulos”. No Campo Santo, os visitantes “se recolhem, ou seja, evocam o morto e cultivam sua lembrança”. Tratava-se “de um culto privado, mas também de um culto público”, já que “o culto da lembrança imediatamente estendeu-se do indivíduo à sociedade, seguindo um mesmo movimento da sensibilidade”⁶.

Até a retomada do periódico em 1930, a abordagem da questão da morte por Revocata de Melo era normalmente mais localizada, envolvendo datas de nascimento e falecimento de familiares e os feriados religiosos, principalmente

⁴ LAMBOTTE, Marie-Claude. *Estética da melancolia*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000. p. 9.

⁵ LAMBOTTE, 2000. p. 9.

⁶ ARIÈS, 2012. p. 77.

o de Finados. A partir de então, levando em conta a morte da irmã Julieta, o tema tornou-se cotidiano, aparecendo em praticamente todas as edições que se seguiram. A escritora passa a redigir a seção “Do meu diário de dor”, cujo mote é a finitude da vida e o foco é a ausência da irmã. Considerando os exemplares disponíveis, foram mais de uma centena de inserções deste segmento que, na maior parte das vezes, só deixou de ser publicado nos números vinculados ao 21 de outubro – aniversário de Julieta –, no qual aconteciam outras formas de homenagem.

A inclusão dessa seção no *Corimbo*, que se manteve de maneira praticamente ininterrupta durante a última fase do periódico, representa a culminância do olhar melancólico da autora em sua recorrente abordagem acerca do aniquilamento da vida. Nesse quadro, a melancolia traz consigo o “pensamento em excesso”, tornando-se um fator “que mais leva a pensar”⁷, exatamente o que ocorre com Revocata, cuja produção literária cada vez mais passa a gravitar em torno do refletir sobre a morte. Dessa maneira, a escritora visita seus familiares, fisicamente, com as idas ao cemitério, e, figurativamente, ao passar boa parte de seus dias, recordando-os, afinal era uma época em que se ia ao “túmulo de um ente querido como se vai à casa de um parente ou a uma casa própria, cheia de recordações”, pois “a recordação confere ao morto uma espécie de imortalidade”⁸. Assim, “um dos caracteres necessários da morte é a

⁷ LAMBOTTE, 2000, p. 10

⁸ ARIÈS, 2012, p. 77.

sua publicidade”⁹, a qual contribui diretamente com a busca por evitar-se o esvaecimento do falecido. Desse modo, “as lembranças daquele que morreu continuam sendo uma forma de sua presença no mundo”, e tal “presença só arrefece aos poucos, lentamente, por meio de uma série de dilaceramentos de que são vítimas os sobreviventes”¹⁰.

O título “Do meu diário de dor” escolhido por Revocata revela sua intenção de abrir um espaço no *Corimbo* para revelar seus sofrimentos, compartilhando-os com leitores e colaboradores. O “meu” denota exatamente essa personalidade, algo que saía de seu coração e sua mente para ser externado a um público maior. O “diário” tanto pode referir-se àquilo que é feito todos os dias, e a tristeza tornou-se uma parte integrante do cotidiano da escritora, ou ainda a “um registro feito dia a dia, de onde constam especialmente as atitudes, observações e experiências do escritor”, constituindo um apontamento “íntimo de pensamentos e acontecimentos”¹¹. Finalmente a “dor” se refere a alguma coisa que ultrapassa a sensação física, referindo-se a algo emocional ou psicológico que traz consigo o sofrimento, equivalendo às mágoas, aos desgostos e aos pesares. As tantas edições de “Do meu diário de dor” compreendem o auge do espírito melancólico direcionado à morte que orientou a carreira de Revocata de Melo.

⁹ ARIÈS, Philippe. *O homem perante a morte*. Sintra: Europa-América, 2000. p. 29.

¹⁰ RODRIGUES, José Carlos. *Tabu da morte*. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006. p. 18.

¹¹ SHAW, Harry. *Dicionário de termos literários*. Lisboa: Dom Quixote, 1978. p. 145.

A primeira inclusão “Do meu diário de dor” ocorre em fevereiro de 1930 e reflete os impactos da perda de Julieta e as tristezas originadas da solidão, o que lhe dava, figurativamente, não um viver e sim um vegetar, tendo apenas por consolação a recordação de alguns momentos. Revocata lamenta “os aspectos sombrios e desolados” que se antepunham às suas vivências. Sente-se triste, faltando-lhe não só “o ar vivificante”, mas também “o sopro da felicidade”. Considera que seu viver era marcado pelo sacrifício, uma vez que era marcado pela falta de luz e pelas presenças constantes de “uma agonia que espanta” e ainda “uma incerteza dolorosa” e “uma solidão imposta”¹².

Ao refletir tanto sobre a morte, no registro de 3 de março, Revocata questiona se não estaria chegando também o seu momento de partir, afirmando que “há dias já tenho pensado tanto, tanto na morte, que me quer parecer isso um prenúncio da proximidade da hora extrema”. Numa figurada conversa com a irmã, constata e pergunta: “Não sei, minha idolatrada Julieta, se poderá teu espírito, em região certamente mais ao conhecimento dos mistérios de Deus, por meio de uma sugestão, encaminhar-me para a grande verdade da vida?” Carregada de saudade, chega a imaginar uma certa reciprocidade, sugerindo que “será talvez que saudosíssima de mim, prendes meu espírito a ideia de morte, parecendo-te que assim estou mais perto de ti!”. Por esse motivo, retoma o tema da solidão: “Nós de há muito estávamos presas aos mundos do além, porque para lá haviam partido nossos queridos do lar! Mas...éramos duas na noite desoladora da saudade”, ao passo que “hoje há uma só sofredora neste ergástulo

¹² CORIMBO, Rio Grande, fev. 1930, nova fase, n. 342, p. 2.

de dor! É tudo tão ermo para mim, tenho tanta indiferença pelo que vai lá fora!". Apesar da vontade de se entregar ao desespero, a escritora lembra que deve manter seus compromissos, dentre eles a edição do *Corimbo*. "Que importa o mundo com seus aspectos quase sempre enganosos, aqueles que fazem da reminiscência seu templo de constante recolhimento? Verdade é que tenho minha prática exterior. O dever assim obriga"; e por isso ela se sente compelida a continuar: "Em face, porém, dos corações amigos, não posso deixar o ritual da saudade, e assim será até a hora da partida"¹³.

Dentre as tantas visitas ao cemitério descritas em sua obra, a redatora do *Corimbo* não deixa de também fazê-lo em "Do meu diário de dor", refletindo sobre a vida e a morte, em analogia ao ambiente interno e ao externo em relação ao "Campo Santo". Diante dos conselhos de que deve distrair-se e esquecer, Revocata nega-se a abandonar suas lembranças, uma vez que "a felicidade" poderia passar, entretanto "a sua sombra" permanecia como uma dolorosa lembrança daquilo que não mais voltaria¹⁴.

Misturando as sensações de um "9 de maio", com um forte temporal, típico da cidade do Rio Grande, com as suas tristezas, Revocata se refere a um vento "nordeste sibilante e verdadeiramente triste", acompanhado de uma chuva torrencial. A escritora encontra-se num espaço de sua casa, que acaba por tornar-se o gatilho para a recordação, ao dizer: "Eu estava junto à janela de meu gabinete de hoje. Sim, de meu gabinete presentemente, porque este aposento foi

¹³ CORIMBO, Rio Grande, mar. 1930, nova fase, n. 343, p. 3.

¹⁴ CORIMBO, Rio Grande, abr. 1930, nova fase, n. 344, p. 3.

até dois anos atrás nossa alcova de dormir, adorada Julieta!”. Rememora a vida junto com a irmã ao escrever “com que poemas de saudade, com que recordação de sonhos vestidos de púrpura, porém queimados cedo, na grande luz da realidade, com que crepúsculos de dor”, e “com que esperanças fascinantes em meio da treva e do clarão da vida povoamos nós este recinto querido”, no qual, junto ao “leito cintilavam docemente, os retratos dos que amamos e que se foram para o Além, como estrelas chorando pela calada das noites”. Mais uma vez, ela trava uma imaginativa conversa com a irmã, afirmando: “Minha Julieta, minha poetisa do céu, este aposento guarda todo o aroma delicioso e místico de tua alma santa, guarda todo o emotivo, todo o indizível, todo o cambiante de uma poesia dulcíssima”, refletindo “um espírito de eleição despedido por teu olhar bellissimo” e guarda ainda “o som sutil, sonoro, de tua voz, como prelúdios da cítara divina das aragens quando pelas noites de lua junto às praias, acordam as águas adormecidas”. E conclui, imaginando uma Julieta revivida: “Minha pranteada Julieta, tu podes estar velada para o mundo; mas para mim estás presente, vives, palpitas, porque estás sempre, sempre em minha alma”¹⁵.

O sofrimento pela perda de Julieta no relato de “9 de julho” fica acrescido por ser a data da morte do irmão, “o saudoso e melancólico Otaviano, lembrando que ele falecera com apenas 25 anos e que só lhe restara manter aquelas figuradas conversas: “Minha Julieta, troco ideias com teu espírito, tão lúcido, tão belo; porque já não tenho no mundo quem, como outrora, consorcie comigo nas mesmas mágoas, nas mesmas lágrimas” e “nas mesmas recordações”. Acerca

¹⁵ CORIMBO, Rio Grande, maio 1930, nova fase, n. 345, p. 2.

da perda dos familiares, lembra das “cenas que servem de epílogo aos dias ou meses, em que fomos testemunhas oculares de sofrimentos, de dores, de desânimos de criaturas enraizadas a nossa alma, cujo olhar aflitivo” permanece “na retina, vibrando eternamente no coração”, sendo “em realidade, indizíveis e indescritíveis”. A escritora destaca que “um caprichoso mal físico” a impedira de ir ao cemitério, para o que já estavam preparados ramalhetes de flores, as quais “mereciam tua idolatria, minha Julieta” e que “são na verdade, em datas de dor, ou de alegria no santuário da família, as mais expressivas mensageiras do que vai no tabernáculo do peito”. Levando em conta a inspiração floral, aponta que “há criaturas predestinadas, assim como foste tu, chorada Julieta, que guardam no inviolável escrínio do peito, flores que não fenece”, assim como “a branca rosada virtude, a sempre-viva do amor; a odorosa açucena da caridade; o pensativo lírio do sentimentalismo e a impressionante violeta da modéstia”. Revocata pensa mais uma vez em sua própria morte, imaginando que os poemas viriam a substituir o papel das flores: “quando a vida deixar-me, ou eu a deixar, é certo que faltarão flores sobre nossa lápide tumular”, mas “não importa, aí o halo da poesia que perdura nos lugares solitários, silenciosos e profundamente tristes”¹⁶.

Numa página de seu diário, na qual não houve identificação da data, a editora do *Corimbo* mais uma vez se reporta à irmã, referindo-se às visitas feitas ao cemitério, afirmando: “Minha saudosa e adorada Julieta, quantas vezes palmilhando o Campo Santo”, e “paramos em frente a algum túmulo

¹⁶ CORIMBO, Rio Grande, jul. 1930, nova fase, n. 347, p. 2.

completamente isolado de qualquer testemunho de que uma visita de saudade ali houvesse de quando em quando, lamentando aquela dupla tristeza". Nesse caso, questiona "como deixar no olvido, meses e até anos, despojos preciosos dos que constituíram parte integrante de nossa peregrinação na terra?". Em resposta, reflete com base na leitura de "intelectuais de larga visão", segundo os quais, "o culto aos mortos denota bem a vibração de uma elegia da alma", ou seja, "a poesia inata" daqueles "que se alheiam do positivismo duro, do materialismo grosseiro", em que "não podem penetrar as delicadezas e o belo dos espíritos pensantes, dos corações que não vestem a estamena de uma filosofia rude". Em seguida, Revocata posiciona-se favoravelmente aos ritos fúnebres tradicionais, revelando que continuaria conservando, "enquanto vegetar por este estendal de mágoas, a ideia de que tudo quanto se possa levar à cidade dos mortos", na condição "de uma saudade, de uma recordação, de um preito de amor, de amizade, de gratidão, de apreço, de admiração, é admissível, é digno de respeito e acatamento". Confirma que esse era também o pensamento de Julieta, no sentido de manter "um caráter de grandeza a um túmulo de família", uma vez que "se os amamos tanto, se por eles daríamos a vida, como esquecê-los depois em uma cova anônima, podendo dar-lhes leito de arminho dentre preciosos mármore". E conclui, ao dizer: "felizes e louvados sejam os que se fazem surdos à ladainha dos profanos, conservando a sublime pompa do amor, unida à pompa do belo e do grande, para cultuarem a memória santa dos que se foram"¹⁷.

¹⁷ CORIMBO, Rio Grande, ago. 1930, nova fase, n. 348, p. 2-3.

A próxima página “Do meu diário de dor” se associava ao aniversário de Julieta, o “21 de outubro”, e Revocata rememora as alegrias vividas por ambas nesse dia, fosse no “júbilo em expansões infantis” nos “deslumbramentos e impressões de mocidade”, com as “carícias paternas”. Apesar das mortes dos entes queridos, a jornalista permanece a valorizar as lembranças, as quais equivaliam a “um hino de indizível amor”, que “cantava em nossos corações, alentados pela ideia consoladora de que o Senhor dos mundos não rasgaria breve aquela página de paz e de carinho, que constituía tudo para nós”. Mas então, lamenta a redatora, veio a “dolorosa realidade da vida”, e com ela “a rajada que se não pode sustar, que vem implacável, esmagando uma existência que é quase sempre um tesouro sem preço, amordaçando um espírito cheio de luz”; e “enregelando um coração que era um foco de fé esperança”, de modo que “tudo nos destruiu, minha adorada Julieta”¹⁸.

A outra edição correspondia ao “2 de novembro”, data em que a editora continuamente dedica espaço em seu periódico para abordar o feriado de Finados. Mais uma vez, toma a “liberdade poética” de conversar com a irmã, dizendo: “Bem sabes, minha querida Julieta, que o dia chamado dos mortos, para aqueles que visitam constantemente o Campo Santo, só pode trazer a impressão – assaz pesada – de que nesse turbilhão dos que dormem o sono eterno” ficavam inclusos “adorados seres, que encheram de felicidade nosso peregrinar na vida, levando-lhes “lágrimas, flores, preces, saudades”, tudo “sob um sentir mais forte, mais da alma, atendendo a que o fazemos recolhidos ao silêncio

¹⁸ CORIMBO, Rio Grande, out. 1930, nova fase, n. 350, p. 2.

quase sempre desdobrado pela cidade da paz eterna". A seguir, Revocata passa a demonstrar os diferentes tipos de "romeiros" que frequentavam os cemitérios, descrevendo os seus respectivos hábitos, comentando que "é sempre assim neste dia", e "em anos que se foram, quantas vezes nossos olhares se cruzaram ante aspectos destes, numa compreensão de que tenho hoje, infinita saudade, procurando em vão enlaçar meu espírito ao teu", buscando "a comunhão de ideias e de sentimentos; amparo incontestável, nos troços da existência"¹⁹.

Com a marca de "27 de novembro", o próximo diário relata uma "tarde verdadeiramente triste", marcada por uma pesada chuva. Em meio a essa tristeza, Revocata relembra que, enquanto a irmã estava viva, não era essa a reação diante da manifestação climática. Revelando detalhes de seu cotidiano doméstico, a escritora enfatiza a "diferença de tempos idos, em que suspirávamos por uma tarde de chuva, para, a sós, fazermos leitura predileta, trocarmos ideias, percorrermos o passado" e "subirmos as formosas montanhas da esperança afluindo-nos ainda aos lábios um sorriso, para após descermos aos abismos da realidade, onde a lágrima nos brilhava na face". A tristeza fica mais uma vez manifesta, encontrando-se "em igual disposição de espírito", na qual "há uma atmosfera de dor" e "uma recordação eloquentíssima, plasmada em tudo que me cerca". Destaca que, ao escrever e ler, por vezes parava, "ficando imersa, absorta, longe inteiramente do mundo material, a buscar o espírito daqueles que povoaram meu doce lar". Nesse sentido, complementa a informação sobre seu estado de espírito, ao detalhar que "ando na vida, assim

¹⁹ CORIMBO, Rio Grande, nov. 1930, nova fase, n. 351, p. 2.

como os que vagueiam que seguem sem destino, inteiramente fora do mundo exterior”, e, somente no caso de “uma circunstância das que pululam pela existência em fora, me desperta, reentro na agitação mundana, retirando dos ombros a cruz”²⁰.

Em oposição ao anterior, referenciado pelo “7 de fevereiro”, o novo relato descreve um dia plenamente ensolarado, revelando “encantadores os aspectos da natureza”. Tratava-se de mais uma visita ao Campo Santo e, dessa vez, a tristeza manifestou-se com evidência externa, de modo que Revocata confessa que se sentou “sobre o degrau marmóreo, junto ao túmulo de meus adorados e chorei tanto, tanto”, que chegou a surgir alguém para ajudá-la. Novamente, lembra dos tempos de convívio com a irmã, afirmando: “Minha querida Julieta, quantas vezes a passo, lado a lado, ali naquele recinto falamos do mistério da morte, da ascensão do espírito, dessa existência que a ciência nega e a fé proclama”. Nesse quadro, a jornalista revela uma de suas convicções, referindo-se à “certeza de que os que partem para o além nunca mais deixam de influir e muito em nosso viver”, pois, quando “um real afeto, uma decidida afinidade existe, na vida eterna continuamos a receber o reflexo desse amor, dessa dedicação, desse carinho, embora invisível, mas de atuação incontestável”. Segundo o relato, após o retorno do cemitério, o espírito que permanecia era o da saudade: “Quando voltei ao lar deserto desses vultos queridos abriguei-me junto

²⁰ CORIMBO, Rio Grande, dez. 1930, nova fase, n. 352, p. 2.

a teu retrato idolatrada Julieta, e aí fiquei largo tempo imersa no passado, tendo como sombra o presente e indiferente ao futuro”²¹.

Eram os prenúncios da entrada do outono que caracterizavam o “diário de dor” datado com “14 de março” e, mais uma vez predomina o diálogo imaginário com a irmã, de maneira que Revocata afirma que já não importa o ambiente externo, ao dizer que “é certo, minha saudosa e idolatrada Julieta, que para mim não há estações outras, que aquela que plantou em meu viver, uma aridez desoladora”, na qual “há lufadas de dor geradas pela dura ausência, no lar querido, de todos que o povoaram outrora, de carícias, de encantos de amor, de enlevos que tudo dizem dessa cadeia que liga os corações”. No mesmo sentido, revelava que restara apenas “um inverno perene ante meus olhos”, com “manhãs, dias, tardes, tudo se me apresenta sob uma gaze plúmbea; não há sol que aqueça minha descrença; não há claridades onde a tempestade espalmou a asa lutulenta”. E é nesse “inverno ríspido” que seus “olhos gotejam sempre”, lamentando: “Ah! De ti, Julieta! Que amargura me invade o ser, como o pensamento rompe a estamenha da morte, e vai aos luminosos mundos de nosso adorável passado!”²².

O “Domingo de Páscoa” era o núcleo “Do meu diário de dor”, referente aos feriados que marcavam a chamada Semana Santa. Revocata descreve um belo dia e tece considerações sobre a personalidade de Jesus Cristo, afinal tratava-se da época de comemorações pela sua ressurreição. Em seguida, o tema da

²¹ CORIMBO, Rio Grande, fev. 1931, nova fase, n. 354, p. 2-3.

²² CORIMBO, Rio Grande, mar. 1931, nova fase, n. 355, p. 2.

saudade retoma o texto, o qual lembra “a impressão pesada” que eram trazidas pelas atividades em torno das solenidades rituais e das alterações do cotidiano que cercavam aquela data. A escritora considera que “a voragem da morte” sepultara suas esperanças, recordações do passado e dos entes queridos e a proteção que sentia junto a eles²³.

A inspiração para a próxima data do diário era o “5 de maio”, em alusão à mais uma perda familiar, sobre a qual a escritora lembra: “Minha sempre evocada Julieta, costumávamos em tristonho colóquio, falar das datas que se haviam plasmado em luto, dentre página de nosso viver”. Tratava-se do dia da morte do irmão João, apresentado como “uma folha viçosa, linda, beijada pela dourada mocidade, que o outono em sua ânsia de despir formosos troncos, arrebatou à árvore da vida”. Descreve-o como “tão bonito, tão expressivo na calma jovial que o distinguia”, assim como “tão elegante em seu porte mediano, airosamente aprumado, correto no trato e no sentir”, com a “cabeça esboçando a de Castro Alves, vasta cabeleira ondeada, deixando a descoberta fronte ala e alta”, sendo enfim, um “belo tipo de moço”. Lamenta pelos “tempos que se foram” e pelo “querido irmão”, que “não se perdia em sonhos, não se embrenhava nas dúvidas do amanhã, olhava os escampos horizontes da mocidade em flor, e afundava-se na opalina onda das esperanças”. Por fim, lastima a respeito do “pobrezinho, idolatrado João”, cuja “estrela de sedutores cambiantes afogou-se

²³ CORIMBO, Rio Grande, abr. 1931, nova fase, n. 356, p. 2.

na treva levando-te cheio de beleza, de inteligência e de bondade para a noite do túmulo”²⁴.

Mantendo a prática de descrever as condições climáticas na abertura de seus textos, tomando por base o “31 de maio”, Revocata fala mais uma vez de um dia chuvoso, no qual “os horizontes cada vez mais se conturbam”. Seu estado de espírito permanece vinculado à tristeza, a qual “vai aos poucos filtrando duramente meu ser, à semelhança daqueles suplícios inquisitoriais numa lentidão de agonia”. Nessa circunstância, apela para um recurso visual voltado a amenizar a saudade, segurando o retrato de sua “inolvidável Julieta”, beijando-o, “à feição de quem perdido em trevosa mata, corre ávido para um retalho de claridade, aberto embora ao alto pela quebra de um braço de árvore”. Ela descreve a atitude de uma busca impossível, afirmando que caminha, “como que em uma procura, de aposento em aposento, olhar interrogativo, peito opresso, mãos cruzadas sobre a fronte”, para finalmente exteriorizar a tristeza, confessando: “Que tortura, a saudade, a saudade! Vêm-me então as lágrimas, os soluços, essa explosão de dor, que só a solidão, só o retiro, só a ausência de um olhar humano, podem conhecer” com toda a carga “de agrura indescritível, de sofrimento de lâmina afiada, a sondar a carne em sangue”²⁵.

O “9 de julho” volta a constituir a motivação de um novo diário e Revocata aponta para as pessoas que não se importam com datas passadas, para os quais as mesmas não fazem nenhum sentido. Para ela, dava-se exatamente o

²⁴ CORIMBO, Rio Grande, maio 1931, nova fase, n. 357, p. 3.

²⁵ CORIMBO, Rio Grande, jun. 1931, nova fase, n. 358, p. 3.

contrário, pois “eu e outros que se seguem nas mesmas águas, guardamos no íntimo da alma, e dentre as anotações do pensamento, um acervo que nos é precioso de datas, que só morrerão conosco” e uma delas era exatamente aquela que abria o texto, fazendo mais uma vez referência à morte do irmão Otaviano. Revela o quanto ainda chora “com o pungentíssimo desespero, com que olhei teu vulto de moço cheio de sonhos, tocado pela poesia que parecia presidir toda ação de teus gestos íntimos, ali naquela quietude desoladora da morte”. Lastima também que, além do “saudoso irmão”, tivesse perdido também “aquela adorada, que chorava comigo nestas datas que são lâminas afiadas dando ao coração um gotejar de sangue”, questionando por que lhe fora arrebatada “a luz dulcíssima do olhar piedoso e belo de Julieta, que era como que a estrela núncia de momentos de bonança, em céu prenhe de sombras”²⁶.

A chegada da primavera é a inspiração do texto referente a “3 de setembro”, com a descrição de um ambiente marcado pelo surgimento das flores e a revoada de pássaros. Mesmo diante desse clima que poderia inspirar alguma alegria, Revocata não se sente assim e questiona: “Mas, por que suprimiu Deus nossa primavera, querida Julieta? Por que desdobrou para nós uma só estação?”. De acordo com seu estado de espírito, a autora diz que do lado de fora havia “uma cantata, um riso, um ruído de festa, um murmúrio de esperanças, uma onda de crenças”, ao passo que, no seio do lar, restava “uma atmosfera soturna, um gemido abafado de coração que se despedaça”. Dessa maneira, conclui o

²⁶ CORIMBO, Rio Grande, jul. 1931, nova fase, n. 359, p. 2-3.

diário, afirmando que: “Às vezes como uma rajada de tormenta, a dor explode na ânsia de termo bendito... Depois, serena, e fica a pensar em ti...”²⁷.

Com a chegada da “estação do estio”, Revocata apresenta “1º de dezembro”, descrevendo alguns dos “cenários indescritíveis” que marcavam aquele momento. Entretanto, uma outra vez havia o descompasso entre o exterior e o interior, conforme comenta a escritora, se referindo a “um encantamento de fábula se desdobra lá fora, mas a vida é de contrastes” , diante do que ela pergunta: “E, por que não muda a estação de almas como a minha sempre abafada no burel da mágoa?!”. E a resposta vem em seguida: “Porque são almas de dor, não conhecem alvoradas, não sabem do incêndio alucinante dos arrebóis; só tem visão para crepúsculos e ocasos tormentosos”. Novamente, apela para a época em que a irmã existia, e tal presença servia como um alívio, pois juntas eram “muito felizes”, resistindo à “saudade e à reminiscência” por meio da poesia²⁸.

Revocata se mostra contrariada em “2 de fevereiro”, porque, mesmo que fosse época de estio, caía uma enorme chuvarada. Havia pelo menos uma sintonia entre o clima e sua “alma”, na qual “há mais que tudo isto, há uma verdadeira tormenta de tristeza, de agrura, de saudades”. Lembrando da irmã, reclama que está solitária, sendo “preciso ser forte” e ter “a couraça de uma energia nem sempre compreendida, que aparenta, mas não esmaga o que vive, o que cresce, o que está preso às fibras de uma alma de dor”. Segundo ela, as

²⁷ CORIMBO, Rio Grande, set. 1931, nova fase, n. 361, p. 3.

²⁸ CORIMBO, Rio Grande, dez. 1931, nova fase, n. 364, p. 3.

memórias orientavam sua vida, ao afirmar que “neste momento minha visão amortecida paira em tudo que tem vulto, ou forma; que tem luz ou sombra; tudo enfim”, para lembrar do “convívio inolvidável de nossos corações irmãos e de nossos espíritos alentados pelo mesmo sopro, pelos mesmos credos, numa aspiração fora desse vai e vem da vida, desse mundano caminhar”, e “sem deslumbramentos de sonhos de acordados, sem êxtases, sem o ansiar pela gruta das magias, onde arde o sândalo do pensamento, numa eterna evocação ao ideal”²⁹.

O mês em que “se despede o estio” é a marca do diário ligado a “1º de março”, diante do que ela lembra que “as despedidas são sempre tristes”. A escritora volta a dizer que “para mim, todas as estações do ano vibram na mesma tecla”, pois “só conheço a da tristeza, a da saudade”. Dizia ter “um mundo em separado, um mundo muito meu”, pois “é certo que palmilho aquele que é de todos, só o corpo, porém é que o faz”, já que “a alma, o espírito percorre outras regiões, está sempre contigo, querida Julieta, fala também aos amados do lar, que há tanto se foram”. Para ela só resta “recordar, viver do que foi, do que se perdeu arrastado pela impetuosa correnteza da vida”³⁰.

Na concepção de Revocata de Melo, a saudade é um sentimento insuperável, que atormenta em todos os momentos da existência, conforme expressa no diário ligado ao dia “27 de março”. Segundo ela, a saudade era “pesada” e “torturante”, servindo figurativamente para tirar as cores da vida. Ela

²⁹ CORIMBO, Rio Grande, fev. 1932, nova fase, n. 366, p. 2.

³⁰ CORIMBO, Rio Grande, mar. 1932, nova fase, n. 367, p. 2-3.

questiona se poderia haver alguém que não fosse atingido pelo “martírio da saudade”, associando-a aos males da solidão, somatório que resultava no “silêncio” das recordações³¹.

A motivação do “5 de maio”, correspondente à perda fraterna de João, volta a aparecer no diário de Revocata, que destaca estar “na estação outonal, dias curtos, noites longas anunciando a hibernal” e o frio. Mas enfatiza mais uma vez que sua “alma combalida veste neblinas e sombras mais espessas, mais pesadas que as que me seguem na vida”. Naquela data, diz que rememora “essa partida eterna, acerba, envolvida num adeus mais torturante, mais pungente, mais sentido que o punhal numa ferida”, e junto de Julieta encarava “uma dor que nunca finda o momento da saída desgraçada desse irmão moço, tão lindo, tão bom, dormindo entre flores, tendo cedo o sonho amado da morte dentre os palores”. Sendo assim, explica seu estado de espírito, ficando “cismarenta, acabrunhada, sedenta de um sopro consolador por esta manhã de maio, batida pela refrega de inclemente ventania procurar o Campo Santo, a sua monotonia, aspecto que arranca o pranto”, sempre com “a voz da agonia”³².

Em pleno inverno, a “5 de junho”, Revocata apresenta mais uma tentativa de diálogo com a irmã, afirmando: “Que dia frio! Minha saudosa Julieta, não me posso furtar à consolação de conversar contigo. Tu me ouves?”. Descreve que em seus “sonhos, nas poucas horas de sono, por que continuo com minhas acres vigílias quase que há sempre uma labuta de flores entre nós”, as quais traziam

³¹ CORIMBO, Rio Grande, abr. 1932, nova fase, n. 368, p. 3.

³² CORIMBO, Rio Grande, maio 1932, nova fase, n. 369, p. 2-3.

consigo “a inspiração e a alma para a saudade”. Apelando para uma espécie de memória olfativa, ela exclama “Ah, Julieta minha, o perfume, o perfume parece que me faz uma segunda vida!”, pois “em meio ao perfume, o pensamento toma vulto, irrompe, deixa todo esse ai e vem banal, que é na existência como que uma argila a vedar-nos o êxtase, o tênue, o sutil, o vaporoso do sonho e da ilusão”³³.

Sem incursão às questões estacionais, a observação das vivências é a temática do diário apontado como “10 de julho”, no qual a jornalista diz que “tenho ainda na alma as grandes impressões de ontem”. Explicita que esta era mais uma característica em comum com a irmã, ao referir que “sempre fomos assim, minha adorada Julieta”, ou seja, “sempre a nos determos, a ficarmos como que presas a um emaranhado, a uma trama de sentimento que empolga, que nos faz sacudir sob impressão de desdém, o que se agita lá fora”, e que não poderia unir-se “ao que o coração sente e o espírito veste de sonhos, que são só para nós, para o nosso íntimo”. Mais uma vez, voltando-se para a inspiração floral, a redatora afirma que “as impressões na vida são como as flores”, pois “umas desabotoam rosadas, risonhas”, e “outras antes mesmo de seu desabrochar, enchem de aroma, de indizível perfume, o ambiente até mesmo o recanto onde se vão ostentar”. Sustenta que “feliz de quem não é impressionável”, avisando que não era o que ocorria com as duas irmãs, já que,

³³ CORIMBO, Rio Grande, jun. 1932, nova fase, n. 370, p. 2-3.

“nós, querida minha, creio que desde entradas no mundo prático, fizemo-nos vítimas da impressão”³⁴.

Sob a indicação de “31 de julho”, a responsável pelo *Corimbo* volta a fazer referência à estação do ano, no caso, a invernal, dizendo que “está a passar a estação em que se despem as árvores, em que, desapiedosamente, os ventos hibernais sacodem os ninhos, em que as geadas branqueiam campos e colmos”. Mas, em seguida, faz uma correção, destacando que “está a passar”, constituía apenas “uma forma de dizer”, pois “ela não passará já”, uma vez que, “em nosso amado sul, teremos ainda muito horizonte carregado, muita lâmina afiada pelo frio, a varar os agasalhos, a tocarmos a epiderme”. Por isso, faz um questionamento: “Mas, por que havemos nós de temer as agruras da natureza lá fora, quando pelas almas há tanta falta de calor?”, quando poderia haver algo muito pior, como “o gelo da ingratidão, por exemplo, acremente se pronuncia e não há sol que possa tirar-lhe a rijeza”. Segundo a escritora, conforme as ideias que trocava com a “saúdosa Julieta”, não haveria razões para temer-se o inverno. Afirmava, assim, que “no palmilhar da vida há tantos e tantos dias sem raios solares” e “tantas noites onde a neve da desolação penetra em corações onde desabrochavam flores”, aparecendo “alguém a tiritar de frio, sem o arminho de uma carícia” e ainda existindo “tanto olhar recolhido a glacial penumbra da saudade, que geme como o vento pela calada das noites de junho” e “tanta criancinha com a boca gelada pela ausência do beijo materno”. Novamente sobrepondo o estado de espírito ao clima, Revocata diz que “o

³⁴ CORIMBO, Rio Grande, jul. 1932, nova fase, n. 371, p. 2.

inverno mais inclemente, mais duro, mais torturante, é aquele que deixa a alma para sempre um ressaíbo de gelo, uma visão de eterna sombra”³⁵.

O mês em que “a primavera faz presença triunfal” é anunciado no registro diário de “1º de setembro”, que traz mais referências à presença das flores e dos pássaros. Entretanto, a escritora garante que, para ela, a primavera não passava de “um sonho do passado”, vindo a perguntar de que valia “o riso, a festa, um cenário refletido em tonalidades incendidas, aos olhos que já se afogaram em sombras, aos espíritos a divisarem, como o judeu da lenda do castelo, sempre a morte em seu caminho?”. Diz que setembro poderia “alegrar a muitos”, já que “a vida é mesmo assim, para alguém um desatar de primaveras e estios, para outrem constante invernia, horizontes sempre carregados, a procela a pairar” sobre “a mente”. Ainda assim, apela para que a esperança não fuja e sim que revele “que a imortalidade não é uma quimera” e “que há de vir sua era de bonança”³⁶.

O Dia de Finados volta a compor a pauta do “diário de dor”, marcado pela data de “3 de novembro”, com a narração de mais uma visita ao Campo Santo. Quanto a este tema, Revocata retruca o termo “Dia dos Mortos” como “aquele único que requer presença aos túmulos dos queridos que se foram, como pensam muitos”, pois, na sua opinião, “para levarmos lágrimas, saudades e flores, não há designação de datas, a alma que ama, e recorda sempre no culto íntimo, sente necessidade de ir àqueles derradeiros leitos para fazer uma visita

³⁵ CORIMBO, Rio Grande, ago. 1932, nova fase, n. 372, p. 3.

³⁶ CORIMBO, Rio Grande, set. 1932, nova fase, n. 373, p. 3.

de concentração” e “de ausência ao mundo lá fora onde fervilha a banalidade dos que riem muito e pouco pensam”. Revelando mais um detalhe de sua juventude, trava outra imaginativa conversa com a irmã, dizendo: “sabes bem, adorada Julieta, como desde nossa primeira mocidade tivemos aversão aos meios em que só estala a risadas e as fisionomias não mostram um traço de reflexão”. Ao continuar a discorrer sobre sua ida ao cemitério, a jornalista anuncia que “guardo de ontem o acerbo de pensar que os nomes dos astros do meu lar estão ali incluídos aos dos que enchem a funérea placa da morte”, mas lamenta estar naquela “tarde sob um profundo ambiente de tristeza nesta sala onde há a eloquência de retratos tão amados a olharem-me talvez com piedade, talvez com mágoa indizível”, ao quererem, “quem sabe, encher-me a solidão com as telas do passado”, em um conjunto no qual “tudo em volta de mim murmura o *miserere* da saudade”³⁷.

O “mês das festas” é a inspiração para a data de “3 de dezembro”, mas a escritora diz já não ter mais vocação para festividades. Ela afirma que já teve “dezembros alcandorados, dezembros como o verdadeiro deslumbre da felicidade, hoje os encaro como quem tem ante a visão uma constante sombra”, pois “apagaram-se para sempre tão irradiantes passagens” e “foram assim como um fogo pirotécnico a atrair, a deslumbrar, porém, de curta duração”. O mês em questão trazia um agravante, com a lembrança da morte de outro irmão, de maneira que ela enfatiza que “há ainda de permeio as vivas recordações que para mim povoam dezembro”, provocadas por “aquela tarde dolorosamente

³⁷ CORIMBO, Rio Grande, nov. 1932, nova fase, n. 375, p. 2.

longa, com aquele rasgar de desesperos com aquele amortilhar de esperanças e um sacudir de soluços ante o corpo inanimado do querido, do bom do estremecido Romeu”. Frente a este quadro, volta a apelar para a irmã: “Julieta, só tu me podes compreender! Que importa, estejas no além, e eu no calvário desta vida!... Enlacemos, pois, nossos pensamentos... Não há distâncias que possam sustar o voo do pensamento”. E completa: “O que não voa é a verdadeira dor! Essa vai lenta, arrasta-se, é pesada, dá-nos a impressão de um bronze sobre nós. O que voa é a felicidade, e essa, Julieta, deixou-nos para sempre!”³⁸.

Por ocasião do início de mais um ano, Revocata escreve sobre “28 de janeiro”, no qual há uma concordância entre o ambiente e o seu íntimo, como afirma: “o dia está exatamente como a folha negra que se abre em meu coração”, ou seja, “sombrio, agitado, envolto em uma lufada áspera, saturada de mormaço”, pairando “no ar como que uma interrogação a minha alma”. A referência era mais uma vez à morte de entes queridos, no caso o pai e a irmã e, diante disso, afirma que, apesar das mudanças de estações, isso já não fazia sentido “para quem um dia transpôs o pórtico lúgubre do infortúnio para quem já teve ante a visão a ave da morte espalmando as longas asas em seu lar”, pois este “reveste-se de uma tristeza, de uma desolação pouco compreendida”, sendo “como se visse em tudo um selo simbolizando a mágoa”. Era mais uma oportunidade para apelar ao figurado contato com a irmã: “Minha querida Julieta, que saudade, que saudade! A tarde está a expirar cheia de sombras e a noite virá cheia de trevas... Serão elas mais densas que as que tenho no íntimo? Não, não pode ser, aquelas

³⁸ CORIMBO, Rio Grande, dez. 1932, nova fase, n. 376, p. 2-3.

passam, vão-se”, ao passo que “estas, porém, permanecem, são núncias da tormenta que se desafoga na lágrima”³⁹.

Um sol “esquivo e arredio” caracteriza o dia “4 de março” e, de novo, ocorre a aproximação entre as condições climáticas e o estado espiritual, com a constatação de que “quando a alma só conhece aridez, quando a paisagem íntima está como que velada por uma cerração de desesperança e não há um sol artificial que lhe dê cor”, surgia a necessidade “de uma nesga ao menos do astro soberano a dar-nos a doce ilusão de que ainda há calor em nós”. Revocata revela que seu entorno é dominado por névoas, pois sentia falta da “saudosa Julieta” e da época em que estavam seus “espíritos, sempre tão imanados, tão presos aos mesmos ideais, tão seguros à bíblia do afeto, tão firmes à catedral do sonho”. Ela sente saudade das “divagações pelo passado”, que mantinha com a irmã, quando era possível “levar o pensamento além, muito além rasgar o planejamento dos tempos, desvendar, abrir, varar o impossível e chegar até essa paragem que lá ficou encravada no bronze do tempo que não mais volta”⁴⁰.

Considerando o momento corrente como o “mês de êxtase”, a escritora escreve “2 de abril”, época em que ela enleva sua “adorada Julieta”, pois “os poetas bem se dizem pontificadores nos templos da poesia do outono”. Referindo-se à irmã, Revocata afirma que “ainda hoje, ao descerrar a janela da alcova, fiquei sem ação”, com os “olhos parados no infinito, como que a interrogar-te, a pedir-te uma ideia nova, sobre a página de luz aberta ante mim”.

³⁹ CORIMBO, Rio Grande, fev. 1933, nova fase, n. 378, p. 2.

⁴⁰ CORIMBO, Rio Grande, mar. 1933, nova fase, n. 379, p. 2.

Explica a autora que, naquela hora, estava “a ver com os olhos da alma os adoráveis luars de abril, rasgando claridades sublimes, quando em tempos escoados, eu, tu e mais construtores de sonhos, à beira-mar, evocávamos vozes de liras já então com as cordas paralisadas”. Lastima que a lira de Julieta, “tantas vezes glorificada, tantas vezes beijada por simbólicas flores, também silenciou, também parou como o relógio das catedrais em vida”, de modo que só restava “recordar”⁴¹.

Outra data levantada por Revocata em seu diário foi o “27 de maio”, a partir do qual revela que já não mais precisa ser especificamente o de janeiro, com a morte de sua irmã, mas “o 27 de cada mês como que fica parado, ou antes, desdobra-se lentamente, tristemente assim como as recordações amargas, que uma vez presas a nossa ideia, difícil torna-se a afastá-las”. Com pessimismo, a jornalista afirma que ia num “declive da existência inteiramente ignorante da hora, do dia, do mês em que o coração paralisa a máquina humana e o invólucro de um turbilhão de coisas boas e más”, além “do grande e do sublime” e “do horrível e do tirânico, faz sua entrada sem revolta, à caverna do silêncio eterno”. Novamente, apela para a irmã, dizendo: “Minha Julieta, tantas vezes te invoco, tantas vezes te falo com as vozes da alma, do pensamento, da saudade, da recordação”, e pedia para que esta lhe mostrasse “a exatidão dessa vida do além, insufla-me a convicção, amordaça a dúvida que me atormenta, já que não posso entrar neste impossível que rege a vida do homem na terra”⁴².

⁴¹ CORIMBO, Rio Grande, abr. 1933, nova fase, n. 380, p. 2.

⁴² CORIMBO, Rio Grande, maio 1933, nova fase, n. 381, p. 3.

O frio era o tema novamente em relação ao dia “15 de junho”, carregando a sensação de um “desprender de tristeza amargurada”. O tópico predominante é mais uma vez a saudade de Julieta e “de outros tempos, de sonhos, de amenidades, tempos que foram, passaram, mesmo queimados de frio, mesmo despidos de flores, bem como a face do rio espelhando um céu sem cores”. Revocata lembra mais um detalhe do cotidiano pretérito, quando “nós lá dentro à saleta, no aconchego, no amor, ouvindo como trombeta que faz ouvir o clangor, a chaleira no brasido anunciando calor” e “depois o chá, a delícia de incontestáveis fluidos, ali a tornar unidos pensamentos, corações”. Diante da recordação, exclama: “Que saudade! Que saudade! Ó, Julieta querida! Do rosário do passado, cada conta que contemplo traz-me um poema encantado, mas a cruz que tem pendente é negra como meu fado”⁴³.

No dia “29 de julho”, Revocata de Melo afirma que “a saudade é na vida uma companheira a prender-nos ao isolamento”. Repete a tentativa imaginativa de comunicar-se com a irmã, dizendo: “Julieta saudosa, escuta minha oração da alma”, a qual “é uma prece, porque creio que as almas que sentem muito” rezam demais e, ante o nicho da santa invocada em pensamento ajoelham constantemente”. A jornalista reconhece que ambas estavam “separadas, em regiões opostas”, entretanto, contrapõe que “não há distâncias quando dois corações se fundem, não há ausência que deixe de ser vencida pela ronda do pensamento”. Nesse sentido, a editora do *Corimbo* conjectura que “viver para o presente é necessário, viver para o passado é ainda mais preciso, porque o

⁴³ CORIMBO, Rio Grande, jun. 1933, nova fase, n. 382, p. 3.

passado não pode morrer”, pois é nele “que a visão da alma vai encontrar os mais belos pedaços de cada existência”, e no qual “estão inscritas como em tábuas sagradas as glórias, as lutas, as dores do torrão natal”⁴⁴.

O primeiro “Do meu diário de dor” em que Revocata revela a presença de outras pessoas foi datado de “23 de julho”, parecendo constituir a presença da jornalista numa solenidade na qual havia música. Mesmo assim, continua sentindo-se solitária e saudosa, revelando: “É noite. Estou só. Teu retrato a minha frente, sobre a banca de trabalho, querida Julieta, é como véspero varando um turbilhão de nimbos”. Permanecia em meio aos pensamentos na “adorada irmã”, revendo “tanta folha do livro da vida, em que ambas olhávamos o castelo azul do sonho, todo iluminado pela poesia, lâmpada a faiscar, a desprender fagulhas. Tais elucubrações só foram quebrados pelo chamado de um poeta amigo que se propôs a escrever um soneto sobre Julieta, diante do que Revocata apela: “Julieta, sacerdotisa que foste no solene templo da dor, manda ao poeta pela luz de uma estrela teu olhar de gratidão. Que eu consagre-lhe aqui uma flor da alma”⁴⁵.

A data de nascimento de Julieta Monteiro, “21 de outubro”, torna-se oportunidade para extravasar as suas mágoas. De acordo com Revocata, durante a vida da irmã, o seu “dia natal foi um pálio de rosas em nosso lar querido”, pois “aqui, ali, em todos os recantos, como pinceladas rubras, amarelas, verdes, cantava a harmonia das flores atentas, debruçadas pelas jarras”, havendo

⁴⁴ CORIMBO, Rio Grande, ago. 1933, nova fase, n. 383, p. 1-2.

⁴⁵ CORIMBO, Rio Grande, set. 1933, nova fase, n. 384, p. 2.

também “o encanto da poesia, o encanto da vibração das líras”. Era então um “extasiante dia natal”, com “pomposas de primavera, hinários da passarada, perfumes dos jardins, dos bosques, das alfombras das moitas, das selvas e até das campinas em flor”. No entanto, tudo mudara com o falecimento e a jornalista diz que, a partir de então, “o teu dia é um dobre de dor em meu retiro”, no qual “a recordação plange, geme, parece uma infeliz alucinada, ora sorrindo ora chorando ora buscando o passado ora querendo a força plasmar-te ao presente”⁴⁶.

A seção “Do meu diário de dor”, marcada como “11 de novembro”, mostra mais uma vez uma Revocata tomada pela dor, aflição e desespero, sem que possa encontrar caminhos alternativos que ao menos atenuem este quadro negativo. Diante da chegada do crepúsculo, ela destaca a situação de inação que a cerca, tomando seu íntimo e deixando-a incerta entre a melhor opção adotada pelos outros, ou seja, de um lado a sociabilidade, de outro, o isolamento.

Mais uma vez voltado a recordar a ausência da irmã, o diário de “13 de dezembro” traz como novidade o interlocutor simbólico de Revocata que, pela primeira vez, deixa de ser Julieta e passa a ser Romeu. Neste sentido, chama pelo “saudosíssimo Romeu”, dizendo: “Se me ouves, se me vês, debes compreender que o tempo tem sido impotente ante a força de minha saudade, de minha pungente e consoladora recordação”. A escritora demonstra a importância desse tipo de ação, ao definir que “rememorar o passado é viver”, bem como “é olhar o que foi, o que a passagem dos anos arreda do viver

⁴⁶ CORIMBO, Rio Grande, out. 1933, nova fase, n. 385, p. 3.

presente, na impossibilidade de pisarmos de novo tais caminhos, mas que nos prende a visão da alma” e permite “que tenhamos muitas horas de completo enlevo íntimo, ou de profunda mágoa ao vermos sucederem-se no pensamento telas e telas, muito nítidas umas e ensombradas outras”. Para a escritora, o “13 de dezembro, com todo seu cenário de lancinantes lágrimas de indizíveis desesperos aberto em nosso lar, ante mim e nossa adorada Julieta, no seu “sono eterno”. Revocata confessa que deveria “pensar muito na morte”, pois, por meio dela, poderia encontrar novamente seu “bom irmão”, imaginando que “será doce um entendimento de almas que entraram no mundo sob as sagradas direções de pais adoráveis, sob um mesmo pontificar, um mesmo extremo, um mesmo conhecimento da comunhão de ideias” e “a mesma prece, a mesma hóstia de amor indelével”⁴⁷.

No próximo diário, identificado com “27 de janeiro”, a jornalista reflete sobre o papel do tempo como atenuador das dores por perdas, discordando quanto a este efeito. Segundo ela, “fala-se tanto na ação do tempo, no entanto, ele, como tudo, é por vezes vencido”, tanto que, apesar de terem se passado seis anos, “a dor deixada pela eterna ausência” da irmã permanecia, e continuava a infrutífera “busca em todos os aposentos de nosso desolado lar”. De acordo com a situação descrita, Revocata questiona se “o tempo tem acaso acalmado essa procela, tem sacudido este amontoado de sombras em meus horizontes, tem podido trazer rosas onde há cardos e cardos?”, respondendo negativamente, pois “o tempo opera facilmente quando a alma molda-se a uma bem-aventurada

⁴⁷ CORIMBO, Rio Grande, dez. 1933, nova fase, n. 387, p. 3.

resignação ou firma-se em consoladoras convicções”. Argumenta que, junto de sua “adorada Julieta” foram “sempre umas rebeldes ante o aceitar de tão feliz tranquilidade moral”. Ao visitar novamente o Campo Santo, que se encontrava “numa verdadeira solidão”, a escritora confessa que chegou a passar pela sua “imaginação a vertigem de um grande anseio pelo descanso no túmulo”⁴⁸.

Com a data de “20 de fevereiro”, o “diário de dor” refere-se ao irmão de Revocata que morreu bastante jovem. Ela diz que “a tarde me desafia a tristeza”, estando “como meu coração num abrir e fechar de claridade e sombra” e, “num encastelar de cirros, a tarde caminha em vésperas de cismas”, ao passo que seu “pensamento mais se afunda num crepúsculo de saudade”. Clamando por Julieta, lembra que aquela data recorda “o natal de nosso tão amado irmão Otaviano”, o qual era recordado “com os olhos da alma, cheio de mocidade, de talento, de crenças, de aspirações”, lamentando tanto o seu desaparecimento quanto o de sua filha ainda criança. Com base nessas memórias, a jornalista exclama: “Recordar, recordar, minha Julieta! Hoje, porém que não mais te vejo a meu lado, recordo só, recordo aconchegada na dor, na saudade, ao desespero da ausência de uma alma irmã da minha!”. E, para encerrar, apresenta uma pergunta retórica: “Por que pôs Deus no mundo tão poucas almas irmãs?”⁴⁹.

Ao rasgar a folha do calendário, Revocata encontra a data de “10 de abril”, momento em que teve “o pensamento perdido em um passado que vai longe” e no qual “tudo se foi na vertigem do tempo”. Ela pergunta “onde sumiu-se o

⁴⁸ CORIMBO, Rio Grande, fev. 1934, nova fase, n. 388, p. 2.

⁴⁹ CORIMBO, Rio Grande, mar. 1934, nova fase, n. 389, p. 3.

véspero de meus sonhos de então?”, dizendo não saber a resposta e concluindo que tudo muda e “o que vai não volta”, de modo que “a impetuosa corrente de impressões, de sonhos, de anseios, de dúvidas e de esperanças vai, serpeia, espuma, vence os diques e lança-se no grande mar da desesperança, deixando-nos à margem, olhos rasos d’água”. A ausência da irmã mais uma vez aflora com a expressão: “Minha Julieta, minha santa, imagino – segundo asseveram doutrinas em voga – quando em certas horas tardas de meu vegetar, te unirás a meu pensamento, acompanhando-me na sombria caravana da saudade e da mágoa”. Como que perdida, a editora do *Corimbo* diz: “Tenho momentos de uma aspereza, de um afã de quem busca uma gota de água, para consolar da sede devoradora”, parecendo “que estou em um deserto a procurar... Sou na vida uma sonâmbula no agir de olhos fechados, porque quando os tenho abertos, a visão é muito outra...”⁵⁰.

Numa nova apresentação do seu “diário de dor”, apresentada como “5 de maio”, a redatora da folha rio-grandina refere-se à saudade, à recordação e ao pensamento. Quanto à saudade, considera que se trata de “um pesadelo” e “uma afirmativa de que há no coração o ritmo de uma voz que está ausente e que nos agita”. A recordação é vista como algo que punge e arranca “a lágrima”, fazendo “sangrar a alma, mas também consola, alenta” e traz “a visão cismarenta, a tela de uma felicidade que se foi, mas naquele instante é uma ressurreição de luz”. Em relação ao pensamento, ele é definido como “um andarilho incontido, asa que não cansa, que rasteja, que sobe, que vence trevas, que não teme o crepitar

⁵⁰ CORIMBO, Rio Grande, abr. 1934, nova fase, n. 390, p. 2.

da labareda nem o contato da geleira”, sendo, enfim “o bálsamo e a tortura”. Tais considerações eram também fruto das lembranças da sua irmã, pois, como confessa a escritora: “Ó, minha Julieta, quantas vezes divagamos assim, em horas de um jogo de ideias, de um desfiar da trama que impulsiona a palavra”, mas isso ficara no passado, pois esta sumiu, “passando a cordilheira da vida”⁵¹.

Com a chegada de um outro inverno, Revocata escreve a “21 de junho” sobre as características dessa estação e, mais uma vez, constata que o pior clima invernososo seria aquele que é sofrido figurativamente pela alma. Neste sentido, apelando para Julieta, ela afirma que dentro “da alma há um inverno mais impressionante”, ou seja, “o inverno da mágoa”, a partir do qual “goteja a lágrima, sente-se o cortante da neve da desesperança, o bater das negras asas dessa ave de agouro, que é a dor sem esperança”. A escritora completa a ideia, dizendo que havia também um “inverno ríspido como que um funeral constante, que a saudade desgrenhada e lívida faz soar na desolada ermida do coração”. E, conforme o sentimento exposto, constata que “é este o pior inverno, é aquele que existe para os insubmissos da resignação, para aqueles que não deixam cair a pedra do esquecimento, sobre a consoladora visão do passado”⁵².

No “diário de dor” relacionado ao “8 de julho”, a temática continua a ser o inverno, considerado “como que uma antítese da alegria”. Nessa estação, segundo a jornalista, “a chuva, os gelos, as longas noites” convidam para o ato de “recordar, para a saudade, enquanto o vento geme lá fora, à semelhança do

⁵¹ CORIMBO, Rio Grande, maio 1934, nova fase, n. 391, p. 2.

⁵² CORIMBO, Rio Grande, jun. 1934, nova fase, n. 392, p. 2-3.

solução que se prende à garganta, impulsionando a lágrima que desliza na face". Frente à sua situação, Revocata queixa-se: "Deus é tão bom! Por que deixou-me só? Tenho tantas e tantas vezes sofrido pelo mal alheio, que certamente deveria merecer recompensa. Há muita ingratidão no mundo!". Falando à "saudosa Julieta", a escritora lembra "quantas vezes desdobrávamos nossos julgamentos sobre o que há de acerbo no esquecimento de extremos, de dedicações", destacando que ambas se entendiam muito bem. Revela que chegara a encontrar alguém que não morava no Rio Grande, mas se encontrava na cidade e prometera-lhe companhia, "buscando assim acabar um pouco sua amargura", pois "é horrível não ter família". Diante dessa proposta, dizia não saber "como avaliar tais palavras de um quase desconhecido", considerando uma "alma de profundo sentir", que também deveria "ter sofrido para tão expressivamente compreender a dor"⁵³.

A constatação de que "não vem longe a primavera" é feita pela escritora no texto identificado com a data de "18 de agosto" e, uma outra vez, faz uma analogia entre a estação do ano e o estado de espírito. Revocata determina que "a primavera que constitui parte na vida da criatura é a mais formosa das primaveras", pois "também tem flores e frutos, céu de turquesa, madrugadas de ouro, vesperais de deslumbramento". Entretanto, tal primavera "passa com brevidade e para aqueles a quem sorriu não volta mais", ou seja, "é como tanta coisa na vida, vai e não volta". Em seguida, retoma o tema da finitude da vida, perguntando se "na morte não haverá primavera, minha adorada e sempre

⁵³ CORIMBO, Rio Grande, jul. 1934, nova fase, n. 393, p. 3.

invocada Julieta?”, considerando que “deve haver sim”. Para ela, em tal região, “segundo os que professam a crença espírita – tão consoladora – a primavera deve ser de embevecer”, pois “lá nessa vida, não se poderá ter o contato do gelo das invernias, o soturno das amplidões nevoentas”, constituindo um lugar onde é “tudo luz” e, mais precisamente, “a luz da calma, da paz, da verdade”⁵⁴.

Em uma “tarde de sombra”, a “11 de setembro”, Revocata percebe “a asa da tristeza pairando no ar”, confirmando que “é sempre assim, a asa da tristeza passa e repassa pelo recanto da solidão”. Referindo-se às opções temáticas de suas criações literárias, quanto à tristeza, diz que “os que não pensam ou pensam pouco, não a conhecem”, ao passo que “para nós, evocada Julieta, foi ela como que uma visão que nos faz ceder a seu poder magnético”. A escritora revela que elas as duas tinham suas “naturezas desenvolvidas sob o calor de um espírito muito fora do sentir banal, forçosamente como as plantas de estufa”, que se habituavam “a um ambiente mais de encanto espiritual que físico, mais de lampejos, de sensações da alma, que de gozo frívolo, preferindo os ruídos pouco expressivos”, os quais “são as aspas de sol dardejante que a planta da estufa repele”. Ao final, a autora divaga, afirmando que “a tristeza é a recordação, é a saudade, é a ilusão morta”, dizendo que faz “estas divagações para ti, adorada Julieta”, pois “poucos me entenderão” e “não importa”⁵⁵.

O diário referente ao “15 de novembro” fala de uma “tarde de sombra” e com “chuva fina” e, neste ambiente, a responsável pelo *Corimbo* diz que não está

⁵⁴ CORIMBO, Rio Grande, ago. 1934, nova fase, n. 394, p. 2-3.

⁵⁵ CORIMBO, Rio Grande, set. 1934, nova fase, n. 395, p. 2.

só, pois permanecia ao lado de “duas inseparáveis companheiras – a recordação e a saudade”. Ela constata que “a vida é só de dores” e relata que fora ao Campo Santo, levando flores e colocando-as “sobre o mármore que encerra os mudos invólucros dos corações que adorei e me adoraram”. Nesse cenário, ela ficou “a pensar neste mistério da morte”, considerando que, “forçosamente, não é possível acabar ali todo este infinito girar existente no corpo humano, para o bem e para o mal, para o belo, para o horrível, descendo e subindo, amando e odiando, criando e destruindo”. Para Revocata, “o espírito deve alar-se, mas não pode espedaçar de vez, o laço que o prende a um amor que deixa na terra”. E uma outra vez espera uma impossível resposta da irmã, pedindo: “Fala-me, Julieta, diz-me alguma coisa desse mundo ignoto”⁵⁶.

Observando “uma sugestiva paisagem em pasta de papéis queridos”, a “1º de dezembro”, Revocata dá-se conta do quanto prefere “as paisagens da alma”, principalmente aquelas vinculadas à natureza. Em referência, mais uma vez, a uma de suas preferências criativas, a autora afirma que “cultuando tudo que forma esses vibrantes quadros da natureza, sinto-me sensivelmente apegada às paisagens da alma”. Para ela, “a alma possui telas esplêndidas cheias de tonalidades arrebatadoras”, além de “paisagens” com “riqueza de imprevistos” e uma “flora extraordinária”. Diz que “nos quadros da alma há tudo”, como “luz e sombra, rosas e martírios, córregos dentre virentes e aveludadas margens e rudes escarpas, céus de estio, céus de bonanças, céus de temporal, céus de chumbo, céus de mistério”. Considera também que “as paisagens da alma são

⁵⁶ CORIMBO, Rio Grande, nov. 1934, nova fase, n. 397, p. 2.

sonantes” e que “elas gemem e sorriem, nos desesperam e delíam”. Entretanto, ressalta que “nem todas as almas desdobram lindos aspectos”, pois havia também “almas cerradas como o mais negro abismo”. Mas, por outro lado, havia “outras como foi a tua, minha Julieta, constituindo o que vulgarmente chamam um céu aberto, um relevo de pérolas e diamantes”, ou seja, uma “alma adorável”⁵⁷.

O próprio aniversário e a virada do ano eram o tema do diário de “31 de dezembro”, no qual Revocata se volta aos seus “queridos”, dizendo-lhes “quanta saudade, quanta dor, quanta recordação”. Confessa que, no passado, seu “dia de natal teve tintas de arrebol em manhã de estio”, mas que, no presente, tornara-se “um pôr do sol nebuloso, um pôr do sol afogado em nimbos que se encastelam”. Descreve que novamente dirigira-se ao cemitério, onde olhara para “aquele mármore duro, gélido, que encerra despojos preciosíssimos para mim, e dobrei páginas amadas, páginas de amor puríssimo, reveladoras de um passado que naufragou no pélagos desolador da morte”. Diante da argumentação de que “tudo passa”, discorda plenamente, pois “as recordações, as saudades” permaneciam consigo, dando-lhe “a impressão, o reflexo dos 31 de dezembro, que lá ficaram à margem, olhando o bracejar improfícuo das alegrias que naufragaram para sempre”. A escritora, porém, encontra um atenuante para os seus sofreres, que age como “uma onda salvadora, embalando-me suavemente

⁵⁷ CORIMBO, Rio Grande, dez. 1934, nova fase, n. 398, p. 2.

com o fim de afastar-me da desoladora praia da saudade”, fazendo referência ao “carinho dos amigos, que me buscam neste natal”⁵⁸.

Uma “data desgraçada”, como o era o “27 de janeiro”, chegava mais uma vez para a escritora, a fim de reforçar o dia do desaparecimento de Julieta. Ao lembrar da irmã, Revocata diz que “cuido que te sinto, que vives ainda em meu olhar, que estremece tua mão entre as minhas, que arfa teu peito junto ao meu”, e que “teu espírito deve forçosamente andar como véspero em volta deste aposento em que estou”. Ela invoca “Julieta, minha poetisa da saudade, minha escultora exímia pela galeria da mágoa que soluça”, dizendo-lhe que aquele “dia tem sido lento, imenso, torturante”. Mencionava que andara “a enramilhetar de flores teus retratos, que decoram nossa casa – um recanto da saudade” e pensa “nos contrastes da vida”, pois enquanto o sofrimento a consumia, havia “lá fora o estrépito dos bondes, o fonfonar dos autos, a sonância do riso e da palestra dos que vão e dos que voltam, sem um minuto sequer, prenderem o pensamento ao que não é prazer”⁵⁹.

Em mais um dia de chuva, datado de “13 de março”, enquanto o ambiente se concentra no gotejar e no denso nevoeiro, Revocata diz que “a minha alma, querida Julieta, reza o salmo da saudade, triste, chorosa, inquieta”. Revela o turno do dia que mais lhe traz nostalgia, explicando que “a noite é sempre o epílogo, é o final, é a pedra que cerra a vida do dia, como porta tumular”, sendo também “a esfera onde gira o pensamento, onde mais cresce o tormento”. A

⁵⁸ CORIMBO, Rio Grande, jan. 1935, nova fase, n. 399, p. 2-3.

⁵⁹ CORIMBO, Rio Grande, fev. 1935, nova fase, n. 400, p. 3.

escritora prevê que, depois da chuva, deverá vir a tormenta, de maneira que “serão duas procelas porque adentro o peito meu, se desata a dor que geme, que sangra, que às vezes freme pior pelo meu Deus, que o tufão”, já que “as tormentas da alma duram tempos, não têm fim”, e, sustenta sua ideia ao afirmar: “Que vale, pois, Julieta, andar pela vida assim!”⁶⁰.

“Do meu diário de dor” marcado como “13 de abril” traz mais um “diálogo” – na verdade um monólogo – entre a irmã viva e a morta. Neste sentido, Revocata invoca: “Querida Julieta, cada vez a saudade mais me prende em seu ergástulo de dor. Tudo que vejo, tudo que toma vulto junto a mim abre uma recordação” e “forma um pensamento, encadeia uma cena que ficou esculturada no passado”. Ela sente um “passado que fala, que chora, que traz à tona dias, meses e anos”, porém não se mostra como se tivesse medo. Com uma grande carga de sofrimento, a escritora queixa-se das longas noites, nas quais aparece o “desespero” e “o anseio da extinção da vida”, por não poder falar com a irmã e “desatar, no desaforo íntimo, a tormenta” que lhe enchia o coração. A jornalista reclama por ter “um cárcere visível” só para si e lembra da “admirável afinidade de sentir e de pensar”, que tinha para com a irmã, revelando que continua a ter a “indizível aflição que impulsiona a invadir os aposentos de casa” a procurá-la, obviamente sem sucesso⁶¹.

O tempo hibernal volta a constituir a temática do diário de “5 de junho”, frente ao qual Revocata define que o inverno é “estação da saudade, do

⁶⁰ CORIMBO, Rio Grande, mar. 1935, nova fase, n. 401, p. 3.

⁶¹ CORIMBO, Rio Grande, maio 1935, nova fase, n. 402, p. 3.

pensamento triste, da recordação que leva ao que não mais existe e não poderá existir”. Lembra que era a época das “noites feitas para o aconchego da família e para a palestra saturada da amizade, na troca de ideias, de projetos, de esperanças, de dores, de alegrias, na maciez dos íntimos”. Como não possui mais nada disso, a escritora sentencia: “Mas, minha Julieta, quem perde queridos do lar, perde tudo”. Segundo ela, “rareiam muito os espíritos a lerem conosco o mesmo missal”, de maneira que “quem se demora no estudo, na observação das almas, está a assistir a um desabar de ilusões”, pois “poucos são os que de dia em dia deixam de passar a esponja do esquecimento em páginas que deveriam estar sempre em sua memória”⁶².

Num dos períodos em que esteve adoentada, com a suspensão da edição do *Corimbo*, Revocata também deixa de escrever seu “diário de dor”. No retorno, identificado com o “14 de setembro”, em referência à data da morte de sua mãe. Justifica que “há tanto enlaçada pela doença, meu diário tem estado amordaçado”, mas “isto não quer dizer que em pensamento não te haja falado muito, minha saudosa Julieta”, pois, “em horas de dor é que mais e mais recordamos aqueles a quem amamos”, sendo “também em tais emergências que conhecemos os corações que nos querem com lealdade”. A escritora diz que naquele mesmo dia “tinha a alma e o espírito como que afundados no oceano de lacerantes recordações”, vendo-se “no adorado lar todo em trevas, junto aos irmãos inolvidáveis, e aquela velhinha - exemplo de resignação -, a avó que apertava” todos junto “ao peito, numa voz de sublime consolo ante o leito onde

⁶² CORIMBO, Rio Grande, jun. 1935, nova fase, n. 403, p. 2.

estava nossa idolatrada mãe, sem vida, sob a expressão desoladora dos que deixam a terra, para transporem os pórticos do além”. A jornalista expressa o sentimento de que “nunca o 14 de setembro deixará de ser em minha vida uma badalada fúnebre”, considerando “felizes os que pensam tanto nos desdobramentos do presente, que facilmente esquecem o que ficou à margem oposta”, embora “estes podem ter um engaste de valor, porém, falta-lhes a fina pérola da sensibilidade”⁶³.

A morte do irmão Romeu volta a assombrar Revocata em um novo diário datado de “15 de novembro”. Logo na abertura, já revela que tinha repulsa por aquela data, pois, “dentre o rosário de minhas recordações, negras são as contas que marcam as preces neste dia”. A escritora “pergunta” à irmã quanto tempo já fazia do ocorrido e lembra que “corria o ano de 1911, quando o 15 de novembro sacudiu-nos a alma, para uma desesperadora certeza a sufocar a esperança que ainda mostrava brotos, núncios de vida”. Relata o quanto chorou ao lado da irmã e, “depois, passaram dias, meses, anos e o maldito 15 de novembro, anátema, pesadelo, esmagador, a trazer-me a pressão de uma amargura que a face pode não mostrar, mas o coração, que é o pêndulo da vida, assinala inclemente”. Enfatizando algumas das palavras, diz que “*aquele* 15 de novembro, com seu requinte de maldade, parecia estender-se, trazendo-me como *recompensa* uma ingratição dura como a pedra”. A autora destaca que quando Julieta estava ao seu lado, ao menos “a punhalada atravessava as duas almas”, mas “hoje, a lâmina fere e o peito esconde o sangue”. Ela olha pela janela de seu gabinete e

⁶³ CORIMBO, Rio Grande, set. 1935, nova fase, n. 403, p. 2.

escuta um rádio tocando música na vizinhança, como uma “onda da alegria para muitos”, mas, por outro lado, “geme para meu espírito o violino da tristeza, vem-me baixinho a monodia de um sentir que poucos compreendem, porque vive encarcerado na gruta do silêncio”⁶⁴.

Sob a datação de “13 de dezembro”, a recordação do diário volta a ser o irmão Romeu. Lembra da morte do ente querido e das reações dela mesma e da irmã, quando viam e pensavam “que ele não nos falava, não nos consolava”, dizendo do que ia “em seu peito de irmão, de amigo, em toda plenitude desse sentir que não recua ante o sacrifício, que é uma coluna firme, a ampararmos nos desesperos da vida”. Em seguida, vinha “a saudade, que é na existência o mais pesado lenho a carregar”, de modo que ela considera “felizes, muito felizes, os que não sabem o que é a saudade, porque ela não pode aparecer-lhes, dentre a turma dos prazeres, dentre o desfilar dos refratários à tristeza”⁶⁵.

Na virada de mais um ano, chega novamente o aniversário de Revocata, a “31 de dezembro”, considerando o “seu dia”, exatamente aquele “de recordações” que trucidavam “as entranhas”. Diante da imagem que o passar da idade correspondia ao desprendimento das folhas de uma árvore, a poetisa diz que “as do calendário de minha vida se têm desprendido, deixando-me saudades de eterno viço”. Afirma que o “carinho de amigos que formaram dulcíssima cadeia de afetos em torno de mim” servia como um consolo, embora insuficiente para diminuir sua tristeza. Era também o dia de visitar o cemitério, onde mais uma

⁶⁴ CORIMBO, Rio Grande, nov. 1935, nova fase, n. 404, p. 2-3.

⁶⁵ CORIMBO, Rio Grande, dez. 1935, nova fase, n. 405, p. 2.

vez estava sozinha, lembrando “quantas e quantas flores coloquei”, onde dormia Julieta, “na paz do mistério tumular, ao lado de todos que do nosso adorado lar fizeram um reino de amor e de felicidade”. A autora confessa que novamente chorara muito, “com os olhos da alma”, por “aquele passado que não volta, que nunca mais verei”⁶⁶.

Levando em conta a caracterização do “mês de encanto, mês de alegria e de pranto”, a editora do *Corimbo* escreve uma breve página de seu diário, identificada com o “5 de abril”. Aponta que abril era o “mês que os poetas divinizam e nas líras eternizam pela noite enluarada ou quando soa a toada que vem quebrando na estrada o silêncio cismador”. Recordando várias características daquela época do ano, normalmente enquadradas em lances de felicidade, a escritora acaba por “perguntar” ao próprio mês: “Abril, por que não desatas do passado as cantatas sem meus caminhos sem luz? Tu não vês minha saudade, tu não vês sem claridade o mundo do meu sofrer?”. A jornalista descreve que seu “pensamento procura meses outros, no passado, assim de um formoso abril, onde minha alma a teu lado, Julieta querida, tecia todo o poema do lar, do sonho, da vida”. Mas, após a morte da irmã, segundo ela, só ficara tanto “abril tristonho”, cheio de névoa e sombra, em meio das quais não via “nenhuma alfombra onde me possa acolher”. Continuando com a proposta de cobrança, diz que se o mês de abril tinha consigo tantas coisas boas, “por que não trazes a mim, a volta do meu tesouro”⁶⁷.

⁶⁶ CORIMBO, Rio Grande, jan. 1936, nova fase, n. 406, p. 3.

⁶⁷ CORIMBO, Rio Grande, abr. 1936, nova fase, n. 409, p. 3.

O clima invernosso volta a ser o mote do diário relacionado ao “20 de junho”, constituindo um dos primeiros em que não há evocação ao nome de Julieta Monteiro. Dessa maneira, Revocata sublinha a “entrada de inverno, tempo em que a saudade em seu desdobrar, mais parece um gemido eterno”, passando a citar várias das características dessa estação, relacionando-as com as emoções. Ocorriam então “dias sempre em agonias de penumbra, sem um colorido de arrebol, sem um beijo de sol”, a partir dos quais vinha “a tristeza das sombras”. Nesse sentido, imagina o inverno como “um proscrito cismarento, sem lar, sem luz, sem alento, vestindo a cor do tormento em busca da solidão”. Segundo a autora, as longas noites inverniais levavam o pensamento a “voejar pelo passado, saudoso, aflito, internado nesse mundo de sonhos que encerra tantos luas, tanta esperança florida que se transforma quem sabe, num pesadelo sem fim”. Mesmo dessa maneira, diz saber que o inverno traz “poesia no desmaiar dos ocasos, nessa atroz melancolia que invade neste momento meu ser em funda agonia”. Assim como sabia que na vida todos querem “achar guarida, onde o sofrer inclemente possa ter um lenitivo, um consolo, a frase quente mostrando na terra o céu, rasgando o véu lutulento da mágoa de uma saudade” a qual “fica pela existência, como a sombra de demência que nos trucidada a razão”⁶⁸.

Uma tarde de neblina que, na concepção da escritora, correspondia a uma tarde de saudade, tristeza e recordação era abordada no “diário de dor” do dia “9 de julho”. De acordo com estas características, Revocata descreve que “lá fora há

⁶⁸ CORIMBO, Rio Grande, jun. 1936, nova fase, n. 411, p. 2.

o quer que seja de funéreo”, com “horizontes carregados, natureza morta, sol em declínio lutuoso”, enquanto que, “aqui dentro, a saudade, a sombra que me acompanha, a voz que me persegue, o planger que me tortura, o badalar que não cansa, a nênia que confrange o coração, a dor que não tem bálsamo, que não tem cautério”. Considera que a saudade não é “sonho, nem ilusão, nem fantasia”, mas sim, “o real em toda sua dilacerante verdade”, de maneira que “quem está inoculado pela saudade, quem lhe sente o agulhão supliciante, não vive, vegeta, caminha taciturno, cismarento, olhos quase cerrados, pensamento alado, coração em ânsia”. A escritora compara a saudade a uma sede sem fim e a “um abismo, uma caverna sem luz, porque a esperança fugiu deixando-te às escuras”, para concluir que “o polvo da saudade é atroz e sedento”⁶⁹.

O tema do próximo texto, que não traz identificação de data, é a felicidade, sobre a qual a autora faz diversas considerações. Passada esta visão geral quanto à localização da felicidade, Revocata mais uma vez invoca Julieta, dizendo que “seja como for, minha adorada Julieta, a felicidade completa só existe para mim, no amor, no carinho, no aconchego da família”. Ela esclarece que não pretende “dizer com isto, que só no constituir família é que pode haver a verdadeira felicidade”, acreditando que poderia ser “no lar onde temos nossos pais e irmãos”, no qual “reside uma felicidade incomparável”, pois havia “ali amigos verdadeiros, grandes amigos nunca desmentidos” e, “sob esse templo de fraternidade, todos no mesmo molde de caráter, na mesma norma de educação, no mesmo pensar, no mesmo sentir, na mesma dor, no mesmo riso”, haverá

⁶⁹ CORIMBO, Rio Grande, jul. 1936, nova fase, n. 412, p. 2.

“uma felicidade inigualável”. Frente a esta constatação, a jornalista manifesta saudade com a “recordação profundíssima de nosso lar”, sentido que a sua “felicidade levantou o voo para as amplidões do além”, não podendo mais ser encontrada⁷⁰.

O aniversário da mãe torna-se o assunto do diário de “17 de setembro”, o qual correspondera no passado a “uma deslumbrante apoteose de extremos de felicidade”. Entretanto, no presente de Revocata, vivia apenas a recordação, a qual iria com ela “para a treva do túmulo”. A escritora diz que “a voragem da morte tudo levou”, mas permaneceram as heranças deixadas pela mãe, como os “nobres ensinamentos” e o “caudal de ternura, de amor, de enlevo, com que tornavas teu lar, um paraíso”, de maneira que “esse tesouro ficou” para os filhos. A autora destaca que todos os filhos carregaram as lições aprendidas com a mãe, no entanto, com o passar do tempo, só restara a própria Revocata “nesse culto de adoração”, já que “os outros que foram colunas de afeto e sacrifício no santuário da família estão hoje a teu lado no além”. Ressalta ainda que no mesmo lugar pairava “também o espírito nobre, puro, invulgaríssimo do pai amado e eternamente pranteado”, de modo que permanecera apenas ela, como um “fraco pedestal para tamanha cruz”⁷¹.

Um outro aniversário de Julieta, um outro “21 de outubro” e mais uma manifestação saudosa de Revocata, que promete jamais deixar de lado as recordações da irmã. Ela saúda a data em pauta, comparando as boas

⁷⁰ CORIMBO, Rio Grande, ago. 1936, nova fase, n. 413, p. 3.

⁷¹ CORIMBO, Rio Grande, set. 1936, nova fase, n. 414, p. 2-3.

lembranças fraternas com as condições climáticas primaveris e, portanto, o fim do inverno. O reviver do passado em família servia como uma atenuante para as suas “largas insônias” carregadas de saudades⁷².

Ambientado numa “tarde um pouco fechada em sombras”, o diário correspondente a “13 de novembro” aborda a perspectiva de que “há tristeza em tudo” e “há como que a face dolorosa de saudade”. Segundo Revocata, o entardecer é a “hora da evocação”, aquela “em que nosso pensamento vai buscar o passado, vai buscar aqueles que nos amaram, que souberam compreender essa grande página que o verdadeiro sentimento faz soar em nosso coração”. Em seguida, vem uma nova evocação à “querida Julieta”, indicando-lhe que “nesta hora de penumbra tua imagem se me afigura nítida, real, tal em tempos recuados, quando no gabinete, aproximadas as poltronas, largamente trocávamos ideias erguendo castelos” e “indo ao país da quimera, aos mundos da fantasia e finalmente resvalando para as escarpas da saudade sem esperanças”. Mas lamenta que “tudo se foi”, e diz que “é tão amargo não haver quem nos entenda”, pois “é como se estivéssemos em meio de ruínas onde a voz humana se houvesse paralisado”. Por causa disso, diz que sofre demais, “quando observo, quando me compenetro de que a ilusão é partilha da vida, não poucas vezes em seu desfolhar trazendo-nos a lágrima”⁷³.

E chega outra vez o dia de Natal, na sofrida vivência da editora do *Corimbo*, a qual lembra que tal data é de alegria e união da família, duas coisas

⁷² CORIMBO, Rio Grande, out. 1936, nova fase, n. 415, p. 2.

⁷³ CORIMBO, Rio Grande, nov. 1936, nova fase, n. 416, p. 2.

que ela não mais possuía. Argumenta que “há tantos Natais opostos”, pois “uns marcam o nascimento de uma realização de deslumbramento na alma”, enquanto “outros marcam a chegada de uma era de desdita, carregam trevas”. Frente a essa dicotomia, a escritora “propõe” à irmã que fizessem “um Natal espiritual”, ou seja, “mentalmente unamos nossas ideias, nossas almas, nossas recordações”, já que “nossos espíritos foram sempre tão irmãos, nossa esfera de sonhos pouco traduzível, pouco aliada a esse vai e vem que gira e fala e prende e seduz a meio mundo”. Surgiria assim um “Natal envolto em gerânios de recordação, iluminado pela ilusão que nos mostre palpitante e bela a época adorada que a desdita e o tempo impiedosamente arrasaram”. Desse modo, conclui que a irmã e ela não deveriam cuidar “da vida enganosa”, vindo a elevar “o pensamento a uma região mais pura”⁷⁴.

Há resquícios das festas carnavalescas no diário de “6 de fevereiro”; apesar disso, Revocata reclama ao dizer que “parece que hoje não tenho na alma uma aresta de claridade”, pois “anda em volta de mim, a voz plangente de uma grande saudade”, apesar de, “no mundo exterior”, andar “em esgares o deus da folia”, mas, “nas regiões íntimas, acorda sem expressão uma utopia”. Diz que “passou como em um sonho pesado e lento este dia de recordações, em que a visão do corpo nada viu e os olhos da alma tudo vestiram de dor e desalento”. Referindo-se mais uma vez ao entardecer, ela comenta: “nesta hora, minha

⁷⁴ CORIMBO, Rio Grande, dez. 1936, nova fase, n. 417, p. 2.

Julieta, tudo pensa”, já que “há uma força imensa arquitetando a natureza e uma saudade indizível a que estamos profundamente presas”⁷⁵.

Uma das edições “Do meu diário de dor”, referenciando apenas o mês de “março”, é apresentada na forma de versos. Apesar do formato diferente, a estrutura permanece a mesma da maioria dos textos, envolvendo a descrição do ambiente, a saudade e a evocação de Julieta. Revoca se refere ao “calor sufocante” daquela momento do ano, no qual, apesar do “céu brilhante”, a saudade permanecia sendo a sua cruz. A chegada da noite serve mais uma vez para aumentar as suas angústias, pois é o momento em que “o passado se desdobra e a mágoa desprende um grito”, restando apenas o ato de rezar pela alma da irmã falecida⁷⁶.

A abertura do “diário de dor”, realçado com o “21 de abril”, traz características dos textos encomiásticos que a redatora inclui nas páginas do *Corimbo*. Como demarcava a data, a referência é ao “vulto dentre as páginas que mais ecoam na história pátria”, aparecendo “em relevo de patriotismo, a sobranceira figura de Tiradentes”. Em seguida, cita o “ideal” como um dos temas preferenciais nas conversas dela com a irmã, qualificando-o como um “doce fardo que nos dá rosas e nos dá espinhos”. Conta também uma história de que uma jovem, enamorada de Goethe, ao perdê-lo, passou a escrever “longas missivas de infinita saudade”, em uma “adorável correspondência de pensamento”. Essa referência serve como justificativa para introduzir a

⁷⁵ CORIMBO, Rio Grande, fev. 1937, nova fase, n. 419, p. 2.

⁷⁶ CORIMBO, Rio Grande, mar. 1937, nova fase, n. 420, p. 3.

temática preferencial e até mesmo para uma tentativa de justificativa quanto às “conversas” que mantinha com Julieta. Neste sentido, ela diz: “Ora, nós, irmã, sempre invocada, nós, cujos corações tanto se uniram nas mesmas crenças, nos mesmos postulados de sagração ao lar”, por qual motivo não poderiam falar “a sós, quando o silêncio, a mágoa, a recordação, a saudade, a dor fazem cortejo de impressões profundíssimas junto a mim?”⁷⁷.

A escritora acaba por deixar evidente que a estação invernal não é a sua preferida, e isso fica claro no diário de “16 de julho. Dessa maneira, diz que estava predominando o “inverno, com todos os toques de tristeza e de profundo adormecer da natureza pelos campos em fora”. Reclama que “não há estendais virentes, não há flores, não palpitam os ninhos, os pássaros não cantam, as árvores são espectros de pé”, sem haver “nem a mais pequena nesga de relva, trazendo a linda cor da esperança”. Descreve também “toda a extensão amarelada, seca, sem viço, sem alma” e “pelos espaços os nimbos, as cerrações, as neblinas e o frio a fustigar os que andam lá fora no giro da vida”. Após essa abordagem do ambiente externo, Revocata passa a tratar de suas questões interiores, dizendo: “Meu Deus, tanta mudança no correr do tempo, tanta face diversa pela natureza, só o meu mal não muda”, pois “fez-se noite em meu espírito, fez-se treva em minha vida, fez-se agonia pelas regiões do peito” e “o coração só conhece a saudade e vive entre os túmulos da felicidade, da esperança, da ilusão e da crença”. Constata também que predomina “sempre a visão da alma relendo as páginas do passado e confrontando com as do

⁷⁷ CORIMBO, Rio Grande, abr. 1937, nova fase, n. 421, p. 3.

presente”, embora “os cenários de hoje são outros, muitos outros”, pois “poucos se prendem no sentimentalismo, poucos conhecem a flor que é o emblema do sentir que não muda”. A partir dessas digressões, conclui afirmando que, para aqueles que não se deixam levar pelos sentimentos, “o passado é uma lenda, a dor moral um acidente, que só impressiona os fracos”⁷⁸.

Em um contexto de “chuvas, frio e vento”, constituindo uma “manhã triste”, se desenrola o “diário de dor” de “16 de agosto”. O estado de espírito de Revocata não passa por mudanças, continuando a predominar “a saudade, a soluçar, a planger em meu peito”. Recolocando a irmã no cenário, ela afirma: “Digamos, minha inolvidável Julieta, o bronze da saudade é sempre movido pela recordação” e “ela não nos deixa quando estamos em afastamento de todos, quando nos isolamos”. Diante desse cenário, a autora observa um itinerário dicotômico percorrido pela recordação, pois “há ocasiões em que é crudelíssima”, mas, em “outras, leva-nos a recantos, a paragens, a todos os caminhos onde um dia tivemos contato com a felicidade”. Desse modo, acaba por reconhecer o valor da recordação e da saudade, pois, junto com o custo do sofrimento, vinham as lembranças dos momentos felizes⁷⁹.

Um outro “15 de novembro” descrito por Revocata traz uma “tarde de primavera feita e desabrida”, dominada por fortes ventos e “areias em turbilhão”, cenário típico da cidade portuária onde morava, mas demonstra esperanças na modificação do clima para o dia seguinte. Apesar da transição nas estações, a

⁷⁸ CORIMBO, Rio Grande, jul. 1937, nova fase, n. 423, p. 1.

⁷⁹ CORIMBO, Rio Grande, ago. 1937, nova fase, n. 424, p. 2.

jornalista não consegue ver mudanças para si, pois, continuamente, sua “alma desespera numa saudade sem fim”, permanecendo “sombria quer por tarde de invernia, de primavera ou verão”. Descreve que no seu interior aparecia “sempre um céu nebuloso, um sol sem luz duvidoso e as mágoas em profusão”, apresentando “um contraste de utopias de gelos e de ardências como não sente ninguém”. A partir dessas condições, aconselha que “vale bem olhar o alto, escutar a voz querida que nos aponta a descida que vai ter a promessa”, pois o “que importa a matéria muda se na alma que se desnuda triunfa a escuridão”⁸⁰.

Uma véspera de Natal marca o diário de “24 de dezembro”, anunciando uma época de festas, que “irradiam as alegrias dentre os grupos dos felizes, dos que pensam muito no presente e nada no passado”. Mas, para o caso de Revocata, predominam os “Natais que se foram” e a saudade de sua “adorada Julieta” e de seus “amados pais e idolatrados irmãos”. Para ela, “o Natal, como que representa um elo de flores, a ligar os membros da família à mesa de consoada”, existindo aí a “maior harmonia” e a “ventura mais expressiva”, na “pureza do amor do lar”. Evocando a irmã, chega a propor uma permuta, dizendo: “Ó, minha Julieta, pudesse eu trocar a vida presente, mesmo com todo o meu poema de recordações, com todas as vesperais de minha saudade, que é uma eterna surdina a embalar-me a alma” apenas “por uma dessas noites de meus Natais de outrora”. Ainda sobre o tema, a escritora diz não querer pensar que “nesta data as estações felizes duram pouco”, e sim pretende “abrir os braços

⁸⁰ CORIMBO, Rio Grande, nov. 1937, nova fase, n. 426, p. 2.

para a visão do passado”, lançando-se “nessa correnteza, embora atrás de quimera”⁸¹.

A data funesta do “27 de janeiro” volta em mais uma edição do “diário de dor”, sendo considerada como “o dia em que passa a fúria da tormenta, deixando ruínas que se não podem reparar”. Revocata relata o sofrimento que trouxe à sua vida “o acerbo rasgar de 27 de janeiro de 1928”, plasmando-se, a partir dele, em sua “mente um espanto, uma surpresa, uma admiração que tomam todos os sentidos” e provocam alucinação. A adesão à ideia da própria morte mais uma vez marca o texto, com a fala: “Ah! Em momentos tais, a morte viria para nós como a mais sublime dádiva de Deus!”. Travando nova “conversa” com Julieta, a jornalista diz que “escrevo com o pensamento em ti, porque mesmo não sei se haverá quem me possa compreender”⁸².

Apenas com a indicação de “fevereiro”, um breve diário refere-se ao pensamento da autora, o qual era comparado a um “navegante sem ter pouso, olhando um mar tormentoso”. Mais uma vez com lástima, Revocata destaca em tom rimado que “se me fosse dado agora, ver despontar uma aurora e os horizontes em luz, mas em vão tudo é sombrio, só vejo os braços da cruz”. Realiza outra comparação, ao dizer que “a vida parece um rio que leva na correnteza, sonhos, crenças, ilusões, e até a própria esperança”. O lamento refere-se outra vez à ausência dos familiares falecidos, ao falar: “Queridos meus, tão distantes como as estrelas brilhantes que um véu trevoso apagou! Tão longe

⁸¹ CORIMBO, Rio Grande, dez. 1937, nova fase, n. 427, p. 2.

⁸² CORIMBO, Rio Grande, jan. 1938, nova fase, n. 428, p. 2.

meu Deus, tão longe!”. Ela se diz só e, ao olhar pela janela, o seu pensamento a “arrasta e leva” como que a afastá-la “deste mundo tormentoso, onde tudo é ilusório, fatal, enganoso”⁸³.

Uma natureza “sob pressão que abafa, que atua sobre os nervos, tirando o sossego”, com um calor insuportável, era o quadro apresentado para o registro do dia “15 de março”. Diante dessa situação, Revocata diz que há “um contraste em meu ser”, pois “sinto na alma um frio quase que paralisador”, o qual “abate, parece quebrantar os membros, que deixa a ideia sem pouso, sem rumo, o ânimo sem ação”. Optando por abordar de novo o desalinho entre o ambiente externo e o interno, a autora comenta que aquele “é o frio do desalento”, que atua “como que uma mortalha a prender-nos em vida”. Considera que se tratava de “um terrível estado”, pois “uma agitação moral” poderia ser, “por vezes, preferível ao horror do desalento”. Perdendo o crédito na existência, a escritora acredita que “não há mais esperanças, nem crenças, nem ilusões, nem sonhos, nem ambições, nem ideais”. No quadro de “um deserto no pensamento”, chega a sugerir que até a própria saudade poderia desaparecer, mas, ao observar o retrato da irmã, a jornalista diz reagir e “o coração deu o grito de alerta, o pensamento derrubou a avalanche de gelo a subjugar-me a ideia e desdobrando de novo o painel da vida, com suas sombras e seus revérberos consoladores”⁸⁴.

Novamente nos feriados da Semana Santa, mais precisamente no dia da Páscoa, no diário de “17 de abril”, Revocata reflete sobre as pessoas que vivem a

⁸³ CORIMBO, Rio Grande, fev. 1938, nova fase, n. 429, p. 1-2.

⁸⁴ CORIMBO, Rio Grande, mar. 1938, nova fase, n. 430, p. 3.

partir do presente e aquelas que se aproximam mais do passado, colocando-se claramente neste segundo grupo. Mais uma vez ela lembra da irmã e de seus “queridos do lar”, adentrando as “raízes do passado”. Suas recordações voltam-se às “Páscoas de outrora”, partilhadas junto de seus familiares, ao figurativamente visitar um “adorável passado” e percorrer um “mundo invisível”, vislumbrando alguns detalhes desses tempos pretéritos⁸⁵.

O cenário de um novo “diário de dor”, datado de “21 de maio”, apresenta um “dia tão cismarento todo em névoas, sem ter luz”. Nele, Revocata reclama do tanto de frio que fazia, sensação reforçada pelo vento forte e pela chuva. Atenta para o movimento das águas pelas pedras nuas, correndo em direção ao mar, ao passo que a sua “alma soluçante olha a vida devagar”. Tal vida era por ela observada “toda em nimbos, toda em sombras, num acerbo desfolhar de sonhos e de quimeras de venturas que não mais hão de voltar”. A ideia do sacrifício em nome do altruísmo fraternal se manifesta no texto, ao dizer: “Oh! Julieta querida, por que na hora funesta não levaste a minha vida? Passar olhando os escombros, as ruínas, os destroços de tudo que foi dos nossos sonhos mais peregrinos! É doloroso, é pungente!”⁸⁶.

O “19 de junho” é acompanhado de outro inverno na vida jornalista, que se incomoda com o vento, a chuva e a noite escura, e tudo isso a fazia “lembrar quando pela noite da alma triste passa o carinho de uma palavra consoladora”. Observando as pessoas, Revocata deduz que “na vida é assim, a tempestade

⁸⁵ CORIMBO, Rio Grande, abr. 1938, nova fase, n. 431, p. 2.

⁸⁶ CORIMBO, Rio Grande, maio 1938, nova fase, n. 432, p. 3.

blasfema para uns e a bonança aflora sorrisos para outros”, apresentando-se “aspectos tão diferentes”, podendo haver, “por vezes, bem perto de nós o espinheiro e o roseiral; o arbusto virente todo em flor, todo beijado pelas borboletas, pelos colibris”, mas, “ao lado, a árvore fenecendo, folhagem amarelando, murcha, ramas quebradas”. Mais uma vez comparando os quadros da natureza aos da vida humana, afirma que “temos a mocidade e a velhice”, as quais apresentam um “eloquente contraste”, mas ressalva que “há mocidades decaídas e velhices onde canta uma aleluia de energia”. Ao final, conclui que “também o meu coração que chora, o pensamento traz uma estrela alba”, em alusão à irmã Julieta⁸⁷.

Apesar do diário apresentar um dia “13 de julho”, dessa vez aquilo que incomoda a escritora não é o frio, mas sim a insônia, que lhe deixa entregue a pensamentos inquietantes. Segundo a sua narração, “a noite vai alta, e eu, presa ao ergástulo da vigília, passo e repasso tudo que se foi e tudo que desliza no presente”, num “desdobrar sem fim”. Ela passa a pensar se haveria outras pessoas na mesma condição que a sua, dizendo “quanto daria eu neste momento para saber se estou só, neste cogitar ou se muitas outras almas, muitos outros pensamentos erram em igual labuta”. Com base nessa elucubração, a autora conclui que “a vida tem tantas faces diferentes para cada ser, que ocasiões há em que parece difícil dois pensares irmãos”, já que “o cenário do mundo não varia para cada criatura, mas a visão do espírito de cada uma olha a cena por

⁸⁷ CORIMBO, Rio Grande, jun. 1938, nova fase, n. 433, p. 2.

forma diversa”, sendo exatamente este “o capricho da natureza”, e “o motivo da desarmonia humana”⁸⁸.

Utilizando-se do recurso da prosa poética, na seção “Do meu diário de dor”, marcada como “10 de agosto”, Revocata de Melo apresenta uma outra forma de expressar-se sobre um de seus temas preferenciais. O tema fundamental continua a ser a saudade, associada à tristeza e à mágoa, as quais faziam “o coração gemer” e “o pensamento planger”. A saudade é ainda identificada com uma “tortura” e ainda como “amargura” e “mortalha das alegrias” e mesmo como comparada a “tormento, desespero e anseio”⁸⁹.

A perda maternal volta a angustiar a escritora, como demonstra a data do diário – “14 de setembro”. Nesse dia, confessa que se levantou “do leito com os olhos rasos de água”, pois, durante a noite, perante os “olhos do corpo e do espírito, desdobrou-se a mais negra das telas da minha vida”. Pensa em “quantos anos são passados e tudo tomou vulto ante mim naquele desespero de ver a esperança morta”, quando se encontrava “na flor da mocidade numa era de sonhos de ilusões”. A autora apela para a sua “idolatrada mãe”, perguntando se ela partira “tão cedo para o mistério ou para a luz?”. Nesse quadro de agonia, volta a reclamar da madrugada, que “mais parecia um crepúsculo da tempestade, uma cerração”, na qual o “desespero errasse apavorado”. E continua a concentrar-se na mãe, que se fora “tão bela, tão moça, tão amada” e, por esse motivo, constata que o dia 14 de setembro será “sempre para mim um dobre

⁸⁸ CORIMBO, Rio Grande, jul. 1938, nova fase, n. 434, p. 3.

⁸⁹ CORIMBO, Rio Grande, ago. 1938, nova fase, n. 435, p. 3.

fúnebre, um gemido de ave ferida, a voz de agonia”. Dessa maneira, as suas primaveras passaram a ser duplamente floridas, pois, de um lado, estavam as flores naturais, e, de outro, os “lírios da alma sempre-vivas do coração, goivos da mágoa, perpétuas do pensamento, saudades da lembrança eterna”⁹⁰.

Por ocasião de mais um “21 de outubro”, equivalendo ao aniversário de Julieta, a editora do *Corimbo* não perde a oportunidade para traçar todos os elogios que lhe ocorreram para homenagear a falecida irmã, chegando a atribuir-lhe até mesmo um aspecto de santidade. Revocata demarca que aquele dia constituía em seu lar “um painel em relevo, todo em moldura de rosas”, passando a citar algumas das qualidades de Julieta, comparando-as com características florais. Assim, atribui à irmã a condição de “uma delicada criação da natureza”, com “traços físicos” que “possuíam todo o esmalte do belo”, vindo a constituir uma “emanação sedutora”, além do “talento da predestinada criatura”. Julieta é também descrita como “uma sonhadora divina” que “no alvorecer da mocidade, adormecia na rede das quimeras para não ver os espinheiros da verdade crua”. Era apontado que “dentro daquele peito havia um coração de santa” pronto para “grandes sacrifícios”, em nome de “grandes amores”, tanto que “alimentava um duplo sofrer, o seu e o alheio”. Quanto à vida literária da irmã, a jornalista diz que a mesma “via sem olhar” e “o pensamento andava-lhe sempre em ronda, em peregrinação pela paragem dos tristes”, e, com “sentir de sensitiva, não podia sofrer contato de alma que não fosse pura”, tendo sido “uma ave canora quando das primeiras paragens da vida”, para depois

⁹⁰ CORIMBO, Rio Grande, set. 1938, nova fase, n. 436, p. 2.

transformar-se em “rola gemente”. Apelando outra vez para o sobre-humano, Revocata considera que a irmã “não era da terra, era do céu” e “por isso que alou o voo num anseio nostálgico”⁹¹.

Um outro episódio natalício era narrado por Revocata em referência ao dia “25 de dezembro”. Para a escritora, o Natal é “o dia que sorri nos lares” e em que “a criança afaga no pensamento”. Lembra que junto de sua “saudosa Julieta, também tivemos natais adoráveis”, como no caso daquela “Missa do Galo” que “era sonhada em nossa quadra de menina num enlevo indizível”, enquanto “o pai querido, acedia a nosso empenho cheio de amor e carinho, acompanhando-nos ao templo”. Mas se tratava do pretérito, pois, quanto ao presente, ela diz: “Que saudade, meu Deus! E os anos passaram, foram, fugiram. A rasoura da morte levou-nos todos... O lar ficou vazio de ternuras, de carícias”. Somente restara o seu “sombrio vulto e o bronze da saudade a badalar dia e noite”, diante do que a escritora questiona, “por que Deus não levou em conta meu sentir arredando-me da trilha da vida onde a morte semeia espinhos cardos e martírios”. Ainda assim, a jornalista considera que “o Natal não morreu em mim”, permanecendo “preso à alma como as estrelas ao firmamento”, ou seja, “parece que desaparecem, mas estão sempre ali”, como “um recordar de felicidade” e um “clarão que irrompe na treva”⁹².

Como expressa em outros diários, o frio do inverno incomoda a escritora, trazendo-lhe inclusive a insônia. Mas o calor e o abafamento, sem nenhum tipo

⁹¹ CORIMBO, Rio Grande, 21 out. 1938, nova fase, n. 437, p. 1-2.

⁹² CORIMBO, Rio Grande, jan. 1939, nova fase, n. 439, p. 3.

de aragem do verão, faziam o mesmo efeito, como revelado no registro de “10 de fevereiro”. Nesse ambiente, Revocata reclama: “Que tristeza! Não tenho sono”, e, nessa atmosfera, “o pensamento erra, vai aqui, vai ali, vai acolá”, porém, “como sempre parou em uma região mais acre que doce”. Diz que tal pensamento “fez suas evoluções pelo mundo da ingratidão”, uma “terra sombria”, de “horizontes carregados” e “um povoamento onde não se vê um laivo de encanto, onde não há seara de carinhos”, e no qual “não se fazem colheitas de ilusões e de esperanças”. Nesse lugar, “apenas o bronze da ingratidão compassadamente faz ouvir sua pancada de timbre agudo” e foi exatamente ali que seu “pensamento ficou como que apavorado”. A autora revela que, “nestas conjecturas, o pensamento vestiu-se de lágrimas”, vindo “então a recordação dizer que há na vida terrenos abençoados, onde a ingratidão não medra”, os quais foram identificados pela “visão da alma” com a presença da “querida Julieta”, pois ela fora “uma ânfora de ouro, a deitar o incenso da gratidão para todos que te falavam, que te queriam”⁹³.

Noites e tardes outonais constituem o cenário do diário de “20 de março”, instalando-se “o túmulo do estio e o núncio da próxima estação do frio”. Revocata descreve que ainda há atividades de pássaros e presenças florais, entretanto, como era típico do outono, “as folhas verdes vão amarelecendo, vão caindo, vão fugindo, vão rolando, vão chorando no abandono”. Comparando uma outra vez a natureza com as vivências humanas, diz que, assim como aquele despencar de folhas, também voam “conosco as ilusões feridas, as crenças

⁹³ CORIMBO, Rio Grande, fev. 1939, nova fase, n. 440, p. 3.

desmaiadas e despedidas da luz que as alentava e dava vida”. E volta a ocorrer o “contato” com Julieta, afirmando-lhe que “os meus outonos são a sombra da minha despedida” e “tu bem sabes não voltam nossos dias, não voltarão jamais as alegrias⁹⁴.”

A motivação criativa para o “diário de dor” referente ao dia “21 de abril” era o lugar que servira de moradia para a família Melo. Referindo-se a reparos na casa onde morava, Revocata reconhece que a residência “está bela, é verdade”, mas “falta-lhe um reflexo de felicidade”, pois ela “não pode escutar o trinado da alegria, não pode olhar o azul de um céu escampo, onde os astros rutilam anunciando uma aurora de rubores”. Observando a partir do tempo pretérito, a escritora diz que “este nosso lar, minha Julieta, guarda poemas de almas feridas, nênia de acerbas recordações, lágrimas pungentíssimas”, assim como “a tela em relevos que não morrem de tantos dias passados a teu lado no doce aconchego de teus extremos de adorável irmã”. Esclarece que, naquela época, ocorriam “as noites e os serões cheios de encanto, ora na convivência dos livros, ora em palestras amigas, como cantilenas de consolação. Estabelecendo a recordação como parâmetro narrativo, a autora revela que “esta casa possui em cada canto um espelho das horas que se foram e não voltam” e, frente a isso, questionava “qual alma virá habitar aqui onde houve tanto ideal, tanta vibração de harpa ignota pelas paragens do sentir que não morre, que vai como asa errante pelos infinitos do pensamento?”. Especula que poderá ser “talvez um burguês, um louco, uma pobre criatura dessas que vivem para o positivismo da

⁹⁴ CORIMBO, Rio Grande, mar. 1939, nova fase, n. 441, p. 1.

vida e jamais conheceram os deslumbramentos das regiões espirituais”. Mas, independente do que acontecesse, considera que “esta casa há de falar a alguns corações que nunca nos esquecem, que sempre nos procuram, que leem para nós na cartilha da amizade e da gratidão”⁹⁵.

O diário referente ao dia “22 de junho” era visto como “uma página de frases coloridas e de alegrias perdidas”. O sentimento predominante nas divagações de Revocata continua a ser aquele vinculado à “saudade” e à “lembrança, das horas que vão ficando sem uma voz de esperança”. A inspiração da data era o aniversário paterno, com a afirmação de que “rajava então linda aurora, de luz de festa que aflora pelas almas pelos lares quando um natal tem altares de amor santo e de carinhos”, constituindo um “natal adorado, natal de pai tão amado, entre rosais sem espinhos”. Novamente com uma evocação à irmã, a escritora diz: “Julieta, minha santa, hoje além, tua alma canta, junto a ele nos espaços, seguindo seus doces passos, sonhando noutras regiões”. Um novo paralelo entre o passado e o presente é estabelecido, com a ideia de que se “foi o natal de arrebóis, de luares e de sóis, de alvoradas peregrinas, sem nuvens e sem neblinas e as tardes e as vesperais onde a poesia não veste suas cores ideais”, ficando em seu lugar os “invernos fechados, o frio dos desenganos, os jasmineiros curvados ao peso dos desenganos”, como se fosse uma “tela sombria”, referente a uma “noite funérea e de agonia”⁹⁶.

⁹⁵ CORIMBO, Rio Grande, abr. 1939, nova fase, n. 442, p. 1-2.

⁹⁶ CORIMBO, Rio Grande, maio e jun. 1939, nova fase, n. 444, p. 4.

Um “dia de amargura íntima”, com “a natureza em sombras” e “a chuva rebelde, pertinaz, enfadonha” é como Revocata define a data de mais um de seus diários, a de “18 de agosto”. Observando a influência da atmosfera externa no humor pessoal, defende que “é verdade que em horas de sofrimentos, não gostamos de aspectos berrantes” e “risadas desatadas, com franca alegria”, mas, por outro lado, “é também real que o silêncio, as vozes abafadas, os semblantes pensativos, as luzes vacilantes, concorrem bem para o aumento de uma dor”. Após tal constatação, a escritora, revelando seu estado de espírito, externa o pensamento de que “é noite agora, e eu todo dia, tive noite no coração”. Segundo ela, tal sensação devia-se ao fato de que “a saudade não tem auroras, não tem sol, não tem cambiantes”, constituindo “sempre badalada insistente, a chamar-nos para uma recordação querida”. Uma de suas recordações volta-se para os dias chuvosos, nos quais, nem ela, nem Julieta lecionavam, voltando-se “o dia todo para o lar, para o convívio íntimo, para os projetos, os sonhos de acordados” e ainda “para levantar-se o reposteiro do passado, nesse agridoce sentir, que é o apanágio das almas que não vão na onda da vulgaridade”. Entretanto, no presente, “tudo foi, tudo morreu”, servindo um dia de chuva apenas para “pensar, rever, desdobrar todas as folhas da vida”⁹⁷.

Recordando momentos felizes da vida da irmã, Revocata escreve mais um “diário de dor” a respeito do “21 de outubro”, lançando mão da prosa poética para dizer que, apesar deste tipo de lembrança, para ela restara apenas a tristeza. O mote é novamente o aniversário de Julieta, lembrado como um “dia de festa e de

⁹⁷ CORIMBO, Rio Grande, ago. e set. 1939, nova fase, n. 444, p. 4.

alegria”, em um “lar tão cheio de poesia”, demarcado como o seu “dia natalício” e também de seu noivado, apontado como um “lindo laço de amor”, findo apenas pela morte. Passava assim mais um outubro, com recordações “tristes e chorosas”, trazendo uma “saudade que não tem alento”⁹⁸.

E ocorria mais uma chegada da data de Finados na existência de Revocata de Melo, o que fica registrado em seu diário, sob a identificação de “2 de novembro”. Para ela, “pela consagração que lhe é dada?”, esse “dia guarda uma nota de sentimentalismo que envolve a todo o ser humano aparente ou intimamente”. E a narração traz uma nova visita ao Campo Santo, levando flores ao “lugar em que desdobra todo o meu poema de amargura, numa recordação e numa saudade que o tempo não consegue alterar”. Diante do túmulo, imagina que a olhavam “em uma mudez desoladora, os expressivos retratos” de Julieta e Romeu, momento em que seu “pensamento divagou torturado e foi buscar todos os outros adorados que ali dormem também”. Além de muitas flores, a escritora levou versos, afinal, “todos os meus idolatrados sentiam-se embevecidos ante as vozes da lira”. A autora se refere a uma manhã calma e cheia de sol, “como que a dizer que a natureza queria dar um halo de luz àquele vasto campo, onde a morte semeara sombras”, enquanto apareciam “os esguios ciprestes, como atalaias de interrogação, eretos, olhando o cenário da morte”. Ao final, revela que “é sempre assim o Campo Santo”, ou seja, “sol ou

⁹⁸ CORIMBO, Rio Grande, 21 out. 1939, nova fase, n. 445, p. 3.

chuva, luar ou treva, a tristeza reza ali a sua prece fúnebre musicada pela viração gemente”⁹⁹.

Ainda que em pleno verão, com o diário identificado apenas com “janeiro”, a poetisa rio-grandina diz que parecia “um reflexo de inverno nebuloso, triste, cismarento”. Era o mês em que “as recordações afloram em meu coração”, pois “janeiro guarda para mim um poema de dor”. Dirigindo-se à sua “idolatrada Julieta”, afirma que “a lufada dessa cruciante fatalidade, em sua última passagem, levou-te para sempre”, ou seja, 27 de janeiro constituía a “data que traz à minha alma o espinho de uma cena lancinante”, quando “uma correnteza desabrida levou tudo”. O espírito de perda referia-se à “neve dos sonhos”, ao “castelo das vesperais festivas”, às “lindas flores que marginavam nossos caminhos na vida”, e aos “cantores alados pelas alvoradas das esperanças venturosas”. Para ela, houve uma “dolorosa transformação”, na qual “tudo morreu, ficando a saudade como rola gemente, e o 27 como inscrição sobre o túmulo da felicidade”¹⁰⁰.

A seção “Do meu diário de dor” relacionada como “10 de fevereiro” apresenta-se em formato bastante curto e com a utilização mais uma vez da prosa poética, mas, ao contrário da maioria das outras edições, não é citado nenhum nome ou é feita referência aos entes queridos da escritora. Nesse sentido, Revocata diz: “Devagarinho anoitece. A claridade do dia parece que desfalece. No vasto espaço infinito, passa e repassa num voo dos quero-queros o

⁹⁹ CORIMBO, Rio Grande, nov. 1939, nova fase, n. 446, p. 3.

¹⁰⁰ CORIMBO, Rio Grande, dez. 1939 e jan. 1940, nova fase, n. 447, p. 3.

grito". Lembrando a criação poética, uma das preferências em meio à sua família, sem deixar de transitar pela saudade, observa que "em tudo vê-se plasmada a poesia que na vida é uma nota encantada. Também no imo da alma, cai-me a noite da saudade, cruenta sem piedade!". A tristeza é outro componente que não é esquecido: "Há um silêncio na sala, um aroma que trescala, que divaga, prende, afaga, beijando todo o recinto, deste meu templo de dor! E o pensamento caminha, vai ao passado querido e o coração me acarinha". Já ao final, a sempre presente morte se apresenta outra vez: "Depois, descerra choroso os reposteiros dourados dos dias abençoados no lar que a morte levou! E agora, à noite fechada parece pedra lançada sobre um sonho que acabou"¹⁰¹.

Um final de primeiro trimestre chuvoso aparece no diário referente a "25 de março". A jornalista descreve "os horizontes carregados", que "estendem até nós sombras e sombras", carregadas de "tristeza", havendo "uma penumbra, um crepúsculo cerrado, quase que uma treva de asas espalmadas". Em um novo paralelo entre o exterior e o interior das pessoas, Revocata constata que "está trocado o dia pela noite", e "é assim na vida", pois "por vezes estamos em pleno dia, temos claridade que deslumbra céus de encanto, que se perdem pelas nossas vastidões de ventura", com "luz, flores e sonhos", entretanto, "de súbito, desce sobre todo esse cenário feliz um temporal de dor, sob o ribombo do raio da morte". Nesse quadro, define que "foi assim, minha boa Julieta, que desabou a noite da separação eterna entre nós". Além do mais, a escritora estabelece uma diferenciação entre as "tormentas da natureza" e as "que despedaçam a alma", já

¹⁰¹ CORIMBO, Rio Grande, fev. 1940, nova fase, n. 448, p. 2.

que “estas não veem mais o astro da felicidade dourar os painéis da vida, ao passo que lá fora, vem a bonança, vem o sol a despedir fulgores, vem a doce aragem, mensageira de perfumes”. Frente a essas diferenças, a autora conclui que “há na enganosa passagem da existência humana tantos contrastes, tanta mágoa e tanta alegria, tanto amor e tanto ódio”, diante da qual era melhor esquecer “um pouco o mundo” e entrar “na catedral do passado, onde o ritual do consolo nos embala em uma ilusão”¹⁰².

O outono definido como a “estação de cambiantes”, pois mescla em seus horizontes “os coloridos do estio e as sombras do invento”, serve de cena para o diário de “30 de abril”. De acordo com Revocata, “na vida do homem há também outonos de luz prometedora e outonos que parecem estar sempre sobrecarregados de uma atmosfera de nimbos”. Com as transformações climáticas, diz que “vem chegando a noite hibernal, a noite longa, fria, triste”, o que lhe traz “saudades daquelas passadas em meu lar paterno”, que eram “felizes”, com “serões adoráveis” e uma “irradiação de amor, de ventura, de harmonia de pensamento”, além de haver também uma “poesia de almas que se abraçam e se estendem”. A poetisa lembra dos “pais adorados e irmãos amados”, mas constata cheia de tristeza que “todos se foram, uns pela vereda da morte, outros pela força do destino vencendo tempos”. Ao refletir acerca das suas perdas, lastima que “nem ao menos tu, minha idolatrada Julieta, vulto querido

¹⁰² CORIMBO, Rio Grande, mar. 1940, nova fase, n. 449, p. 3.

desses serões, que revivo com lágrimas! Nem tu para desdobrarmos na ideia, invernos, que foram paraísos!”¹⁰³.

As festas juninas aparecem como inspiração para o “diário de dor” de “13 de junho”, todo ele carregado de saudosismo e pessimismo em relação a um passado remoto, que não mais se repetirá a não ser no campo da memória. Esse registro traz uma das poucas lembranças da autora relação aos seus tempos de infância, recordando uma “noite de Santo Antônio”, marcada por “felizes folguedos”, que despertavam saudades de “fogos, danças, jogos e prendas”. Mas a escritora lamenta que “tudo se foi, tudo acabou, tudo morreu”, permanecendo apenas aquilo que ficara registrado no coração, de modo que, na ausência dos entes queridos, tais dias de invernos só serviriam para despertar ainda mais prantos¹⁰⁴.

A transição das estações do ano comparada à imutabilidade do estado de espírito da escritora é a temática do diário localizado a “16 de agosto”. Dessa forma, diz que “as estações passam, como tudo mais na vida”, ou seja, “a primavera virá, depois o estio, a seguir o outono, e novamente o inverno”, pois “elas vão e voltam”, entretanto, “a crepuscular estação de minha alma persiste”, já que nessa há “um campanário de dor, que plange compassadamente”. A jornalista lamenta, para sua “Julietta querida”, que tenha sido apagado “do mapa da nossa existência” a “estação que era um cendal de flores rubras”. Ela diz pensar nos contrastes entre as pessoas, pois, para algumas, “a estação de dor

¹⁰³ CORIMBO, Rio Grande, maio 1940, nova fase, n. 450, p. 2-3.

¹⁰⁴ CORIMBO, Rio Grande, jun. 1940, nova fase, n. 451, p. 3.

passa num sopro”, e, sem o “sentimentalismo, fecham os olhos” para o sofrimento, enquanto para outras, grupo no qual se incluía, havia uma “norma emotiva”, que trazia o desespero diante das perdas. No fechamento, a redatora do *Corimbo* manifesta um desejo, ao afirmar “quisera não pensar tanto”, cogitando que “talvez sejam felizes os que vão na onda de uma inteira resignação”¹⁰⁵.

Um apelo à elevação dos espíritos constitui a linha condutora do “diário de dor” de “1º de outubro”. Para Revocata, “na vida devemos aspirar sempre ao que vem do alto”, pois “a terra nos dá tesouros, é verdade, há, porém na terra tanta coisa asquerosa”, por isso ela diz gostar “muito das elevações”, já que, “quando de cima olhamos para baixo, parece-nos que tudo diminui e nós estamos a dominar, a crer que iremos ao céu, encarando de perto as estrelas ou então o sol em seu leito de púrpura”. A redatora chega a dar um conselho aos seus leitores, no sentido de elevarem-se sempre, mesmo nas “horas de sonhos, em momentos de tristeza, de saudade”, nos quais deve ser impulsionado o “pensamento a buscar regiões altas”. Argumenta que “lá, muito além pelos espaços,” poderiam ser encontrados “os espíritos queridos daqueles que se remontaram e saudosos de nós”, acabam por ser atraídos. Também acerca dessa temática, estabelece relações com os tempos em que a irmã estava viva, afirmando: “Julietta adorada, como nos detínhamos pelas altas cordilheiras do sonho! Que saudade!”. De acordo com ela, “a alma que vai ao ápice é mais pura, é

¹⁰⁵ CORIMBO, Rio Grande, jul. e ago. 1940, nova fase, n. 452, p. 3.

impoluta, tem mais grandeza no sentir” e “sabe querer, amar, sacrificar-se, identificar-se com as dores, com as mágoas, com as almas que idolatra”¹⁰⁶.

Sob uma noite de luar transcorre um breve registro do diário referente a “10 de novembro”. Nele Revocata cita a praia, a terra, o mar e o arvoredo, como partes do ambiente que lhe cerca e em meio ao qual o seu “pensamento flutua”, em meio a “um silêncio profundo”. Ela não deixa de pensar na irmã, e também nos “versos sentidos” e “cheios de vida” que Julieta elaborava. Noite adentro, escuta um “relógio que se agita” e não se queixa de “cismar sozinha”, com o caminhar de seu pensamento, no qual a “fantasia trabalha e a “saúde lutulenta” se prende ao seu corpo¹⁰⁷.

Dentre as tantas visitas ao cemitério que Revocata descreve, uma outra é frisada em seu “diário de dor”, marcada com um “14 de dezembro”. Descreve que foi “ao Campo Santo”, numa “tarde sombria, impressionante, bem de harmonia com a elegia que a saudade trazia a meu coração”. Diz que, lá dentro, “minha companheira falava, mas eu não ouvia, porque o pensamento trabalhava tanto, tanto, como querendo retratar ante mim tudo que se havia passado ali em tarde tão recuada, mas tão dolorosa”. A lembrança era mais uma vez direcionada para o irmão, para quem ela dirige a pergunta: “Romeu querido, como deixaste para sempre o lar que via em ti uma consolação, uma esperança, um carinho, um amparo, um límpido reflexo dessa ventura em declínio?”. E mais uma vez invocando os mortos, a autora revela a perene presença de Romeu em sua

¹⁰⁶ CORIMBO, Rio Grande, set. e out. 1940, nova fase, n. 453, p. 1-2.

¹⁰⁷ CORIMBO, Rio Grande, nov. 1940, nova fase, n. 454, p. 4.

mente: “Irmão adorado, tu não morreste, não! Tu vives em minha ideia. Quantas vezes no dia paro ante teu retrato e a lágrima aflora em meus olhos”, e, inclusive, “Cuido até que me falas! Não, não desaparece, quem deixa na terra uma saudade que vai até o túmulo!”¹⁰⁸.

A morte prematura do irmão João volta a ser lembrada pela escritora no diário de “5 de maio”. Revocata observa um “encanto” naquele mês, “com seus arremedos de estio e a relva ainda vestindo o verde da passada estação, a folhagem vacilante nos galhos mostrando tons de esmeralda e topázio”. Destaca que era o mês de Maria aquele que “poetas e prosadores decantam”. Para ela, entretanto, o sentimento era outro, pois, “logo em seu início aponta-me uma data de luto”, o “doloroso 5 de maio, um domingo cheio de sol, agitado lá fora, talvez transbordante de alegria para muitos, rico de sonhos para outros”, mas, no seu caso, “uma onda de amargura”. A jornalista lembra o “irmão querido que partiu para sempre, dentre as rosas da mocidade, a refletir páginas alabastrinas marchetadas de todas as crenças que alentam a vida em seu primeiro desdobrar”. Descreve-o como “tão belo, tão bom, tão nobre”, e que, “em vez de entrar para o radiante templo da felicidade, desceu para as densas sombras de um túmulo”¹⁰⁹.

A chave de encadeamento de seus diários, com a distribuição ao longo de dias e meses, era o tema do texto datado de “22 de junho”, com o qual Revocata homenageia o seu pai e explica a existência de um “calendário familiar” entre os

¹⁰⁸ CORIMBO, Rio Grande, dez. 1940, nova fase, n. 455, p. 2.

¹⁰⁹ CORIMBO, Rio Grande, maio 1941, nova fase, n. 456, p. 1.

seus entes queridos. Dessa forma, ela explica um rol de datas que “fazem parte do calendário íntimo no lar da família”, o qual era diferente do convencional”, ou seja, era “muito diverso daquele que é apontado nos blocos das ‘folhinhas’ anuais”. Especificamente a data em pauta era aquela que lembrava o aniversário do progenitor da escritora, ou seja, de seu “inesquecível” e “amado pai”, para quem dedica um momento de homenagem¹¹⁰.

Chuvas, raios e trovões, bem característicos dos fortes temporais de inverno da cidade do Rio Grande emolduram o diário do dia “20 de julho”, que se caracteriza pela brevidade. Revocata sente-se desconfortável com o clima, chuvoso, frio e ventoso, indicando que o pior de tudo era a baixa temperatura, chegando a imaginar um cenário nevoso, ao dizer que se tratava de um “frio inclemente, todo neve, todo gelo”. Nesse ambiente, expõe que permanece em seu leito, “sem sono, sentindo ao peito latejar, funda saudade”, como se fosse “a voz de uma lembrança” da época em que as duas irmãs estavam juntas. Nesses tempos, descreve “Julieta, no gabinete de estudos, no silêncio, relendo cartas e versos, trazendo o pranto ou por vezes o sorriso”, que carregavam consigo “calma e consolação”. Apesar da boa recordação, a escritora permanece reclamando daquela noite ventosa, cheia de “atroz agonia”¹¹¹.

As recorrentes visitas ao cemitério, ainda mais em Finados, foram interrompidas pelas dificuldades de saúde da jornalista, o que serviu para aumentar mais as suas mágoas, como revela em mais um diário marcado com o

¹¹⁰ CORIMBO, Rio Grande, jun. 1941, nova fase, n. 457, p. 1.

¹¹¹ CORIMBO, Rio Grande, jul. e ago. 1941, nova fase, n. 458, p. 5.

“2 de novembro”. Já era noite e Revocata se diz “muitíssimo triste”, explicando que “não é que este dia, que desde menina ouço dizer que é consagrado aos mortos faça sangrar mais meu coração”, pois “tenho sempre ante a visão da alma aquela nesga do Campo Santo, onde repousam sombras daqueles que fizeram a felicidade do meu passado”. Desse modo, sua “mágoa maior” era “não ter visitado esse recanto sagrado, em razão da enfermidade”, de maneira que, “embora havendo pessoas amigas, que bondosamente lá depositassem flores”, não foram as “minhas mãos” que “as colocaram unidas aos versos que minha eterna saudade inspira”. Diante dessa ausência “passam e repassam ante o pensamento atormentado todos os adorados que encheram de alegria, de flores, de perfumes, de sonhos, de crenças, minha passada existência”, e que, no presente, permaneciam “sob o crepe de uma saudade, que é como a sineta da morte, chamando para o túmulo”¹¹².

A chegada de um novo “27 de janeiro” renova as tristezas da redatora do *Corimbo*. Logo na abertura, Revocata pergunta o motivo de ter “o 27 de janeiro cenas tão diversas em minha vida para vir, mostrar-me por fim” uma “página a ficar eternamente em minha alma”. Para ela, “a sina ou o acaso são imensamente caprichosos”, imaginando que, antes do ocorrido, quando viria a pensar que “seria esta data aquela que arrebataria para a eternidade” a irmã, afastando-a “para sempre do lar”, e arrancando-a “de meus carinhos, de meus extremos, de meu indefinível amor fraternal”. Ainda sobre o dia em questão, a escritora confessa que quando lia onde quer que fosse aquela data, passava em

¹¹² CORIMBO, Rio Grande, out. e nov. 1941, nova fase, n. 459, p. 2.

seu ser “um estremeamento de dor e o pensamento desenha de momento aquele dia fúnebre, aquele dia de lágrimas”. Dessa vez, consegue ir ao Campo Santo, onde ficaram “as minhas lágrimas e as minhas flores”, mas, em seguida, a tristeza se sobrepôs, como ela revela: “Quando cheguei a casa e olhei a solidão! Chorei! Quantos nomes adorados invoquei então... Meu Deus! Todos se foram!”¹¹³.

A saúde da responsável pelo *Corimbo* permanece abalada e ela conta no diário de “19 de fevereiro” que ao menos possui “amigos de notado carinho”, que não lhe deixavam passar por aquelas agruras sozinha. Enfatiza que o problema maior são as suas “costumadas insônias”, nas quais havia “quanta coisa a passar e a repassar na mente”. Nessas noites maldormidas, revela que permanece “em pensamento falando muito contigo, saudosa Julieta”, sobre “os dias passados e as noites idas, e os sonhos que desabaram e os castelos levantados sob a irradiação da esperança”. Mas acaba por lembrar-se que “tudo ruiu, tudo passou, tudo se foi” e, de acordo com o seu pensamento, “a vida é sempre assim”, dividida entre os “insatisfeitos com o presente” e os “saudosos do passado”. Voltando a abordar o tema da noite, diz que essa “mais se irmana com a solidão e com o silêncio e quem pensa quer a quietude, o encanto do mistério”¹¹⁴.

A respeito do mês de abril, a jornalista diz que ele já “foi muito cantado pelos poetas, mas os de hoje já não o cantam”, servindo esta frase para a abertura do diário referente a “20 de abril”. Revocata afirma que aquele tem sido

¹¹³ CORIMBO, Rio Grande, jan. 1942, nova fase, n. 460, p. 1.

¹¹⁴ CORIMBO, Rio Grande, fev. e mar. 1942, nova fase, n. 461, p. 1.

um momento que “passou tão lindo”, com bom tempo, e só mais tarde “vieram as lágrimas da chuva, como despedida de alguém que antecipa a saudade que lateja dentre a trevosa noite de ausência”. Ao evocar mais uma vez sua “adorada Julieta”, relata que “parece que este encanto da natureza, estas tintas de um outono a copiar telas rafaelescas, em vez de trazerem alento ao sombrio de meu sentir, têm lançado a um ergástulo de dor”. Confessa que o choro vinha lhe acometendo seguidamente, considerando que não haveria “anseio pior que aquele que nos traz a saudade”. Em suas angústias, afirma que “o olhar espraia-se em volta, o pensamento perde-se numa conjectura indefinível, a alma chora, quer prender o impossível, voltar, ver, falar, rasgar a estamemha de um silêncio maldito”. Como consolação, abençoa todo “aquele que em tais momentos surge como um sol dentre a noite da tormenta e com palavra meiga, olhar de irmão, vem povoar, alentar, partilhar daquela solidão com a divina grandeza dos que não vivem só para si”. E, em relação a estes, ela roga: “Minha Julieta, lá do além pede a Deus pelos que mitigam o sofrimento”¹¹⁵.

O texto ritmado, por meio da prosa poética, é mais uma vez utilizado por Revocata ao referir-se novamente às festas juninas no “diário de dor” de “24 de junho”. A data enfocada é vista como uma “noite que passa e repassa” em sua mente, demarcada como uma “festa da tradição”, época em que, na infância e na juventude, pudera desfrutar das “carícias do lar”, mas da qual só restara uma

¹¹⁵ CORIMBO, Rio Grande, maio 1942, nova fase, n. 462, p. 2.

“saude profunda”, além da dor, do sofrimento e da solidão, perante a morte de todos aqueles que, no passado, a cercavam¹¹⁶.

Com a chegada de um novo “21 de outubro”, a escritora volta a sofrer mais fortemente com a ausência da irmã. Para ela, aquele dia “é treva e luz”, pois “marca teu natal, adorada Julieta, mas também desperta a saudade lancinante do tempo desdobrado em facetas de ouro, quando a teu lado tudo se envolvia em flores e alegrias, em nosso lar de encantos”. Na oportunidade, Revocata faz menção ao papel do periódico que há tanto tempo orientava, explicando que, “sendo para ambas um dia de festa, em plena juventude, demos asas a um de nossos sonhos de luz, e fizemos desabrochar o *Corimbo*”, o qual se abriu “em esperanças – embora pequeno – pelas vastidões radiantes da imprensa gaúcha”. A jornalista destaca ainda o papel que aquele impresso passou a ter em sua vida, ao afirmar que “hoje é ele o companheiro que tenho a falar-me de um passado, em que a labuta da pena era feita em consórcio de ideias minhas e tuas, idolatrada irmã”. No fechamento do texto, a autora enfatiza que, naquele dia, “faço luz no altar das reminiscências imortais e canto a ladainha da saudade, ante a imagem formosa de meus adoráveis que se foram”¹¹⁷.

A ida ao Campo Santo, “acompanhada de uma piedosa amiga” foi mais uma vez o conteúdo de outro diário identificado com o “2 de novembro”. Ao olhar para o cemitério, chama a atenção de Revocata o contraste entre as “flores em profusão” e o caráter “sombrio dos túmulos”. Prevê que “alguns daqueles

¹¹⁶ CORIMBO, Rio Grande, jun. 1942, nova fase, n. 463, p. 1.

¹¹⁷ CORIMBO, Rio Grande, 21 out. 1942, nova fase, n. 464, p. 1.

lugares para onde foram despojos queridos, se lhes fosse dado falar, abençoariam a comemoração aos mortos, porque assim, de ano em ano, recebem a visita dos queridos que deixaram na terra". Mas acredita que as visitas devem ser mais constantes, sem a necessidade específica de um "dia destinado a ir ao Campo Santo, levar uma lágrima, uma prece, uma flor, ao lugar para onde foram os envoltórios dos espíritos adorados pairam onde não é possível chegarmos". De acordo com ela, tais visitas eram promovidas a partir de "três forças superiores: o amor, a recordação e a saudade"¹¹⁸.

Com a renovação do ciclo anual marcado pelos tantos "diários de dor", chega mais uma vez o "27 de janeiro", considerado como o "dia que passa em meu viver, como negro céu de tempestade". Na mensagem à irmã, Revocata diz: "Minha pranteada Julieta, tudo, tudo que passou está refletido ante a visão da alma!". Segundo ela, "a natureza tem segredos insondáveis", pois "dá a lágrima, dá o desespero, parece até que tira a razão e, no entanto, não nos tira a vida, deixa-nos num horrível lance de realidade irreparável". Era outra oportunidade em que a escritora flertava com o fim da vida, ao falar que "a morte em momentos tais seria um bálsamo, seria uma misericórdia de Deus". Ao final, a autora volta a "se comunicar" com a irmã, ao dizer: "Minha Julieta, tanto carinho que se foi contigo. Tanto amor, tantas horas felizes, tantas recordações enlaçadas às nossas almas! Querida minha, o 27 de janeiro, é um poste de dor em minha vida"¹¹⁹.

¹¹⁸ CORIMBO, Rio Grande, nov. 1942, nova fase, n. 465, p. 1.

¹¹⁹ CORIMBO, Rio Grande, jan. 1943, nova fase, n. 466, p. 2.

A morte do irmão, poeta e jornalista, Otaviano, é a motivação para a escrita do “diário de dor” datado de “20 de fevereiro”. Para a escritora, aquele “dia é tão presente a meu coração”, pois “nele se desdobrava o natal de um querido irmão”, um “moço cheio de sonhos, na bonança feliz de um lar jovem e pleno de carinhos”. Revocata diz que o “adorado Otaviano foi para o alto, onde as estrelas faíscam”, vindo a conjecturar que “a rasoura da morte é como o tufão”, ou seja, “passa e arrebatada, destrói as mais lindas e virentes plantas e flores de raro mimo, despetaladas, açotadas a par dos troncos anosos que se desentranha”. Enfatiza que “morrem os fortes e os fracos”, e “o querido Otaviano, era débil de natureza, forte de coração”, com uma “alma aberta do sentir extremo, carinho pronto na voz da ternura, sempre na partilha do sofrimento alheio” e, enfim, “era um bom, era um justo”¹²⁰.

Em um diário sem qualquer identificação de data, a autora constata que aquele dia “foi tanta tristeza sentida”, e questiona-se quanto ao “motivo de tamanha impressão moral”, vindo a dar-se conta que aquilo ocorrera por conta dela ter revolvido “papeis do passado”. Tal atitude levou-a às lágrimas a partir de “tanta coisa de luz e encanto ali escrita”, que trazia a “saudade, a voz do passado”, levando-lhe a sentir “ainda mais afogado o coração”. Mais uma vez, aponta para a falta de Julieta, pois, quando restaram apenas as duas, permaneciam “ligadas ao mesmo passado, os pensamentos se trocavam, as almas se confundiam”. Revocata explica que tais motivos a mantinham “na

¹²⁰ CORIMBO, Rio Grande, fev. 1943, nova fase, n. 467, p. 2.

viagem do pensamento”, tentando descobrir um “mundo em que não há sofrimento e saudade”¹²¹.

Apenas identificado como o mês de “maio”, um outro “diário de dor” anuncia que estava a chegar a estação do frio e das chuvas. Revocata volta a enfatizar que “é tão triste o inverno”, pois “parece que a alma sofre mais”, com o sol se escondendo “entre as neblinas, e há em tudo como um estremecimento de frio”. Refere-se aos efeitos da estação, invernosos nas árvores, nas flores, nos frutos, nas aves e nos insetos, confirmando que, naquela época, “desdobram-se os ninhos das cismas tristes e os horizontes do pensamento perdem o azul do sonho”. Em face do exposto, confirma que “para os que vivem sós, a noite hibernal é um ergástulo de indizível amargura”. Mas também fala de “um contraste sem nome”, ao tratar-se da “noite invernososa passada dentre o doce aconchego da família querida”, pois nessa ocasião ocorre a “felicidade que não se descreve”¹²².

“Noite de luar” é a indicação que Revocata dá a mais um diário, para, em seguida, associá-lo ao mês de junho, apontado como época “de tradições que o correr do tempo alterou”. Revela que “o pensamento abriu-me o livro do passado” vindo a sentir o “martelar da mágoa íntima”. Ao falar a respeito das noites enluaradas, a autora define-as como “poesia da natureza”, vindo a “dizer” à irmã: “Quantas vezes, eu e tu, saudosa Julieta adorada, prendemos o olhar à cúpula celeste, revendo luares que não voltam”. A escritora define que o “luar é a

¹²¹ CORIMBO, Rio Grande, mar. 1943, nova fase, n. 468, p. 2.

¹²² CORIMBO, Rio Grande, maio 1943, nova fase, n. 469, p. 3-4.

saudade”, pois traz “à tona da vida, o escrínio das lembranças” e arrasta “o pensamento para o mistério, para o segredo, para as coisas intangíveis, para um mundo ideal”. Finalmente, sem esquecer a finitude da vida, faz um pedido especial: “Luar! Quando eu morrer, manda de quando em quando uma lâmina do teu clarão sobre a minha sepultura”¹²³.

“Temos hoje uma verdadeira invernia” é como Revocata faz a abertura de seu diário demarcado como “12 de julho”, no qual ela se preocupa mais em descrever algumas das características daquela estação que ela detesta, com os rigores típicos do sul do Brasil, sem deixar de, ao fim, demonstrar seu saudoso pranto pela irmã. Dessa maneira, descreve que “pela manhã os nimbos desciam arrastando seu manto de sombras”, enquanto “o sol, muito de longe, tentava romper a pesada estamena estendida no espaço”. Anuncia que, só “mais tarde, a natureza desprende alguma claridade”, mas o forte frio permaneceu e, além de tudo, “soprava o minuano” e “o arvoredo curvava-se ante a majestade da rajada”. Ainda diz que, só com a noite, “o vento serenou um tanto”, ao passo que, “em frente à janela de minha alcova, em um pedaço do firmamento, irradia uma estrela esplêndida”, e não poderia ser diferente, com a afirmação: “Eu olhando-a penso em ti, minha querida Julieta” e, ao mesmo tempo, “o frio continua”, numa “noite formosa”, havendo, entretanto, “uma tempestade de dor e saudade em minha alma”, de modo que feliz seria aquele que “tem a alma sempre em primavera”¹²⁴.

¹²³ CORIMBO, Rio Grande, jun. 1943, nova fase, n. 470, p. 2.

¹²⁴ CORIMBO, Rio Grande, jul. 1943, nova fase, n. 471, p. 3.

Uma Revocata “mais pensativa que de costume” era anunciada no diário de “15 de agosto”. Quanto à razão desse estado de espírito, ela argumenta que “a natureza de cada ser tem tantos caprichos”, existindo “ocasiões em que o coração afoga-se numa tristeza, cuja origem ignoramos” e, “outras vezes parece que a alma canta e há um leve pairar de sorriso nos lábios”, constituindo “tudo enfim o mistério de cada íntimo”. A saudade aparece novamente e a escritora diz: “Sonhei contigo, Julieta, como sempre, como em todas as noites! Que sonho claro, nítido, trazendo como que uma viva expressão de verdade!”. No sonho, ficavam “ambas bem pertinho, junto a uma janela, me apertaste a mão no carinho dos tempos que se foram”, vindo então a aparecer “ali, nossa adorada mãe”. Mas o sono chegou ao fim e ela confessa que ao menos acordou entre os seus mortos¹²⁵.

Com a chegada de mais um “21 de outubro”, Revocata registra que “era este teu dia natal, querida Julieta”, passando a associar a data também com o periódico que criara. Nesse sentido, diz que “foi assim que o *Corimbo* pela primeira vez apareceu ao galhardo e altivo povo rio-grandino” e “pela primeira vez transpôs a arena da imprensa, a arena dos livros, dos arautos da justiça e da razão”. Em relação à “saudosa e pranteada irmã”, destaca que o seu mês era o das rosas, mas, no seu íntimo, transformara-se no “mês da saudade, de saudade que parece dilatar-se, crescer, prender a alma e o pensamento ao poste de uma amargura muda”. Na homenagem funerária, a autora avisa que, ao invés de rosas, levava violetas ao cemitério, enfatizando que era a “flor predileta” da irmã,

¹²⁵ CORIMBO, Rio Grande, ago. e set. 1943, nova fase, n. 472, p. 3.

detalhando que as tinha “em profusão, dentre as alfombras da mágoa, ocultas a olhos profanos, como gostam de estar”¹²⁶.

No seu último dia de Finados, Revocata escreve mais um diário atrelado ao “2 de novembro”, e, como em quase todos, narra outra “visita tão cheia de emoções ao Campo Santo”. Explica que “não é que seja esta minha ida à mansão da morte, mais dolorosa do que todas as outras” que fazia, “mas, para quem tem alma como a minha, moldada ao sentimentalismo, ver uma lágrima aqui, uma exclamação de dor, mais adiante um soluço abafado acolá”, acabar por provocar “o tímpano da mágoa”, varando “o coração, com muita intensidade”. Ao estar no cemitério, relata que teve uma “digressão triste”, pois “parecia que o sol não tinha o mesmo brilho, os pássaros cruzam em todas as direções, mas não cantam”, além de haver “um cheiro agreste, indizível, a evoluar-se pelos caminhos”. Indica que, apesar disso, “os túmulos estavam todos marchetados de flores”, deixando claro que mais uma vez pensara na “adorada Julieta” e comenta: “Foste a última companheira nestes dias, depois que unidas, choramos tantas perdas! Voltei ao lar, voltei à solidão, a saudade chorou comigo nesse desespero em que não há a luz da esperança”¹²⁷.

Na última edição do *Corimbo* foi apresentado o derradeiro “Do meu diário de dor”, como não poderia ser diferente, pois em seguida deu-se a morte de Revocata de Melo e o conseqüente fim da publicação. Como era o mês inicial do ano, o diário uma outra vez se refere ao “27 de janeiro”, data que demarcava a

¹²⁶ CORIMBO, Rio Grande, out. 1943, nova fase, n. 473, p. 1.

¹²⁷ CORIMBO, Rio Grande, nov. 1943, nova fase, n. 474, p. 3.

morte de Julieta e o conteúdo servia novamente para enaltecer a irmã e declamar a falta que ela fazia. Uma questão interessante, quem sabe mera coincidência, mas, na última frase, pela primeira vez, Revocata se despede da irmã, utilizando a expressão “adeus”¹²⁸.

A presença dos temas melancólicos voltados à abordagem da morte é uma das manifestações mais recorrentes em meio aos textos inseridos por Revocata de Melo nas páginas do *Corimbo*. Essa “sedução exercida pela melancolia sobre quem dela se aproxima explica-se pela natureza” da “própria constituição psíquica” e pela “fraqueza da condição humana”. No caso da criação literária, o escritor “maneja a força emocional” e “elabora uma composição material e organizada”, trabalhando “a matéria da própria paixão e dobra-a a suas próprias formas que ele propõe adaptar à realidade”¹²⁹.

O olhar fixo sobre a morte era fruto de um tempo em que se passava a pensar e sentir “que a sociedade é composta ao mesmo tempo de mortos e vivos, e que os mortos são tão significativos e necessários quanto os vivos”. Dessa maneira, “a cidade dos mortos é o inverso da sociedade dos vivos ou, mais, que o inverso, sua imagem e sua imagem *intemporal*, pois os mortos passaram pelo momento da mudança” e, neste quadro, os “seus monumentos são os signos visíveis da perenidade da cidade”. Foi assim que “o cemitério retomou um lugar na cidade, lugar ao mesmo tempo físico e moral” e “a presença do cemitério parecia, a partir de então, necessária à cidade”. Assim sendo, “a visita ao

¹²⁸ CORIMBO, Rio Grande, jan. 1944, nova fase, n. 476, p. 3.

¹²⁹ LAMBOTTE, 2000, p. 11, 199-200.

cemitério e uma certa veneração ao túmulo” tornam-se comuns. A partir dessa concepção acerca da morte, “a expressão da dor dos sobreviventes é devida a uma intolerância nova com a separação”. Desde a ação à “cabeceira dos agonizantes” até a “lembrança dos desaparecidos que se fica perturbado”, pois, “a ideia da morte comove” por si só¹³⁰.

As manifestações de Revocata de Melo nesse sentido deram-se de maneira dispersa pelas edições do *Corimbo*, mas, já na última etapa de evolução do periódico, ficaram mais concentradas na seção “Do meu diário de dor”. Esse segmento reflete determinados ciclos contínuos de tempo em que não havia uma necessária combinação das datas apresentadas, e sim uma tendência dos dias acompanharem a data da edição. Tudo indica que Revocata escreve o diário nos dias mais inspirados, ou quando a tristeza estivesse mais forte, ou ambos, para depois realizar o apontamento no periódico.

Ainda que o diário seja um “registro íntimo”, que “não se destina, em regra, a ser publicado”¹³¹, Revocata decide publicizá-lo. Essa transformação do privado em público vem ao encontro da tentativa de dividir aquela carga de mágoas com o público leitor, mas, ao mesmo tempo, não deixa de ser uma manifestação do sofrimento também como forma de expressão artística e estética. A melancolia acompanha a vida literária da escritora e só se acentua a partir desse seu extravasar das dores pelas mortes dos entes queridos. Os próprios cuidados com a elaboração dos textos, inclusive, por exemplo, com a

¹³⁰ ARIÈS, 2012, p. 69, 78-79, 95.

¹³¹ SHAW, 1978, p. 145.

presença da prosa poética, com o “uso da cadência, do ritmo, da linguagem figurada e de outros artifícios geralmente associados à poesia”¹³², revelam essa intencionalidade de levá-los ao público.

Ao longo dos tantos “Do meu diário de dor”, Revocata convive cotidianamente com a questão da morte, das tristezas, das recordações, da saudade e do vazio, a partir de uma visão melancólica que leva em conta a “perda do objeto amado”¹³³. Por diversas vezes, a escritora imagina a sua própria morte, o que significaria a chegada à “morada final” no Campo Santo, a partir da qual ocorreria a figurativamente definitiva união com os familiares mortos, o que vem a se confirmar em fevereiro de 1944¹³⁴. Tal perspectiva vinha ao encontro do “enterro na ‘catacumba’ reservada a uma família” e à “necessidade de reunir perpetuamente, em lugar preservado e fechado, os mortos da família corresponde a um novo sentimento”, pelo qual “a afeição que une os membros vivos da família é transferida para os mortos”¹³⁵. No túmulo, Revocata foi sepultada junto aos corpos dos entes queridos por quem tanto chorou – e escreveu – , ou seja, sua mãe e seus irmãos João, Otaviano, Romeu e Julieta, além do cunhado Pinto Monteiro.

¹³² SHAW, 1978, p. 374.

¹³³ LIMA, Luiz Costa. *Melancolia*: literatura. São Paulo: Editora Unesp, 2017. p. 62.

¹³⁴ A certidão de óbito da escritora diz: Revocata Heloísa de Melo, “solteira, com 90 anos de idade”, no dia “23 de fevereiro de 1944, às doze horas e vinte minutos”, na “Rua General Portinho, n. 452”, morreu de “arteriosclerose, insuficiência cardíaca”, sendo sepultada no Cemitério Católico do Rio Grande. Ela “era jornalista, poetisa, escritora e professora, não deixou bens” e “não deixou testamento” (CERTIDÃO DE ÓBITO, livro C-19, fl. 47).

¹³⁵ ARIÈS, 2012, p. 187.

ESCRITA FEMININA E FINITUDE DA VIDA: REVOCATA HELOÍSA DE MELO E SEU DIÁRIO DE DOR



Túmulo de Revocata de Melo e família

Em seus melancólicos escritos sobre a morte, Revocata pretende associar a ação de sentir com a de expressar suas dores, a partir do vazio que indicava dominar sua existência. Isso vem ao encontro do fato de que “a carência humana faz que os que mais sintam a própria carência precisem explorar o que

não possuem na realidade”, vindo então a se estabelecer “a triangulação entre carência, melancolia e sensibilidade, para se aproximar do mundo”, uma vez que não haveria outro lugar “onde se localizaria o constante sentimento de falta” de humanidade “no vasto espaço do mundo”¹³⁶. Com base nessa forma de percepção, “a morte deixou de ser o esquecimento”, tornando-se “o lugar onde as particularidades de cada vida, de cada biografia, aparecem no grande dia da consciência clara, quando tudo é pesado, contado, escrito, quando tudo pode ser mudado, perdido ou salvo”¹³⁷.

Mesmo que pudesse parecer a demonstração de uma fraqueza extrema, ainda mais com tal característica tendo sido imputada às mulheres por séculos, a exteriorização das dores equivale também a tornar pública a prova de força da escritora e editora, pois, apesar de toda a fragilidade que parecia tomar conta de seu ser, ela não desiste da missão que delegou a si mesma, mantendo a publicação do *Corimbo* por tanto tempo, apesar do avanço da idade e dos males do corpo que se somavam aos do espírito. Ao redigir os textos e os diários, a escritora volta-se a um “pacto de fidedignidade que ela pretende estabelecer com o leitor”¹³⁸. Desse modo, Revocata comprova a leitores e colaboradores que mantém o seu papel de levar em frente a escrita feminina e a sua função de

¹³⁶ LIMA, 2017, p. 67.

¹³⁷ ARIÈS, 2012, p. 99.

¹³⁸ BRANCO, Lúcia Castelo. A escrita mulher. In: BRANCO, Lúcia Castelo; BRANDÃO, Ruth Silviano. *A mulher escrita*. Rio de Janeiro: Casa-Maria Editorial; LTC – Livros Técnicos e Científicos, 1989. p. 142.

ESCRITA FEMININA E FINITUDE DA VIDA: REVOCATA HELOÍSA DE MELO E SEU DIÁRIO DE
DOR

editora e jornalista, comprovando que ainda poderia colaborar com o sistema literário que ajudara a construir.

DO MEU DIÁRIO DE DOR

1º de fevereiro

Novo mês trazendo-me os aspectos sombrios, desolados, que se me apresentam constantes, desde que perdi tua doce companhia, Julieta querida.

Sinto-me triste, triste como devem ser todos aqueles que vegetam entre as negras paredes de um ergástulo. Falta-lhes ali mais que o ar vivificante, falta-lhes o sopro da felicidade!

Viver sem ar, é impossível; mas viver sem felicidade, sem um coração igual ao nosso, que nos adore, merecendo de nós a prova do sacrifício, é lancinante!

Viver assim é o mesmo que viver sem luz.

Sofre-se como que o horror da asfixia. Falta tudo; passa-se em nosso ser uma agonia que espanta, uma incerteza dolorosa entre a vida terrena e a vida do além...

A solidão agrada aos pensadores, consorcia-se com almas sofredoras, porém a solidão buscada voluntariamente. Nunca a solidão imposta, imposta pelo destino, pelo turbilhonar das circunstâncias da vida, pela crueza, enfim, do férreo guante da sorte.

Minha amada Julieta, quantas vezes em nossas horas de lazer, trocamos ideias, dialogamos sobre a existência do eremita do solitário da tebaida. Só, inteiramente só!

É impossível que haja alguém, mesmo o mais áspero dos espíritos, que deixe ainda que por momentos, de sentir-se emocionado ante à criatura a quem roubaram todas as vidas que constituíam seu adorado tesouro...

Verdade é que Victor Hugo define bem esse estado: "Por trás da nuvem que nos dá sombra, há a estrela que nos dá luz".

É certo, por trás da treva que nos envolve, há a recordação feliz, brindo claros pelas sombras.

E, como enfrentar o dever, se não fora esse disco consolador, que me traz nesta noite sem fim, teu olhar sempre a pairar ante minha retina tantas vezes beijada pela lágrima!¹³⁹

3 de março

Há dias já tenho pensado tanto , tanto na morte, que me quer parecer isso um prenúncio da proximidade da hora extrema.

Não sei, minha idolatrada Julieta, se poderá teu espírito, em região certamente mais ao conhecimento dos mistérios de Deus, por meio de uma sugestão, encaminhar-me para a grande verdade da vida?

Será talvez que saudosíssima de mim, prendes meu espírito a ideia de morte, parecendo-te que assim estou mais perto de ti! Nós de há muito estávamos prezas aos mundos do Além, porque para lá haviam partido nossos queridos do lar! Mas...éramos duas na noite desoladora da saudade. Hoje há uma só sofredora neste ergástulo de dor! É tudo tão ermo para mim, tenho tanta indiferença pelo que vai lá fora!

Que importa o mundo com seus aspectos quase sempre enganosos, aqueles que fazem da reminiscência seu templo de constante recolhimento? Verdade é que tenho minha prática exterior. O dever assim obriga.

Em face, porém, dos corações amigos, não posso deixar o ritual da saudade, e assim será até a hora da partida¹⁴⁰.

¹³⁹ CORIMBO, Rio Grande, fev. 1930, nova fase, n. 342, p. 2.

¹⁴⁰ CORIMBO, Rio Grande, mar. 1930, nova fase, n. 343, p. 3.

12 de abril

Há uns quantos dias, que não fazia minha visita de saudade, ao Campo Santo! E, pensar, que um mal físico tenha superioridade de poder sobre o impulso, o desejo firme de nosso coração!

Custa a crer.

No entanto, a enfermidade acorrentou-me ao rude poste de seu despotismo inconsciente!

Hoje, enfim, aniquilado o mal deixei logo pela manhã meu retiro de dor, e tomei o caminho dessa desolada paragem onde todos dorme numa noite eterna!

Eu sobraçava dalias e rosas enfeitadas artisticamente dentre verdes aromáticos, a manhã estava serena e bela, mais parecendo manhã de primavera.

O azul desdobrado pelo infinito era de uma pompa adorável, evolava-se naquele ambiente, o perfume natural das ervas, das flores, da resina das árvores e até mesmo do fumo das chaminés próximas em um misto que parecia turbar os sentidos.

Minha alma chorava.

Mesmo ao transpor a minha rua de amargura, quis chamar-me a vida, o agudo silvo da locomotiva, varando os muros do Campo Santo.

Era como que o hino do trabalho a lembrar a faina do homem a mudez da morte.

Meu coração sentia-se duramente confrangido!

Ali estive largo tempo, a falar em pensamento aqueles que outrora encheram de amor meu lar, transformado hoje em albergue da mágoa.

Minha doce Julieta, como a recordação se apoderou de mim no mais estreito laço, trazendo-te a meu lado como em tempos idos, vivendo das mesmas lágrimas torturadas pelo mesmo travo de fel.

Vencida pela dor, sentei-me a margem de um canteiro despido de flores e pensei auscultando meu íntimo e nesse rude positivismo da vida que ali vai mundo em fora!

– Por que não passeia, por que não busca uma distração?

Dizem-me constantemente imprimindo a voz um tom autoritário.

– Deve sacudir de si essas impressões e fazer o que todos fazem procurar esquecer.

Esquecer! Pois é possível esquecer o que está gravado na mente e no coração?

É possível *querer* esquecer? Pois esqueçam os que puderem e quiserem.

Eu não posso nem quero.

A felicidade passa, mas a sua sombra fica a lembrar-nos dolorosamente o que não volta...¹⁴¹

9 de maio

O dia não teve dealbar, veio cerado, caliginoso, pesado, trazendo de longe a voz rouca e impressionante do trovão; as árvores gementes, curvadas para o chão, como que submissas ao açoite desabrido de um nordeste sibilante e verdadeiramente triste.

Veio depois a chuva.

Que chuva, meu Deus!

¹⁴¹ CORIMBO, Rio Grande, abr. 1930, nova fase, n. 344, p. 3.

Despenhavam-se borbotões d'água, abrindo-se nos espaços impulsionados pelo vento, como farrapos de prata.

Havia o tamborilar d'água dos ladrilhos e o desabar dos jasmims; o desfolhar das últimas rosas num adeus nimbado de perfume.

Eu estava junto à janela de meu gabinete de hoje. Sim, de meu gabinete presentemente, porque este aposento foi até dois anos atrás nossa alcova de dormir, adorada Julieta!

Ah! Com que poemas de saudade, com que recordação de sonhos vestidos e púrpura, porém queimados cedo, na grande luz da realidade, como piraustas inconscientes, com que crepúsculos de dor, com que esperanças fascinantes em meio da treva e do clarão da vida povoamos nós este recinto querido, onde junto de nosso leito cintilavam docemente, os retratos dos que amamos e que se foram para o além, como estrelas chorando pela calada das noites!

Minha Julieta, minha poetisa do céu, este aposento guarda todo o aroma delicioso e místico de tua alma santa! Guarda todo o emotivo, todo o indizível, todo o cambiante de uma poesia dulcíssima no reflexo de um espírito de eleição despedidos por teu olhar belíssimo; guarda o som sutil, sonoro, de tua voz, como prelúdios da cítara divina das aragens quando pelas noites de lua junto às praias, acordam as águas adormecidas.

Minha pranteada Julieta, tu podes estar velada para o mundo; mas para mim estás presente, vives, palpitas, porque estás sempre, sempre em minha alma.¹⁴²

9 de julho

¹⁴² CORIMBO, Rio Grande, maio 1930, nova fase, n. 345, p. 2.

Querida, foi neste dia que se foi para o além, o saudoso e melancólico Octaviano.

Deixou-nos esse amado irmão, quando a floravam em sua existência , apenas 25 primaveras!...Minha Julieta, troco ideias com teu espírito, tão lucido, tão belo; porque já não tenho no mundo, quem como outrora, consorcie comigo nas mesmas mágoas, nas mesmas lágrimas, nas mesmas recordações...

Ah! O dia de hoje, traz-me todo o ressaibo dessa amargura, dessa desolação que em anos atrás, esta lutulenta data desdobrou em nosso lar dulcíssimo, já acerbamente despovoado de outros amores que não se definem!

Estas cenas que servem de epílogo aos dias ou meses, em que fomos testemunhas oculares de sofrimentos, de dores, de desânimos de criaturas enraizadas a nossa alma, cujo olhar aflitivo nos fica na retina, vibrando eternamente no coração, são em realidade, indizíveis e indescritíveis!

Um caprichoso mal físico, impediu que levasse eu ao Campo anto, no dia de hoje, meus ramalhetes de lindas rosas do Japão, - camélias vermelhas, brancas e rajadas, de régia beleza, - uma boa amiga porém os levou constricta, ao derradeiro leito daqueles que tanto amei e que se foram para a mansão da eterna luz!

As flores que mereciam tua idolatria, minha Julieta, são na verdade, em datas de dor, ou de alegria no santuário da família, as mais expressivas mensageiras do que vai no tabernáculo do peito.

Creio mesmo que a natureza as mandou ao homem, a fim de traduzirem-lhe em sua mística linguagem muda, os nobres e puros sentimentos.

Tudo na flor nos prende, até mesmo seus espinhos, porque não há passagens na vida, sem espinhos !

Suas cores lânguidas, amortecidas ou bizarras; suas formas frágeis, delicadíssimas qual da violeta, do jasmim, do lírio, ou senhoril e forte com a magnólia e do jasmim do cabo; seu espírito, sua alma, que pronuncia-se pelo

perfume que evola; ora enervante, capitoso, ora a levar-nos aos paramos o misticismo, as regiões do divino, do êxtase!

Tudo, tudo na flor nos faz pensar que é ela a parte mais estética, mais artística, mais preciosa deste conjunto a que chamamos.

– Mundo.

E, no entanto, há criaturas predestinadas, assim como foste tu, chorada Julieta, que guardam no inviolável escrínio do peito, flores que não fenece; bem como a branca rosada virtude, a sempre-viva do amor; a odorosa açucena da caridade; o pensativo lírio do sentimentalismo e a impressionante violeta da modéstia...

Quando a vida deixar-me, ou eu a deixar, é certo que faltarão flores sobre nossa lápide tumular! Não importa, aí o halo da Poesia que perdura nos lugares solitários, silenciosos e profundamente tristes...¹⁴³

(Sem título)

Minha saudosa e adorada Julieta, quantas vezes palmilhando o Campo Santo, paramos em frente a algum túmulo completamente isolado de qualquer testemunho de que uma visita de saudade ali houvesse de quando em quando, lamentando aquela dupla tristeza!

Quem se vai dessa vida, sem deixar na terra um coração a palpitar por si, é de compreender que terá facilmente, como disse o grande Lamartine:

“... a segunda mortal há
Que é o frio esquecimento
Sobre o pobre monumento

¹⁴³ CORIMBO, Rio Grande, jul. 1930, nova fase, n. 347, p. 2.

Cair gelada também!"

Mas, quem deixa afetos, deixa no lar amado espíritos que tiveram o contato de seus extremos, de seus carinhos, num aconchego íntimo em que se refletem os riscos e as lágrimas da existência, como deixar no olvido, meses e até anos, despojos preciosos dos que constituíram parte integrante de nossa peregrinação na terra?!...

Tenho lido tanto, firmado por intelectuais de larga visão, almas educadas na grande escola do sentir, ainda há pouco, pela pena cheia de eloquência de Júlio Dantas, que o culto aos mortos denota bem a vibração de uma elegia da alma; a poesia inata nos que se alheiam no positivismo duro, do materialismo grosseiro, onde não podem penetrar as delicadezas e o belo dos espíritos pensantes, dos corações que não vestem a estamena de uma filosofia rude. Com raríssimas exceções, o homem esclarecido desdenha do culto aos mortos.

Encontrei há tempos em um jornal do Rio, que o túmulo do ilustre Dr. Prudente de Moraes, era apontado como o jardim do cemitério em que dorme ele o sono derradeiro, porque seus filhos iam ali diariamente, levar-lhe flores.

Minha boa Julieta, como por ocasião dessa leitura, nossos olhares se encontraram a dizerem:

– Que santo preito de amor filial!

Eu conservo e conservarei enquanto vegetar por este estendal de mágoas, a ideia de que tudo quanto se possa levar à cidade dos mortos como tradução de uma saudade, de uma recordação, de um preito de amor, de amizade, de gratidão, de apreço, de admiração, é admissível, é digno de respeito e acatamento.

Assim pensamos sempre, minha Julieta, assim continuarei a pensar.

Há quem classifique de vaidade, de ostentação, o dar um caráter de grandeza a um túmulo de família.

Deus! Como varia a psicologia do homem!

Quanto lamento, não me ser dado guardar os despojos de meus idolatrados, em urna de ouro.

Se os amamos tanto, se por eles daríamos a vida, como esquecê-los depois em uma cova anônima podendo dar-lhes leito de arminho dentre preciosos mármore.

Não, o amor não conhece vaidades.

Felizes e louvados sejam os que se fazem surdos à ladainha dos profanos, conservando a sublime pompa do amor, unida à pompa do belo e do grande, para cultuarem a memória santa dos que se foram...¹⁴⁴

21 de outubro

Ó minha Julieta, a data de hoje a florava radiante em nosso lar, lembrando teu natal.

Que de páginas tintas de júbilo em expansões infantis; que de deslumbramentos e impressões de mocidade; que de carícias paternas, recolhe o 21 de outubro em suas dobras e anos idos, que passei junto a ti!

E, depois, quando as alegrias quase que apagadas, despediam clarões fugazes, lampejos de ventura íntima ao nos abraçamos em dias como este, é certo que ainda um hino de indizível amor, cantava em nossos corações, alentados pela ideia consoladora de que o Senhor dos mundos não rasgaria breve aquela página de paz e de carinho, que constituía tudo para nós!...

Mas, ...ó dolorosa realidade da vida!

A rajada que se não pode sustar, que vem implacável, esmagando uma existência que é quase sempre um tesouro sem preço; amordaçando um espírito

¹⁴⁴ CORIMBO, Rio Grande, ago. 1930, nova fase, n. 348, p. 2-3.

cheio de luz; enregelando um coração que era um foco de fé esperança, tudo nos destruiu, minha adorada Julieta!...

E, as rosas de teu natal, as muitas rosas, porque teu mês é de rosas em profusão, hoje deixarão pétalas e pétalas sobre teu derradeiro leito, e, guardarão para minha alma, seus espinhos dilacerantes, tendo-me ajoelhada, de mãos unidas, no porto da saudade.

Porque eu sei, Julieta, que me ouvirás. Digo com o poeta:

“O coração é imenso; a campã fria é pequena demais para contê-lo”.¹⁴⁵

2 de novembro

Bem sabes minha querida Julieta, que o dia chamado dos mortos, para aqueles que visitam constantemente o Campo Santo, só pode trazer a impressão – assaz pesada – de que nesse turbilhão dos que dormem o sono eterno, estão incluídos adorados seres, que encheram de felicidade nosso peregrinar na vida! Porque; lágrimas, flores, preces, saudades, lhes tributamos sempre, talvez que sob um sentir mais forte, mais da alma, atendendo a que o fazemos recolhidos ao silêncio quase sempre desdobrado pela cidade da paz eterna...

E, naquele vai-e-vem de romeiros levados pelo preito das flores aos túmulos caros, há uma grande diversidade de pensar; uns; percorrem toda necrópole, parando de instante, a instante, para falar aos conhecidos, para analisar as ornamentações dos túmulos e a forma mais ou menos zelosa porque é cuidado o cemitério!

¹⁴⁵ CORIMBO, Rio Grande, out. 1930, nova fase, n. 350, p. 2.

Outros, procuram, indagam, afadigam-se em busca de lugares a que destinam flores, e que lhes são desconhecidos, porque *falta-lhes coragem* para visitar túmulos, inda quando muito, uma vez por ano.

Há ainda os que colocam suas recordações de saudade o mais ligeiramente possível, e, retiram-se.

Reputam um dever, que, cumprido, nada mais os detém...

É sempre assim neste dia. Em anos que se foram, quantas vezes nossos olhares se cruzaram ante aspectos destes, numa compreensão de que tenho hoje, infinita saudade, procurando em vão enlaçar meu espírito ao teu, para a comunhão de ideias e de sentimentos; amparo incontestável, nos tropeços da existência.

Procurávamos nós, as primeiras horas da manhã, para a dolorosa visita do 2 de novembro, fugindo assim ao convívio dos que se alheiam a impressões tristes...

Continuo a pensar a mesma forma, minha doce Julieta.

Sim, Camilo Castelo Branco, também o disse: "A saudade é a poesia de todo o homem."¹⁴⁶

27 de novembro

Que tarde triste, verdadeiramente triste! De momento a momento, cerra-se o horizonte como que em uma estamemha impenetrável. A água despenha-se então, aos jorrões! Aqui onde escrevo há uma pesada solidão. A saudade porém "soluça a cada canto" como disse o poeta.

Ah! Minha Julieta!

¹⁴⁶ CORIMBO, Rio Grande, nov. 1930, nova fase, n. 351, p. 2.

Que diferença de tempos idos, em que suspirávamos por uma tarde de chuva, para – a nós fazermos leitura predileta, trocarmos ideias; percorrermos o passado; subirmos as formosas montanhas da esperança aflorando-nos ainda aos lábios um sorriso, para após descermos aos abismos da realidade, onde a lágrima nos brilhava na face!...

Hoje, minha adorada amiga de sempre, a tarde de chuva, a tarde de sol, a tarde de tormenta, encontram-me em igual disposição de espírito. Há uma atmosfera de dor, há uma recordação eloquentíssima, plasmada em tudo que me cerca. Se escrevo ou leio, não poucas vezes paro, ficando imersa, absorta, longe inteiramente do mundo material, a buscar o espírito daqueles que povoaram meu doce lar.

Ando na vida, assim como os que vagueiam que seguem sem destino, inteiramente fora do mundo exterior...

Quando uma circunstância das que pululam pela existência em fora, me desperta, reentro na agitação mundana, retirando dos ombros a cruz porque os profanos, nem de leve a definem!...

A tarde de hoje, porém com o seu impressionante marcar de 27 algarismos estes, que desde 27 de janeiro de 1928 ficaram em meu peito ltuosamente gravados, apresenta aspecto de agonia, traz em si o exterior do sofrimento.¹⁴⁷

7 de fevereiro

Manhã de verdadeiro estio, seis horas e meia. Um sol de pompas já a dourar os altos, a pontilhar de ouro as copas do arvoredos em nítida esmeralda.

¹⁴⁷ CORIMBO, Rio Grande, dez. 1930, nova fase, n. 352, p. 2.

Encantadores os aspectos da natureza. Cheguei ao Campo Santo, sob aquela pesadíssima impressão costumada. Transpus o umbral da cidade dos que dormem e não sonham. Silêncio completo. Um ou outro empregado ali, perambulava pelas ruas desertas.

Cheguei ao Campo Santo, sob aquela pesadíssima impressão costumada.

Transpus o umbral da cidade dos que dormem e não sonham...

Silêncio completo.

Um ou outro empregado ali, perambulava pelas ruas desertas.

Cheguei ao solene ponto do meu destino...

Meu Deus, como disse o poeta:

“Chorava em cada canto uma saudade”.

Ouvia-se, muito afastado, um assovio belíssimo, repassado de vivo sentimento de uma suavidade penetrante, que me fez lembrar o sabiá canoro de nossas matas.

Não é possível dizer do que se passou então em meu combalido espírito, toda a eloquência das grandes emotividades é frágil para demonstrá-lo.

Sentei-me sobre o degrau marmóreo, junto ao túmulo de meus adorados e chorei. Chorei tanto, tanto, que aparecendo de um dos quadros próximos, um pobre trabalhador veio falar-me compungido.

Homem rude, mas onde a fibra do sentimento vibrava mais que em certas almas lapidadas.

Minha querida Julieta, quantas vezes a passo, lado a lado, ali naquele recinto falamos do mistério da morte, da ascensão do espírito, dessa existência que a ciência nega e a fé proclama.

Quanto a mim, cabe-me quase a certeza, sim a certeza de que os que partem para o além nunca mais deixam de influir e muito em nosso viver.

Se um real afeto, se uma decidida afinidade existe, quando na vida eterna continuamos a receber o reflexo desse amor dessa dedicação desse carinho embora invisível, mas de atuação incontestável.

Será a recordação que nos alenta, que nos empresta esta face de consolação com foros de verdade?

É como diz José de Alencar:

“Assim em noite escura, vem um fogo fátuo luzir nas brancas areias”.

Quando voltei ao lar deserto desses vultos queridos abriguei-me junto a teu retrato idolatrada Julieta, e aí fiquei largo tempo, imersa no passado, tendo como sombra o presente e indiferente ao futuro.¹⁴⁸

14 de março

Dia tristonho, nublado, trazendo já uns núncios de estação outra, onde geme o vento, estendem-se as neblinas e o frio clama pelas peles, arminhos, agasalhos.

Mas teremos ainda o outono vestido de poesia, imortalizados pelos pincéis dos pensativos coloristas que tanto gostam de deixar em suas telas, aspectos de manhãs e tardes outonais; a queda das folhas amarelecidas, águas paradas, céus velados...

Vejo agora que a tarde se despede, e vem-me à mente, o verso de Rosalia Sandoval:

“O sol declina. A tarde é desolada,
Como a minha alma é desolada e fria.”

¹⁴⁸ CORIMBO, Rio Grande, fev. 1931, nova fase, n. 354, p. 2-3.

É certo, minha saudosa e idolatrada Julieta que para mim não há estações outras, que aquela que plantou em meu viver, uma aridez desolante; há lufadas de dor geradas pela dura ausência, no lar querido, de todos que o povoaram outrora, de carícias, de encantos de amor, de enlevos que tudo dizem dessa cadeia que liga os corações!...

Há um inverno perene ante meus olhos; manhãs, dias, tardes, tudo se me apresenta sob uma gaze plúmbea; não há sol que aqueça minha descrença; não há claridades onde a tempestade espalmou a asa lutulenta.

Inverno ríspido, meus olhos gotejam sempre.

Vejo agora que a noite desceu, e o luar veio falar-me de ti.

Ah! De ti, Julieta!

Que amargura me invade o ser; como o pensamento rompe a estamemha da morte, e, vai aos luminosos mundos de nosso adorável passado!

Luares idos, quando, como diz Vargas Vila:

"La luna melancolica, uma luna em crescente, semejava ele cielo de uma garza que em la somra se enarcaba."

Luares formosos a pratearem rosas e escombros de minha existência, em noites recuadas...¹⁴⁹

Domingo de Páscoa

O sol splende, e desata-se em chapas de ouro luzidio, dando cintilações ao céu, a terra, ao mar. É que o dia acorda um epílogo triunfal, a dolorosa tragédia do Calvário, em que a tradição aponta o mais sublime, o mais puro, o mais verdadeiro dos legisladores do bem – Jesus Cristo.

¹⁴⁹ CORIMBO, Rio Grande, mar. 1931, nova fase, n. 355, p. 2.

Todo espírito reto, livre de convenções, cômico do direito e da justiça, comunga no culto ao maior, ao mais perfeito dos evangelizadores pela fraternidade humana.

Como em todos os tempos minha saudosíssima Julieta, meu espírito veste a impressão pesada, que a passagem das comemorações à Paixão de Jesus, não pode deixar de vibrar, ante corações como o meu.

Vem-me então o passado, esse passado palmilhado por nós, onde como um castelo encantado aparece-me o lar, o lar saturado do santo perfume das lições de nossos adorados pais.

Ah! Julieta!

Meu pensamento deixa então o pélago das presentes realidades, e, afunda-se, submerge-se, envolve-se nas cristalinas águas em que não gemem os parcéis da vida, para ouvir a longínqua toada dos multicores sonhos de nossa primeira mocidade!

Para num êxtase de dor e de felicidade, rememorar os arroubos de alegria, os paraísos desdobrados em castelos, em relevos de esperanças, que mais pareciam magias geradas pela força das ilusões juvenis!...

Tudo, porém, passou arrastado pela correnteza da desgraça...

A voragem da morte sepultou os lindos roseirais de nossas crenças, os murmuros nenúfares de nossas tardes de cismas e, mais que tudo, as protetoras árvores que ansiosamente abriram hoje os braços para mim, quando em luta com os temporais da vida...

Será isto, destino, acaso, provação, anátema?!...

Deve ser tudo a um tempo.

A hora de ser vencida na luta incruenta há de chegar, não há dúvida.

Até lá, os olhos da alma procurar-te-ão, sempre minha Julieta...¹⁵⁰

¹⁵⁰ CORIMBO, Rio Grande, abr. 1931, nova fase, n. 356, p. 2.

5 de maio

Minha sempre evocada Julieta, costumávamos em tristonho colóquio, falar das datas que se haviam plasmado em luto, dentre página de nosso viver.

Cinco de maio tomou vulto nessa galeria de impressões acerbas. Tantas vezes unidas, choramos no desdobrar da cena dolorosíssima deste dia, em anos recuados, espalmando então, a morte suas negras asas em nosso lar, que hoje sem mais na terra, a urna de um coração na dor desta torturante recordação caminha para teu espírito tão irmão do meu, Julieta querida e falo-te do nosso inolvidável João.

Foi uma folha viçosa, linda, beijada pela dourada mocidade, que o outono em sua ânsia de despir formosos troncos, arrebatou à árvore da vida.

Ah! Parece que está ele neste momento a olhar-nos consoladoramente...

Tão bonito, tão expressivo na calma jovial que o distinguia; tão elegante em seu porte mediano, airoosamente aprumado, correto no trato e no sentir; cabeça esboçando a de Castro Alves, vasta cabeleira ondeada, deixando a descoberta fronte ala e alta. Belo tipo de moço. Oh! Tempos que se foram...

Nosso querido irmão, minha Julieta, não se perdia em sonhos, não se embrenhava nas dúvidas do amanhã, olhava os escampos horizontes da mocidade em flor, e afundava-se na opalina onda das esperanças...

Espírito talhado para enfrentar fulgurações, adorava a vertigem da valsa, seguia o torvelinho do baile, como se estivesse em um paraíso, onde jamais penetrasse a serpente tentadora...

Pobrezinho, idolatrado João!

Tua estrela de sedutores cambiantes afogou-se na treva levando-te cheio de beleza, de inteligência e de bondade para a noite do túmulo!

Em cinco de maio, lançaste sobre nós o olhar de um adeus, vestido de um pensamento que pairava de certo, entre a paz do além e a intraduzível saudade da terra que deixavas...

Choremos, adorada Julieta.¹⁵¹

31 de maio

Oh Deus! Que revolta que inclemência vai pelos elementos; chove, chove sem tréguas, e os horizontes cada vez mais se conturbam, mais se envolvem como que em pesados blocos de chumbo.

Paíra no ar a sombra espessa e a água em borbotões inunda as vidraças do gabinete em que escrevo.

Que tarde, que impressão, que tristeza vai aos poucos, aos poucos, filtrando duramente meu ser, à semelhança daqueles suplícios inquisitoriais numa lentidão de agonia!

Levanto-me da poltrona junto à escrivadinha, e caminho sem rumo certo pelo aposento em pleno silêncio e uma voz qualquer...

Tomo de teu querido retrato, minha inolvidável Julieta, e beijo, à feição de quem perdido em trevosa mata, corre ávido para um retalho de claridade, aberto embora ao alto pela quebra de um braço de árvore.

Preso ao frágil caixilho pende uma magnífica rosa, colhida de véspera em nosso pequenino e quase abandonado jardim.

Que perfume entorna a flor, sobre o vitral de teu belo retrato, amada irmã!

E a chuva sempre a cair, tomando de quando em quando, proporções fragorosas! Que tempo!

Caminho, como que em uma procura, de aposento em aposento, olhar interrogativo, peito opresso, mãos cruzadas sobre a fronte...

¹⁵¹ CORIMBO, Rio Grande, maio 1931, nova fase, n. 357, p. 3.

Que tortura, a saudade, a saudade! Vem-me então as lágrimas, os soluços, essa explosão de dor, que só a solidão, só o retiro, só a ausência de um olhar humano, podem conhecer, com todos esses característicos de agrura indescritível, de sofrimento de lâmina afiada, a sondar a carne em sangue!¹⁵²

9 de julho

Há quem diga: Que sei eu, de datas?! Nada. Datas vão-se com o tempo, não sabemos que se possa adiantar com o revê-las na ideia!...

Bem felizes estes iconoclastas de símbolos do passado....

Eu, porém, e outros que se seguem nas mesmas águas, guardamos no íntimo da alma e, dentre as anotações do pensamento, um acervo que nos é precioso de datas que só morrerão conosco. Uma das minhas é 9 de julho.

Recordando-a nesta fria tarde, cheia de nimbo, vem-me à sombria pena o verso de Luis Hurtado, cantor chileno:

*Em la ressurreccion que el alma invoca,
acaricias mi fronte com tu boca
y aparece la gloria de los astros.*

Sim, querido Otaviano, que te fostes anos idos, ao dealbar de uma dolorosa madrugada deste dia!

Como te choro, ainda com o pungentíssimo desespero, com que olhei teu vulto de moço cheio de sonhos, tocado pela poesia que parecia presidir toda ação de teus gestos íntimos, ali naquela quietude desoladora da morte!... Oh, saudoso irmão!...

¹⁵² CORIMBO, Rio Grande, jun. 1931, nova fase, n. 358, p. 3.

E teve Deus coragem para deixar que se fosse nesse torvelinho que vai ter ao túmulo, ainda aquela adorada, que chorava comigo nestas datas que são lâminas afiadas dando ao coração um gotejar de sangue?! Porque arrebatá-me mais, a luz dulcíssima do olhar piedoso e belo de Julieta, que era como que a estrela nuncia de momentos de bonança, em céu prenhe de sombas?...

O reino de Deus está muito alto, para eu lá cheguem nossas obscuras vozes...¹⁵³

3 de setembro

Entra a primavera neste mês em que céus e campos vestem pompa para o noivar da estação álaçre.

Os pessegueiros, que são os primeiros nuncios dessa formosa entrada, como noivos cheios de poesia e de encanto, renunciã folhas e enfeitã-se de flores, de flores róseas em tecido sedoso. Há revoadas de pássaros, há rebentos de esmeralda; dóceis num verde fulvo; troncos abotoados em flor...

Mas, por que suprimiu Deus nossa primavera, querida Julieta?

Por que desdobrou para nós uma só estação?

Lá fora uma cantata, um riso, um ruído de festa, um murmúrio de esperanças, uma onda de crenças! Aqui, uma atmosfera soturna, um gemido abafado de coração que se despedaça!

Às vezes como uma rajada de tormenta, a dor explode na ânsia de termo bendito... Depois, serena, e fica a pensar em ti...¹⁵⁴

¹⁵³ CORIMBO, Rio Grande, jul. 1931, nova fase, n. 359, p. 2-3.

¹⁵⁴ CORIMBO, Rio Grande, set. 1931, nova fase, n. 361, p. 3.

1º de dezembro

Está a entrar o estio.

O estio é uma estação de pompas, de deslumbramentos, de vibrações, de êxtases!...

Há como que um rasgar de mistérios pela natureza em festa!...

Há cenários indescritíveis...

Parece que umas tantas mãos ignotas arrancaram aos templos do Oriente, brocados de ouro, colunatas em chispas diamantinas, arabescos em prata, para vestirem céus, terras e mares...

Um encantamento de fábula se desdobra lá fora!

Mas a vida é de contrastes.

E, porque não muda a estação de almas como a minha sempre abafadas no burel da mágoa?! Porque são almas de dor, não conhecem alvoradas, não sabem do incêndio alucinante dos arrebóis; só tem visão para crepúsculos e ocasos tormentosos.

E, as almas que foram um dia abaladas pela fera rajada ficam para sempre na cinza do terremoto?!

Não. Em maioria vencem os escombros, e, libertam-se da dor.

Felizes, muito felizes.

Ah! Julieta minha!

Nós fomos dos que ficam no seio das derrocadas...

Nunca ariscamos luta com a saudade, com a reminiscência...

Quem como nós deixa-se prender ao culto pagão da poesia, cultiva a saudade e sofre...

Castelo Branco assevera: "Poesia não quer dizer, senão enlevo doloroso".

A poesia do sentir, por poucos é compreendida; por isso, "isolo-me para recordar e sofrer."¹⁵⁵

2 de fevereiro

Dia vestido de ténébras. Não parece que estás incluído no estio. Horizontes carregados, bátégas de água, de instante a instante. Há nesgas de chumbo aqui e ali, está que como que a primeira cinza.

E em minha alma, então? Há mais que tudo isto, há uma verdadeira tormenta de tristeza, de agrura, de saudades! Só minha querida Julieta, só!... É preciso ser forte, é preciso que tenhamos a couraça de uma energia nem sempre compreendida, que aparenta, mas não esmaga o que vive, o que cresce, o que está preso às fibras de uma alma de dor...

Neste momento minha visão amortecida paira em tudo que tem vulto, ou forma; que tem luz ou sombra; tudo enfim, onde outrora em tempos que se escoaram, teus belos olhos ou tuas delicadas mãos pousaram quando no convívio inolvidável de nossos corações irmãos e de nossos espíritos alentados pelo mesmo sopro, pelos mesmos credos, numa aspiração fora desse vai e vem da vida, desse mundano caminhar, sem deslumbramentos de sonhos de acordados, sem êxtases, sem o ansiar pela gruta das magias, onde arde o sândalo do pensamento, numa eterna evocação ao ideal!

Ah, minha Julieta!

Esta tarde está fúnebre, está a dizer-me coisas tão negras, tão perturbadoras, até mesmo desapiedadas...

¹⁵⁵ CORIMBO, Rio Grande, dez. 1931, nova fase, n. 364, p. 3.

Oxalá me possa abrigar neste consolador pensamento de Justino de Montalvão:

“Ó saudade! Ó desejo de um mundo adivinho, em que nada existe de material e tudo é luminoso sonho na vida infinita!”¹⁵⁶

1º de março

É este o mês em que se despede o estio.

As despedidas são sempre tristes; vem a lágrima, vem o primeiro laivo de saudade, e, vem por último o adeus; o adeus e mãos estreitadas, ou o adeus do lenço que flutua no ar, com um pedaço de alma que quer seguir o que parte...

Mas, a despedida do estio não terá tão emotivos transe; entra o outono, que é ainda uma estação linda; sim, linda para os espíritos de boa tempera, espíritos a que não falta a fibra da alegria, do expansivo humor.

Para mim, todas as estações do ano vibram na mesma tecla.

Só conheço a da tristeza, a da saudade.

É que tenho um mundo em separado; um mundo muito meu. É certo que palmilho aquele que é de todos, só o corpo, porém é que o faz.

A alma, o espírito percorre outras regiões; está sempre contigo, querida Julieta, fala também aos amados do lar, que há tanto se foram! E, quem sabe se a mais alguém que me faz dizer como Lamartine:

“Quando choro outras estrelas

Que em meu horizonte havia,

A primeira inda me envia

Toda a luz de seu olhar!”

¹⁵⁶ CORIMBO, Rio Grande, fev. 1932, nova fase, n. 366, p. 2.

Recordar...Recordar...Recordar...

Viver do que foi, do que se perdeu arrastado pela impetuosa correnteza da vida; olhar desertas as prateadas praias do sonho, onde vogavam as gôndolas da esperança, como amorosos cisnes ruflando as asas; conhecer que há apenas ao longe como painel de dor uma floresta de cruces e ciprestes! É acerbo, é torturante!...¹⁵⁷

27 de março

Parece que a saudade veio hoje mais rude, mais pesada, mais torturante. Realmente, feriu-me o peito com seu guante de ferro! Todo o dia a espicaçar-me, todo o momento a conduzir meu espírito para uns quadros que o passado plasmou em meu viver por forma impossível de apagar, impossível mesmo de amortecer-lhe as cores!

Deus meu, haverá alguém que desconheça o martírio da saudade?!

Não pode ser. A saudade é partilha da vida; a saudade é como que a sombra; onde vamos, ela acompanha-nos.

Vezes há, em que os olhos cansados de seu errar diário, procuram recolhimento sob a carinhosa pálpebra, pensando em um repouso abençoado, que não encontram, porque vão peregrinar no sonho todo povoado de recordações saudosas.

É verdade, minha Julieta, a saudade hoje, impulsionada pela impressão de uma tarde de tempestade, paralisou-me toda e qualquer energia.

As lágrimas reventaram em meus sombrios olhos, como gotas de sangue em escancarada ferida.

¹⁵⁷ CORIMBO, Rio Grande, mar. 1932, nova fase, n. 367, p. 2-3.

A solidão em certas determinadas ocasiões, é quase apavorante!
Há os contrastes: momentos, em que procuramos a solidão como uma
graça divina!
Desejamos isolar-nos muito e muito!...
E dizemos como naquele teu lindo verso:
“E eu fecho os olhos, para ver mais lento
Passar o vulto que a minha alma beija.”
Fomos sempre adoradoras do silêncio, minha Julieta. E porque o fomos?
Porque o silêncio é a poesia, é a cisma, é a recordação...
Hoje, porém, o silêncio foi-me uma caverna de amarguras!...¹⁵⁸

5 de maio

Estamos na estação outonal, dias curtos, noites longas anunciando a
hibernal.

Já se esgueiram pelas tardes uns arremedos de frio, frisando de leve, leve,
as vítreas águas do rio; há cintas de cinza e lírio descendo dos horizontes até o
cabeço dos montes.

Já minha alma combalida veste neblinas e sombras mais espessas, mais
pesadas que as que me seguem na vida...

E, hoje, 5 de maio, rememoro essa partida eterna, acerba, envolvida num
adeus mais torturante, mais pungente, mais sentido que o punhal numa ferida!
Ah, Julieta, querida, abraçadas encaramos numa dor que nunca finda o
momento da saída, da saída desgraçada desse irmão moço, tão lindo, tão bom,
dormindo entre flores, tendo cedo o sonho amado da morte dentre os palores!...

¹⁵⁸ CORIMBO, Rio Grande, abr. 1932, nova fase, n. 368, p. 3.

Por isso, eu fui cismarenta, acabrunhada, sedenta de um sopro consolador por esta manhã de maio, batida pela refrega de inclemente ventania procurar o campo santo, a sua monotonia, aspecto que arranca o pranto, tem sempre a voz da agonia!

Levei flores, muitas flores, também um canto da lira, falando ao saudoso irmão do quanto esta alma suspira...

A meu lado, doce amiga, meiga, triste, ali unidas, num conjunto fraternal, as nossas mãos confundidas ornaram santa morada, que é meu tesouro na vida; que o coração não olvida, que é meu altar, que é meu templo, onde a lama dolorida reza o missal da saudade e na asa do pensamento vai além, busca a existência onde há desalento.¹⁵⁹

5 de junho

Que dia frio!

Minha saudosa Julieta, não me posso furtar à consolação de conversar contigo.

Tu me ouves?

Por que será que em meus sonhos, em as poucas horas de sono, por que continuo com minhas acres vigílias quase que há sempre uma labuta de flores entre nós? E, que lindas que eram as desta noite, que lindas! Um verdadeiro turbilhão de madressilvas, de cravos, e ainda algumas camélias brancas. As madressilvas desprendiam ondas de aroma, todo o ambiente estava saturado de um perfume inebriante, uma delícia, um encanto a que os cravos emprestavam

¹⁵⁹ CORIMBO, Rio Grande, maio 1932, nova fase, n. 369, p. 2-3.

também a essência de que são opulentos; um quer que seja que acorda os sentidos para a inspiração e a alma para a saudade.

Ah, Julieta minha, o perfume, o perfume parece que me faz uma segunda vida!

Em meio ao perfume, o pensamento toma vulto irrompe deixa todo esse aí e vem banal, que é na existência como que uma argila a vedar-nos o êxtase o tênue o sutil, o vaporoso do sonho e da ilusão...

Pudesse eu viver sob uma atmosfera onde dia e noite vagasse a alma azul, estonteante do maior, do mais ativo, do mais denunciador dos perfumes!...

Disse bem o adorável poeta das “Espumas flutuantes”:

O espírito talvez dos tempos idos

Desperta ali como invisível nune...

E o poeta murmura suspirando:

– Bem me lembro...era este o seu perfume...

Pois, querida irmã, que sonho impressionante no enlevo das flores!

Como que ainda sinto aquele voitar, aquele desprendimento de essências pairando no ar que respiro...

Depois, quando atávamos os ramalhetes chegou alguém que trazia muitas e muitas flores rubras, em meio de virentes e elegantes palmas; penso que seria um poeta; ele estava tão identificado às flores, quase não falava, pediu-nos uma cadeira, sentou-se e ficou com a destra na frente em atitude de meditação.

Olhamos admiradas e continuamos nossa tarefa de enramilhear flores...

Para que queríamos nós esse turbilhão de joias de Flora?

Não sei.

Nosso simpático auxiliar se havia retirado e, nada nos dissera.

Havia um frio terrível porém a tarde era de um painel de artista da Renascença, um pompear da natureza em cores! Chegamos ambas a uma janela; ia eu apontar-te o ocaso, quando acordei...¹⁶⁰

10 de julho

Tenho ainda na alma, as grandes impressões de ontem. Grandes, muito grandes!

Sempre fomos assim, minha adorada Julieta.

Sempre a nos determos, a ficarmos como que presas a um emaranhado, a uma trama de sentimento que empolga, que nos faz sacudir sob impressão de desdém, o que se agita lá fora, e que se não pode unir ao que o coração sente e o espírito veste de sonhos que são só para nós para o nosso íntimo...

As impressões na vida são como as flores!

Um desabotoam rosadas, risonhas; outras antes mesmo de seu desabrochar, enchem de aroma, de indizível perfume, o ambiente até mesmo o recanto onde se vão ostentar.

Estas são a nítida fotografia das impressões previstas; daquelas que ganham corpo em nosso sentir e, antecipadamente povoam d luz nosso espírito...

Feliz de quem não é impressionável.

Nós, querida minha, creio que desde entradas no mundo prático, nos fizemos vítimas da impressão.

Outros há que olham acremente para o que lhes vai na vida, sem que lhes fique preso o pensamento. Fazem assim como o volver de páginas que não nos

¹⁶⁰ CORIMBO, Rio Grande, jun. 1932, nova fase, n. 370, p. 2-3.

interessam. Deixo, porém, esse modo positivo e afogo-me em impressões passadas e presentes.¹⁶¹

31 de julho

Está a passar a estação em que se despem as árvores, em que, desapiedosamente, os ventos hibernais sacodem os ninhos, em que as geadas branqueiam campos e colmos...

Está a passar. É uma forma de dizer. Não, ela não passará já; em nosso amado sul, teremos ainda muito horizonte carregado, muita lâmina afiada pelo frio, a varar os agasalhos, a tocarmos a epiderme!...

Mas, por que havemos nós de temer as agruras da natureza lá fora, quando pelas almas há tanta falta de calor?!

O gelo da ingratidão, por exemplo, acremente se pronuncia e não há sol que possa tirar-lhe a rijeza!

É belíssima a primavera da alma, é. Digam-nos, porém, em grupo de almas dessas que por aí vagueiam, quantas delas palpitam na quente temperatura de uma sinceridade firme, no conhecimento do que vale um afeto fora da craveira comum?!

Raras poderão ser apontadas.

Depois é como tantas vezes minha saudosa Julieta dizíamos em nosso trocar de ideias:

No palmilhar da vida há tantos e tantos dias sem raios solares; tantas noites onde a neve da desolação penetra em corações onde desabrochavam flores; tanto alguém a tiritar de frio, sem o arminho de uma carícia; tanto olhar

¹⁶¹ CORIMBO, Rio Grande, jul. 1932, nova fase, n. 371, p. 2.

recolhido a glacial penumbra da saudade que geme como o vento pela calada das noites de junho; tanta criancinha com a boca gelada pela ausência do beijo materno por que então temermos o inverno que passa?!

Não, o inverno mais inclemente, mais duro, mais torturante, é aquele que deixa a lama para sempre um ressaibo de gelo, uma visão de eterna sombra.¹⁶²

1º de setembro

Entra este mês, Julieta, a sorrir para tantos, como já irradiou em nosso lar...

Mês em que a primavera faz presença triunfal; mês em que acordam as flores e os ninhos nessa efusão de retalhos bizarros, nesse evolir de vida, de perfumes, de anseios, de luz!...

As árvores vestem folhagem nova, pequenina, a semelhança de uma escama esmeraldina, pontilhada aqui e ali, de jalde e de rubi. Mas os pessegueiros, os pessegueiros vestem peplo cor de rosa, são mais lindos dentre esse início de estação florente, pela singularidade de seu cerrado desabotoar de tintas auxiliares ao primeiro dealbar da aurora. São os pessegueiros os encantadores arautos da primavera. Que mimo, que poesia, que enlevo!...

Depois, a revoada dos pássaros com o sugestivo multicolor de suas penas; o pipilar, o gorjeio, o arrulho; o adeus ao dia no recolher ao ninho, o hinário pelas calmas alvoradas!...

Ó, os errantes beduínos do ar; os menestréis alados a fazerem de beiral dos telhados balcão para os idílios as suas formosas damas que os embriagam

¹⁶² CORIMBO, Rio Grande, ago. 1932, nova fase, n. 372, p. 3.

com adoráveis cavatinas... Minha saudosa Julieta, quantas vezes, quantas, prendemos o olhar no rápido riscar de um trovador alado pelos espaços. Quem sabe onde iria?!...

Primavera, primavera, para mim és um sonho do passado.

Que vale o riso, que vale a festa, que vale um cenário refletido em tonalidades incendidas, aos olhos que já se afogaram m sombras, aos espíritos a divisarem, como o judeu da lenda do castelo, sempre a morte em seu caminho?!

Setembro, poderás alegrar a muitos, poderás...

A vida é mesmo assim, para alguém um desatar de primaveras e estios, para outrem constante invernias, horizontes sempre carregados, a procela a pairar-lhe a mente.

Esperança, esperança não fuja: diz que a imortalidade não é uma quimera que há de vir sua era de bonança...¹⁶³

3 de novembro

Tenho ainda o espírito preso à visita feita ontem no “Campo Santo” às primeiras horas do dia. Não é que seja o Dia dos Mortos, aquele único que requer presença aos túmulos dos queridos que se foram – como pensam muitos – não, para levarmos lágrimas, saudades e flores, não há designação de datas, a alma que ama, e recorda sempre no culto íntimo, sente necessidade de ir aqueles derradeiros leitos para fazer uma visita de concentração, de ausência ao mundo lá fora onde fervilha a banalidade dos que riem muito e pouco pensam...

¹⁶³ CORIMBO, Rio Grande, set. 1932, nova fase, n. 373, p. 3.

Sabes bem, adorada Julieta, como desde nossa primeira mocidade tivemos aversão aos meios em que só estala a risadas e as fisionomias não mostram um traço de reflexão...

Eu, porém, guardo de ontem o acerbo de pensar que os nomes dos astros do meu lar estão ali incluídos aos dos que enchem a funérea placa da morte...

Estou aqui, nesta tarde de 3 sob um profundo ambiente de tristeza nesta sala onde há a eloquência de retratos tão amados a olharem-me talvez com piedade, talvez com mágoa indizível, querendo quem sabe encher-me a solidão com as telas do passado...

Vaga no ar um enervante perfume, um evocativo perfume de magnólia; pela vidraça olho o poente numa orgia de cores, num desprender de lampejos de sol, que se esvai, que se afoga, que soluça o último adeus...

De teu retrato, doce Julieta, se debruça uma rosa como que a querer esfolhar-se...

Tudo em volta de mim murmura o miserere da saudade... ¹⁶⁴

Dezembro, 3

Este mês é conhecido lá fora como precursor de festas.

Creio que de festas são todos aqueles meses a cercarem-nos de alegrias de realizações, de sonhos que cantam em nosso espírito, que dizem do que vai pela alma em *te-deum* de amor.

Mas o mundo aceita tal denominação para dezembro, não sem justo motivo: a conceição de Maria, o Natal, o alvorecer do Ano Novo como arrebol de esperanças impôs a última noite de dezembro constituem festas populares.

¹⁶⁴ CORIMBO, Rio Grande, nov. 1932, nova fase, n. 375, p. 2.

Eu, porém, que já tive dezebros alcandorados, dezebros como o verdadeiro deslumbre da felicidade, hoje os encaro como quem tem ante a visão uma constante sombra. Apagaram-se para sempre tão irradiantes passagens! Foram assim como um fogo pirotécnico a atrair a deslumbrar, porém, de curta duração.

Há ainda de permeio as vivas recordações que para mim povoam dezembro o funesto 13, com aquela tarde dolorosamente longa, com aquele rasgar de desesperos com aquele amortilhar de esperanças e um sacudir de soluços ante o corpo inanimado do querido, do bom do estremecido Romeu!...

Julieta, só tu me podes compreender!

Que importa, estejas no além, e eu no calvário desta vida!...

Enlacemos, pois, nossos pensamentos...

Não há distâncias que possam sustar o voo do pensamento.

O que não voa é a verdadeira dor!

Essa vai lenta, arrasta-se, é pesada, dá-nos a impressão de um bronze sobre nós. O que voa é a felicidade, e essa, Julieta, deixou-nos para sempre!...¹⁶⁵

28 de janeiro

O dia está exatamente como a folha negra que se abre em meu coração. Sombrio, agitado, envolto em uma lufada áspera, saturada de mormaço.

Paíra no ar como que uma interrogação a minha alma.

Qual mais acerbamente doloroso, o 27 ou o 28 de janeiro?

Nem mesmo sei!

¹⁶⁵ CORIMBO, Rio Grande, dez. 1932, nova fase, n. 376, p. 2-3.

O 27 estampou como legenda brônzea em minha vida, teu aniquilamento final, minha Julieta...

O 28 deixou como badalada fúnebre, como arranco de desespero supremo aquele adeus aquele adeus que é a dor que sangra que despedaça que nunca mais apaga!...

Não, não é possível essa resignação assaz recomendada!

Volvem-se as estações, temos os frios, os cirros e também as pompas do estio, as opulências da natureza primaveril desatando noites de lua, noites arrendadas em prata!

Mas tudo isto para quem um dia transpôs o pórtico lúgubre do infortúnio para quem já teve ante a visão a ave da morte espalmando as longas asas em seu lar, reveste-se de uma tristeza de uma desolação pouco compreendida! É como se visse em tudo um selo simbolizando a mágoa!...

Minha querida Julieta, que saudade, que saudade!

A tarde está a expirar cheia de sombras e a noite virá cheia de trevas...

Serão elas mais densas que as que tenho no íntimo?

Não, não pode ser aquelas passam, vão-se.

Estas, porém, permanecem são núncias da tormenta que se desafoga na lágrima...¹⁶⁶

4 de março

O sol de hoje está como aquelas lâminas de brilho fugaz que nos surpreendem dentre as penumbras da vida...

¹⁶⁶ CORIMBO, Rio Grande, fev. 1933, nova fase, n. 378, p. 2.

Um sol tão esquivo tão arredio, sol a dizer: eu não fico, quero dourar aspectos de onde irrompe o hinário da passarada, quero pontilhar de ouro os picos de longínquas montanhas.

Ora, vamos quando a alma só conhece aridez, quando a paisagem íntima está como que velada por uma cerração de desesperança e não há um sol artificial que lhe dê cor, necessitamos de uma nesga ao menos do astro soberano a dar-nos a doce ilusão de que ainda há calor em nós...

Tu, quero crer, querida Julita, sabes bem como tenho tantas e tantas horas em que só vejo névoas, névoas e névoas!

Nessas horas em que parece que perto há um dobrar de funéreo sino, nem sei mesmo se há sol ou lua, se é noite ou dia.

Sei apenas que então vibra a frase de Orris Soares:

“Passem de largo os endoidecidos da alegria, muito de largo! Riqueza da alma, psíquico tesouro, só é a dor!”

Deixemos pois perambular lá fora aquele que não tem fibra para certo sentir e o que sente muito recorda ainda mais porém timbra em aparentar oposto a dor.

É este um bom recurso...

Falem pois saudosa Julieta nossos espíritos sempre tão imanados tão presos aos mesmos ideais tão seguros à bíblia do afeto, tão firmes à catedral do sonho.

Que saudade, que saudade de nossas divagações pelo passado.

Levar o pensamento além, muito além rasgar o planejamento dos tempos, desvendar, abrir, varar o impossível e chegar até essa paragem que lá ficou encravada no bronze do tempo que não mais volta!

Julieta, minha Julieta.¹⁶⁷

¹⁶⁷ CORIMBO, Rio Grande, mar. 1933, nova fase, n. 379, p. 2.

2 de abril

Este mês é de êxtase.

Que enlevo minha adorada Julieta; os poetas bem se dizem pontificadores nos templos da poesia do outono...

Ainda hoje ao descerrar a janela da alcova, fiquei sem ação. Olhos parados no infinito, como que a interrogar-te, a pedir-te uma ideia nova, sobre a página de luz aberta ante mim...

Que sol a lançar de sua aljava de ouro, setas em jalde espelham-te a deslumbrar tudo!

E a Terra em pompa sorridente, ávida pelo que lhe está a prometer a estação formosa, desdenhando dos futuros estragos do inverno.

Que manhãs, que tarde, que noites!

Neste momento estou a ver com os olhos da alma, os luares, os adoráveis luares de abril, rasgando claridades sublimes, quando em tempos escoados, eu, tu e mais construtores de sonhos a beira-mar, evocávamos vozes de liras já então com as cordas paralisadas.

Hoje!... tua lira tantas vezes glorificada, tantas vezes beijada por simbólicas flores também silenciou, também parou como o relógio das catedrais em vida.

Presentemente quando a visão física aponta-me um luar alabastrino, um luar de Verona, um luar que prende, que esboça lagos de luz, que arquiteta moitas de brancas rosas, que enche a terra de listrões de prata, e o mar de véus de noivado bordados a platina, eu fico a semelhança de quem quer fugir a uma aparição dominadora, porém mais abre os olhos para vê-la mais se lhe aproxima...

Recordar! Recordar!¹⁶⁸

¹⁶⁸ CORIMBO, Rio Grande, abr. 1933, nova fase, n. 380, p. 2.

27 de maio

O 27 de cada mês como que fica parado ou antes desdobra-se lentamente, tristemente assim como as recordações amargas que uma vez presas a nossa ideia difícil torna-se a afastá-las.

A vida é mesmo um enigma, é tão cheia de hieróglifos, tão bordada de surpresas, que fico por vezes a penar nesta nódoa denegrada que me traz o 27 de cada mês, quando já tive noites de alegria e até de glória, apontando-me o calendário esta mesma numeração, hoje fatal!

Assim vamos nós neste declive da existência inteiramente ignorantes da hora, do dia, do mês em que o coração paralisa a máquina humana e o invólucro de um turbilhão de coisas boas e más, do grande e do sublime, do horrível e do tirânico, faz sua entrada sem revolta, a caverna do silêncio eterno.

É verdade, é indiscutível, o problema da vida!..

Pelo sombrio, pelo toldado do espaço, pelas alterações atmosféricas, o aspecto do que está para vir, dentre a natureza que no cerca é claramente previsto por nós. Mas não desvendamos, são improfícuos nossos conhecimentos de espírito, quanto à transformação dada aos seres que nos rodeiam, em a curta passagem de uma hora de um momento de um dia apenas!

Sempre o mistério a impor-nos silêncio ante o ser ou não ser...

Minha Julieta, tantas vezes te invoco, tantas vezes te falo com as vozes da alma, do pensamento, da saudade, da recordação, mostra-me pois a exatidão dessa vida do além, insufla-me a convicção, amordaça a dúvida que me

atormenta, já que não posso entrar neste impossível que rege a vida do homem na terra.¹⁶⁹

15 de junho

Do frio nos vem a concha alabastrina, nevada, num desprender de tristeza, de tristeza amargurada.

Passa então o miserere dos pobrezinhos que gemem sem agasalho, sem pão. Passa também a geada, na mantilha prateada. E, no céu, nem uma nesga, nem um retalho azul.

Caem as águas de manso, inundam a natureza, corta mesmo o coração lá fora tanta aspereza...

Que saudades, Julieta, que saudades de outros tempos, de sonhos, de amenidades, tempos que foram, passaram, mesmo queimados de frio, mesmo despidos de flores, bem como a face do rio espelhando um céu sem cores...

E nós lá dentro à saleta, no aconchego, no amor, ouvindo como trombeta que faz ouvir o clangor, a chaleira no brasido anunciando calor.

Depois o chá – a delícia de incontestáveis fluidos, ali a tornar unidos pensamentos, corações...

Que saudade! Que saudade!

Ó Julieta querida!

Invernias só lá fora, cerrações, névoas e dias sem conhecerem aurora.

Mas no lar, no misticismo de afetos e de esperanças, parece que as invernias vestiam rosas, bonanças.

¹⁶⁹ CORIMBO, Rio Grande, maio 1933, nova fase, n. 381, p. 3.

Do rosário do passado, cada conta que contemplo traz-me um poema encantado, mas a cruz que tem pendente é negra como meu fado.¹⁷⁰

29 de julho

Minha querida Julieta a saudade é na vida uma companheira a prender-nos ao isolamento.

A alma que sofre é egoísta se lhe fosse possível fazer calar todo o ruído festivo, todo o riso, fa-lo-ia.

Na primavera todas as árvores, todos os campos, todos os bosques vestem o verde novo, o verde sadio, o verde esperança, em uma corola de folhagem prometedora e porque não tem também o homem no decorrer da sua existência, de ano a ano, uma certa estação de felicidade, onde tudo lhe apareça em flor, em luz de alegria?!...

Olha, Julieta saudosa, escuta minha oração da alma: digo que é uma prece porque creio que as almas que sentem muito rezam mais que os lábios tem seu missal de recordações e, ante o nicho da santa invocada em pensamento ajoelham constantemente.

Sim, nós estamos separadas, estamos em regiões opostas, mas não há distâncias quando dois corações se fundem, não há ausência que deixe de ser vencida pela ronda do pensamento.

Viver para o presente é necessário, viver para o passado é ainda mais preciso, porque o passado não pode morrer, é lá que a visão da alma vai encontrar os mais belos pedaços de cada existência, é lá que estão inscritas como em tábuas sagradas as glórias, as lutas, as dores do torrão natal.

¹⁷⁰ CORIMBO, Rio Grande, jun. 1933, nova fase, n. 382, p. 3.

O coração encontra sempre uma nota de solidariedade, no estro dos verdadeiros poetas.

Eis por que fecho este meu “diário” com uma inspiração do adorável Olegário Mariano:

“No crepúsculo de gaze
E ouro, anda alguém a cantar
Uma cantiga que é quase
Um choro humano pelo ar...
Pensativa os olhos ponho
Nas folhas – vida que vai
A extinguir-se sonho a sonho
Em cada folha que cai...”¹⁷¹

23 de julho

É noite. Estou só. Teu retrato a minha frente, sobre a banca de trabalho, querida Julieta, é como véspero varando um turbilhão de nimbos. Em meu espírito lateja um enlevo. Sonoramente ouvi há pouco, da sala, uma surdina profundamente emotiva, docemente penetrante... Depois uma serenata a duas vozes, tão bela, tão bela que subia, subia todas as escalas da harmonia e evolava-se pelo infinito em fora, como que em busca de uma paragem ideal!...

Como pensava eu em ti, adorada irmã, como revia tanta folha do livro da vida, em que ambas olhávamos o castelo azul do sonho, todo iluminado pela poesia, lâmpada a faiscar, a desprender fagulhas...

¹⁷¹ CORIMBO, Rio Grande, ago. 1933, nova fase, n. 383, p. 1-2.

Meu pensamento ia e vinha, pobre inconsciente. Neste momento houve um chamado a passarmos a outra sala para o chá.

Foi quando o nosso conhecido e inspirado poeta Luiz Emílio Léo, numa ideia triunfante, assentando-se a cadeira que foi tua junto à mesa de escrita, tomou da pena e escreveu o lindo, o expressivo, o eloquente seguinte soneto!

Julieta (improvisado)

Neste lugar em que Julieta um dia
Esteve, neste canto calma e suave
Onde tanta dorida nota grave
Ou cantava, ou clamava, ou então gemia

Neste lugar sua alma como ave,
As asas espalhava ou recolhia
No mistério divino da poesia
De eu no crânio sepultava a chave

Julieta santa! Grande e pura alma!
Tua memória em torno a nós volita
Serena e pura, grandiosa e calma.

E a nossa prece a cúpula infinita,
De nosso coração se eleva e psalma
Onde estrela teu gênio ainda palpita!"

Nem mesma sei, as grandes impressões amordaçam a palavra. Ele é bem o verdadeiro poeta, porque só o é de fato aquele que na frase de Victor Hugo e de

Vargas Vila traz em seu verso o timbre do sentimento a par da espontânea beleza.

Julieta, sacerdotisa que foste no solene templo da dor, manda ao poeta pela luz de uma estrela teu olhar de gratidão. Que eu consagre-lhe aqui uma flor da alma.¹⁷²

Vinte um de outubro

Vinte um de outubro, quanta agonia
Quanta saudade na minha ermida,
A triste monja do desespero
Não deixa a estrada da minha vida.

Este teu dia natal, minha adorada Julieta, foi um pálio de rosas em nosso lar querido.

Aqui, ali, em todos os recantos, como pinceladas rubras, amarelas, verdes, cantava a harmonia das flores atentas, debruçadas pelas jarras.

Havia ali, o encanto da poesia, o encanto da vibração das liras...

Meu Deus, que extasiante teu dia natal! Dia tido em pompas de primavera, hinários da passarada, perfumes dos jardins, dos bosques, das alfombras das moitas, das selvas e até das campinas em flor. E o mar e o céu num conjunto de adoráveis cores azul e verde, aquele a cantar a balada dos sonhos, das aragens trêmulas, suspiros nesse ritmo que só as águas conhecem e este a desdobrar o achamalotado de seu dócel de turquesa num azul de coisas ideais e divinas!...

¹⁷² CORIMBO, Rio Grande, set. 1933, nova fase, n. 384, p. 2.

Hoje!...Minha Julieta, o teu dia é um dobre de dor em meu retiro. A recordação plange, geme, parece uma infeliz alucinada, ora sorrindo ora chorando ora buscando o passado ora querendo a força plasmar-te ao presente...¹⁷³

11 de novembro

Acaba de passar um crepúsculo vivamente doloroso! Que morrer de tarde, que mortalha de névoa, de frio, de vento arquejante, se desdobra ainda pelo espaço em fora.

O aspecto penetrou em meu íntimo e eu caminho de aposento sem mesmo saber que devo pensar, que devo fazer.

Ave que tem a asa quebrada levanta os olhos ao alto, mas não encontra forma de alar-se...

Querida minha Julieta, doce amiga de sempre, como és por mim invocada, em momentos em que fixo o olhar em volta e vejo tudo vazio de ti e de todos.

Há uma questão que nunca se poderá resolver: É aquela que importa em deixar o bulício, a alegria, o convívio dos felizes, ou dos que aparentam o constante riso – para acompanhar quem se fecha num sentir, numa agrura, num sofrer que é ao mesmo tempo vida e morte lenta.

Difícil querer trocar a luz pela sombra, a rosa pelo espinho o riso pela lágrima.

¹⁷³ CORIMBO, Rio Grande, out. 1933, nova fase, n. 385, p. 3.

Às vezes fica a gente a pensar nesta desigualdade que vai pelo mundo e imagina por si mesma, buscar essa outra vida de que tanto falam alguns, onde o sentir é perfeito, é puro.

Tu bem o definiste minha Julieta:

“Foge de nós, vai-te embora

Quem poderá te querer?

Coração que sofre e chora,

Só deve aspirar morrer!”

Que vale o mundo quando o espírito não tem paz, não tem rumo?

Peregrinar, andar a esmo, olhar o terreno a ser palmilhado todo em asperezas!

Certamente é cruelíssimo!

É verdade que lá de quando em vez há como que uma fila sulfúrea nos sombrios horizontes.

Mas...¹⁷⁴

13 de dezembro

Romeu, meu caro e saudosíssimo Romeu!

Se me ouves, se me vêes, deves compreender que o tempo tem sido impotente ante a força de minha saudade, de minha pungente e consoladora recordação.

Rememorar o passado é viver! É olhar o que foi, o que a passagem dos anos arreda do viver presente, na impossibilidade de pisarmos de novo tais

¹⁷⁴ CORIMBO, Rio Grande, nov. 1933, nova fase, n. 386, p. 3.

caminhos, mas que nos prende a visão da alma, dá que tenhamos muitas horas de completo enlevo íntimo, ou de profunda mágoa ao vermos sucederem-se no pensamento telas e telas, muito nítidas umas e ensombradas outras.

Este dia 13 de dezembro, porém, com todo seu cenário de lancinantes lágrimas de indizíveis desesperos aberto em nosso lar, ante mim e nossa adorada Julieta (hoje também em tua paragem do espaço) ficou, está e estará para comigo até a hora feliz em que me virá para o corpo, o sono eterno...

Que dia! Meu Deus, como foi-nos possível assistir, suportar ao esfacelar de uma esperança, ao extinguir de uma vida tão querida?!...

“Morrer - diz Justino de Montalvão – é ressuscitar; morrer é ir viver além da vida presente, lá onde afinal se realizam os sonhos dos que no mundo foram os sombrios escravos da ilusão e do sofrimento!...”

Logo, devo pensar muito na morte...

Encontrarmo-nos de novo; meu bom irmão, como será doce um entendimento de almas que entraram no mundo sob as sagradas direções de pais adoráveis, sob um mesmo pontificar, um mesmo extremo, um mesmo conhecimento da comunhão de ideias, a mesma prece, a mesma hóstia de amor indelével.

Romeu, agora mesmo trouxe a teu retrato as minhas flores e meu rosário de lágrimas.¹⁷⁵

27 de janeiro

Fala-se tanto na ação do tempo, no entanto ele como tudo é por vezes vencido!

¹⁷⁵ CORIMBO, Rio Grande, dez. 1933, nova fase, n. 387, p. 3.

Que força tem sido a sua ante a dor em mim deixada pela tua eterna ausência, minha Julieta?!...

Há seis anos que te foste, há seis anos que partiste, há seis anos que em vão meu olhar te busca em todos os aposentos de nosso desolado lar!...

E o tempo tem acaso acalmado essa procela, tem sacudido este amontoado de sombras em meus horizontes, tem podido trazer rosas onde há cardos e cardos?!

Não. O tempo opera facilmente quando a alma molda-se a uma bem-aventurada resignação ou firma-se em consoladoras convicções.

Nós, porém, minha adorada Julieta fomos sempre umas rebeldes ante o aceitar de tão feliz tranquilidade moral.

O mundo é assim cheio de contrastes.

Este dia 27 de janeiro é um dobre funéreo em minha alma.

Hoje pela manhã no campo santo numa verdadeira solidão pois não se encontrava ali um só visitante e os próprios empregados estavam bem entregues a seus deveres passou-me pela imaginação a vertigem de um grande anseio pelo descanso no túmulo...

Muito tempo conservei-me sentada sobre o degrau de mármore que margeia teu derradeiro leito e de tantos de nossos idolatrados.

Pensei então com Vargas Vila:

“A solidão é para aquele que encarna uma grande dor. Quando só é que o homem dá expansão ao sofrimento que o abafa, que o estrangula.”

Lá nesse silêncio de uma poesia dolorosa e eloquente deixei-te as muitas flores levadas, dizendo com a tua lira:

“Flores em tudo, flores e mais flores,
Recordando passadas alegrias,
Entre as folhas do livro dos amores

Porém mais, muito mais que em fantasias,
Quero vê-las distante dos rumores,
Descansando nas lápides sombrias.¹⁷⁶

20 de fevereiro

A tarde me desafia a tristeza. Ela está como meu coração num abrir e fechar de claridade e sombra. Num encastelar de cirros, a tarde caminha em vésperas de cismas. Também meu pensamento mais se afunda num crepúsculo de saudade...

Julieta querida, a data de hoje, bem acorda, o natal de nosso tão amado irmão Octaviano...

Eu o vejo com os olhos da alma, cheio de mocidade, de talento, de crenças, de aspirações! Aqueles olhos tristes, aquele leve sorriso, muito prognosticavam realmente, do doloroso avizinhar do túmulo!... E, o desventurado irmão achava-se feliz, amava e era amado.

Havia também em seu lar uma pequenina, um rebento, uma esperança toa de luz, que era um enlevo indizível! Tudo acabou!...

E como diz Guilhermino de Almeida:

“Quatro círios acesos – eis a vida!”

Recordar, recordar minha Julieta! Hoje, porém que não mais te vejo a meu lado, recordo só, recordo aconchegada à dor, à saudade, ao desespero da ausência de uma alma irmã da minha!

Por que pôs Deus no mundo tão poucas almas irmãs?¹⁷⁷

¹⁷⁶ CORIMBO, Rio Grande, fev. 1934, nova fase, n. 388, p. 2.

¹⁷⁷ CORIMBO, Rio Grande, mar. 1934, nova fase, n. 389, p. 3.

10 de abril

Hoje pela manhã ao rasgar da folha do calendário, olhando o 10 de abril tive o pensamento perdido em um passado que vai longe...

Este dia foi-me de sensação, de alegria!

Mas, tudo se foi na vertigem do tempo!

Onde sumiu-se o véspero, de meus sonhos de então?...

Não sei.

Os cenários da vida mudam tanto!

O que vai não volta...

A impetuosa corrente de impressões, de sonhos, de anseios, de dúvidas e de esperanças, vai, serpeia, espuma, vence os diques e lança-se no grande mar da desesperança, deixando-nos a margem, olhos rasos d'água!...

Minha Julieta, minha santa, imagino – segundo asseveram doutrinas em voga – quando em certas horas tardas de meu vegetar, te unirás a meu pensamento, acompanhando-me na sombria caravana da saudade e da mágoa...

Tanto, tanto que nos entediamos!...

Tenho momentos de uma aspereza, de um afã de quem busca uma gota de água, para consolar da sede devoradora...

Parece então que estou em um deserto a procurar a procurar...

Sou na vida uma sonâmbula no agir de olhos fechados.

Porque quando os tenho abertos, a visão é muito outra...¹⁷⁸

¹⁷⁸ CORIMBO, Rio Grande, abr. 1934, nova fase, n. 390, p. 2.

5 de maio

Este mês tão cantado, tão solenizado por muitos, para nós, saudosa Julieta, foi de há muito uma faixa negra.

Achamos sempre triste, muito triste, este trecho de outono, a nos trazer a alma o funeral da perda da existência, de um adorável companheiro no lar.

Ó saudade, ó saudade, tu és um pesadelo e és uma afirmativa de que há no coração o ritmo de uma voz que está ausente e que nos agita.

Recordação! Tu punges, tu arrancas a lágrima, tu fazes sangrar a alma, mas também consolas, também alentas, também trazes a visão cismarenta, a tela de uma felicidade que se foi, mas naquele instante é uma ressurreição de luz!

Pensamento! És uma andarilho incontido, asa que não cansa, que rasteja, que sobe, que vence trevas, que não teme o crepitar da labareda nem o contato da geleira. Pensamento, tu és o nosso bálsamo e a nossa tortura!...

Ó minha Julieta, quantas vezes divagamos assim, em horas de um jogo de ideias, de um desfiar da trama que impulsiona a palavra...

Passado que te afogaste, te foste, te sumiste passando a cordilheira da vida, e buscando um ocaso de cerrada névoa, um ocaso sem os fulgores do astro que em seu descambar, em seus cambiantes lindos, anuncia a volta, em manhã de ouro...

“A vida não vale as lágrimas que se derramam.” – José de Alencar¹⁷⁹

¹⁷⁹ CORIMBO, Rio Grande, maio 1934, nova fase, n. 391, p. 2.

21 de junho

Entra o inverno. O inverno lá fora, despindo o arvoredado, despetalando as poucas flores ainda pelos jardins, como pequenas pinceladas dentre o verde amarelado. Não temos a orquestra dos alados artistas, não temos o riscar do voo da falena pelas amplidões vizinhas. Tudo soturno. Céu cinzento, nimbo, aragens frias, rudes...

Adentro da alma há, porém, um inverno mais impressionante. Há o inverno da mágoa, minha querida Julieta. Goteja a lágrima, sente-se o cortante da neve da desesperança, o bater das negras asas dessa ave de agouro, que é a dor sem esperança...

Há também neste inverno ríspido como que um funeral constante, que a saudade desgrenhada e lívida faz soar na desolada ermida do coração. É este o pior inverno, é aquele que existe para os insubmissos da resignação, para aqueles que não deixam cair a pedra do esquecimento, sobre a consoladora visão do passado.¹⁸⁰

8 de julho

Temos hoje o inverno com todo o seu cortejo de sombras, de tiritantes frios, de arremedos de nimbo que se armam como muralhas em redor dos espaços, a vedarem claridades que tentem rasgar nevoeiros.

Que dia triste minha sempre chorada Julieta!...

O inverno é assim como que uma antítese da alegria.

¹⁸⁰ CORIMBO, Rio Grande, jun. 1934, nova fase, n. 392, p. 2-3.

A chuva, os gelos, as longas noites a convidarem para o recordar, para a saudade, enquanto o vento geme lá fora, a semelhança do soluço que se prende à garganta, impulsionando a lágrima que desliza na face...

Deus é tão bom! Porque deixou-me só? Tenho tantas e tantas vezes sofrido pelo mal alheio, que certamente deveria merecer recompensa.

Há muita ingratidão no mundo!...

Saudosa Julieta!

Quantas vezes desdobávamos nossos julgamentos sobre o que há de acerbo no esquecimento de extremos, de dedicações!...

Nos entendíamos tão bem minha querida...

Há dias, alguém que não reside na localidade, disse-me:

“De conseguir mudança para o Rio Grande, consagrarei duas a três horas em cada tarde ou noite para ir vê-la para ler-lhe alguma página de um bom livro, buscando assim acabar um pouco sua amargura. É horrível não ter família.”

Não sei mesmo como avaliar tais palavras de um quase desconhecido.

Que alma de profundo sentir!

Deve ela ter sofrido para tão expressivamente compreender a dor... Fogem-lhe muito ao contato.¹⁸¹

18 de agosto

Não vem longe a primavera.

Qual das primaveras perguntar-me-ão? Uma das estações de que se compõe o ano, diremos. Mas, a primavera que constitui parte na vida da criatura é a mais formosa das primaveras.

¹⁸¹ CORIMBO, Rio Grande, jul. 1934, nova fase, n. 393, p. 3.

Também tem flores e frutos, céu de turquesa, madrugadas de ouro, vesperais de deslumbramento.

Passa, porém, com brevidade e para aqueles a quem sorrio não volta mais...

É como tanta coisa na vida, vai e não volta.

Aborrece-lhe a estabilidade.

Não há muitos marcos brônzeos.

Há, no entanto, muito trabalho de ornato que a uma simples cotovelada, se desmorona.

E na morte não haverá primavera, minha adorada e sempre invocada Julieta? Deve haver sim, diz um personagem de Neves Manta: “Na vida como na morte, nos prazeres como nos dissabores, o meio termo, o fiel da balança e a pêndula do equilíbrio se manterão sempre em posição única, serena e encantadora, nas ‘blagues’ como nos paradoxos para alegria dos que vivem ou dos que morrem.”

Realmente, nessa região, segundo os que professam a crença espírita – tão consoladora – a primavera deve ser de embevecer...

Sim, lá nessa vida, não se poderá ter o contato do gelo das invernias, o soturno das amplidões nevoentas.

Tudo luz!

A luz da calma, da paz, da verdade.¹⁸²

¹⁸² CORIMBO, Rio Grande, ago. 1934, nova fase, n. 394, p. 2-3.

11 de setembro

Tarde de sombra. Céu cinza, prometendo uns tons cobálticos.

A asa da tristeza pairando no ar.

É sempre assim, a asa da tristeza passa e repassa pelo recanto da solidão...

Os que não pensam ou pensam pouco, não a conhecem.

Para nós, evocada Julieta foi ela como que uma visão que nos faz ceder a seu poder magnético.

Mesmo nossas naturezas desenvolvidas sob o calor de um espírito muito fora do sentir banal, forçosamente como as plantas de estufa, habituaram-se a um ambiente mais de encanto espiritual que físico, mais de lampejos, de sensações da alma, que de gozo frívolo, preferindo os ruídos pouco expressivos, que em tal caso são as aspas de sol dardejante que a planta da estufa repele.

A tristeza é a recordação, é a saudade, é a ilusão morta...

Como disse Damasceno Vieira” “Felizes os que podem sobre ilusões mortas, lavrar o epitáfio do esquecimento.”

Faço estas divagações para ti adorada Julieta.

Poucos me entenderão. Não importa.

Pensando com Ramalho Ortigão:

“Cada um escreve como seu temperamento manda. O que escreve para buscar aplauso no temperamento alheio, não é escritor hipócrita.”¹⁸³

¹⁸³ CORIMBO, Rio Grande, set. 1934, nova fase, n. 395, p. 2.

15 de novembro

Tarde de sombra. Há uma chuva fina, espécie de peneira a enganar aos que desdenham do maior tempo. Tarde bem ao sabor do que passa, do que vai na alma.

Não estou só, minha adorada Julieta. Tenho aqui duas inseparáveis companheiras – a recordação e a saudade. Elas estão a falar-me tanto, tanto. É que recordação amarga a do dia de hoje!...

Olha querida, esta data parece aziaga já em ocasião outra, sofri também muito neste malfadado 15 de novembro! E no entanto, não fui compreendida...

A vida é só de dores...

É por isso, minha Julieta, que constantemente te falo, te procuro, e digo como poeta, o inspirado João Lúcio:

“A procurar a tua sombra esquiva,
Entre as sombras que arrasta e leva o vento,
Neste ciclone trágico da vida.”

Ainda hoje fui ao Campo Santo pela manhã, levei flores, coloquei-as sobre o mármore que encerra os mudos invólucros dos corações que adorei e me adoraram.

E fiquei a pensar neste mistério da morte! Não, forçosamente não é possível acabar ali todo este infinito girar existente no corpo humano, para o bem e para o mal, para o belo para o horrível, descendo e subindo, amando e odiando, criando e destruindo! O espírito deve alar-se mas não pode espedaçar de vez, o laço que o prende a um amor que deixa na terra...

Fala-me, Julieta, diz-me alguma coisa desse mundo ignoto...

A tarde desce os horizontes estão carregados uma aragem fresca, um pouco acre, passa e perpassa.

Sinto o guante da tristeza. E paira em meu ambiente o ideal perfume de uma magnólia que pompeia em jarra próxima.

“E eu fecho os olhos, para ver mais lento
Passar o vulto que minha alma beija.”¹⁸⁴

1º de dezembro

Hoje, olhando uma sugestiva paisagem que guardo há muito, em pasta de papeis queridos, veio-me a mente o quanto prefiro as paisagens da alma, aquelas que estão a lembrar os campos, o encanto do arvoredo, o mimos das falenas, o adorável dos pássaros, das flores, o azul do alto, os tons variegados da terra. E cultuando eu tudo, tudo que forma esses vibrantes quadros da natureza sinto-me sensivelmente apegada as paisagens da alma.

Ó a alma possui telas esplêndidas cheias de tonalidades arrebatadoras!

Que paisagens, que paisagens! Que riqueza de imprevistos, que flora extraordinária!

Nos quadros da alma há tudo: há luz e sombra, há rosas e martírios, córregos dentre virentes e aveludadas margens e rudes escarpas, céus de estio, céus de bonanças, céus de temporal, céus de chumbo, céus de mistério!

E ainda as paisagens da alma são sonantes! Elas gemem e sorriem, elas nos desesperam e deliciam...

A verdade, porém, é que nem todas as almas desdobram lindos aspectos. Não, tenho conhecido almas cerradas como o mais negro abismo! E, outras como foi a tua, minha Julieta, constituindo o que vulgarmente chamam: Um céu aberto, um relevo de pérolas e diamantes.

Que alma adorável!...¹⁸⁵

¹⁸⁴ CORIMBO, Rio Grande, nov. 1934, nova fase, n. 397, p. 2.

¹⁸⁵ CORIMBO, Rio Grande, dez. 1934, nova fase, n. 398, p. 2.

31 de dezembro

Queridos meus, quanta saudade, quanta dor, quanta recordação!

Este meu dia de natal teve tintas de arrebol em manhã de estio. Teve!...

Hoje é um pôr do sol nebuloso, um por do sol afogado em nimbo que se encastelam!...

Logo pela manhã, fui ao campo santo. Olhei aquele mármore duro, gélido, que encera, despojos preciosíssimos para mim, e dobrei páginas amadas, páginas de amor puríssimo, reveladoras de um passado que naufragou no pélagos desolador da morte!

Meu Deus! Meu Deus!

O poeta disse: "Tudo vai, tudo passa"

Mas não é assim. Ele deveria ter feito um reparo nesta frase.

Em verdade os frios, a estação ríspida, arrancam ao arbusto as folhas que o abrigam, que o beijam, que em seu latejar junto aos galhos dizem segredos.

O tronco fica só, fica triste, fica enlutado.

Parece ter-se-lhe tudo acabado para sempre!

Um dia, porém, surge-lhe uma como penugem verde.

Vai crescendo, vai tingindo-lhe os galhos nus.

O arbusto conhece então que não está morto. É assim no sentir de certas almas. No momento em que lhes arrancam tudo, porque levam-lhes o amor, o carinho, o amparo, o encanto de viver, a felicidade, enfim, elas não veem mais que o presente, não lhes lembra o passado, não lhes importa o futuro. O desespero, a surpresa daquela cena horrível, em sua atroz destruição as torna insensíveis a tudo que as rodeia. Assim ficam como que atônitas por meses e anos...

Mas, a ação do tempo as acalma e elas vivem então no mundo das recordações.

Penetram, engolfam-se no recordar, e, compenetram-se tanto, tanto, do que lhes apresenta a visão intensa, que choram, falam, e...até riem.

São as reminiscências a nova folhagem a vestir a alma desnuda de esperança, de crenças!...

E as recordações, as saudades aqui estão hoje comigo! Dão-me a impressão, o reflexo dos 31 de dezembro, que lá ficaram à margem, olhando o bracejar improfícuo das alegrias que naufragaram para sempre...

Há porém neste dia, a envolver-me, uma onda salvadora embalando-me suavemente com o fim de afastar-me da desoladora praia da saudade.

Meus queridos, no além, esta onda salvadora consiste no carinho dos amigos, que me buscam neste natal...

Tantas flores, tantas frases de afeto, tantos regalos gratíssimos!...

Não posso fazer-lhes aqui, um relevo...

Vai no entanto, um precioso pergaminho de poeta amigo.

Que página, que página! Minhas lágrimas deram-lhe o batismo da emoção de minha alma:

“Minha querida amiga,

Sinto-me feliz, muito feliz por poder abraçá-la no dia luminoso de hoje. E sinto-me triste por saber que estás só no mundo, só, grandemente só, maior do que os maiores, por ser só. Só como os picos elevados! Só, divinamente só, por que Deus também só! Possa a minha amizade, querida e incomparável amiga, adorada irmã, espírito sublime trazer-lhe hoje a consoladora certeza de que quando temos amigos até depois da morte estamos acompanhados.”

Rio Grande, 31/12/934

Luiz Emílio Léo

Minha adorada Julieta, creio estares de lá dessa mansão invisível, abençoando o espírito, a alma, o coração, a ditarem frases que ficam como estrelas na vida de tua tão amada, Revocata.¹⁸⁶

27 de janeiro

Hoje, domingo, e, domingo de sol lá fora...

Aqui adentro do lar, e, adentro nesse mundo íntimo que se movimenta dentre sombras e dores dão há um friso de luz, um friso de sol!

Data desgraçada esta de hoje...

Tudo, tudo que se passou há sete anos está a ferir-me a retina.

Julieta! Minha Julieta, cuido que te sinto, que vives ainda em meu olhar, que estremece tua mão entre as minhas, que arfa teu peito unto ao meu!

Teu espírito deve forçosamente andar como véspero em volta deste aposento em que estou.

Deixemos, porém, o que vai lá fora; deixemos a onda dos que ainda não sofreram, mas transpuseram a estacada negra, sob a couraça de um ânimo, de uma energia de pedra!

Estes são os felizes...

Sete passagens de estio,

Sete outonos sem te ver!

Estações de chuva e frio,

Primavera a florescer!

Tudo no mundo em seu costumado giro, minha Julieta, minha poetisa da saudade, minha escultora exímia pela galeria da mágoa que soluça...

¹⁸⁶ CORIMBO, Rio Grande, jan. 1935, nova fase, n. 399, p. 2-3.

Este dia de hoje tem sido lento, imenso, torturante.

É mesmo como ditou o poeta:

“Dias de cem horas”.

Houve amigos aqui, houve

Mas... foram-se como astros em trevosa noite.

É natural, todos eles fazem parte das luminosas esferas do amor da família e seu lugar no círculo os chamava.

Os meus astros também se foram todos!

Subiram até onde não os vejam...

Andei a enramilhetar de flores teus retratos, que decoram nossa casa – um recanto da saudade.

Agora mesmo que a tarde desce estando eu junto à janela que deita para um terraço olho o céu cobalto, o cruzar de asas de pombas vizinhas, voltando ao ninho e escuto um canto em voz argentina, diluído em tristeza, composta na dolência de alma que sofre, a ferir os ares neste fim de tarde, vindo de longe, de longe.

Penso então, nos contrastes da vida:

Lá fora o estrépito dos bondes, o fonfonar dos autos, a sonância do riso e da palestra dos que vão e dos que voltam, sem um minuto sequer, prenderem o pensamento ao que não é prazer.¹⁸⁷

13 de março

Chove, o dia está nublado, todo vestido de pesados tons. Parece assim, o monge fechado à cela, perdão pedindo para seus pecados.

¹⁸⁷ CORIMBO, Rio Grande, fev. 1935, nova fase, n. 400, p. 3.

Choram pertinho os galhos e as folhas do pessegueiro num gotejar dentre denso nevoeiro. Ao longe os galhos cantam, querendo pedir a natureza claridades e sol em pompas de beleza.

E a minha alma, querida Julieta, reza o salmo da saudade, triste, chorosa, inquieta.

A tarde vai ser de sombras, não trará luz de arrebol, nem poentes furta-cores, nem mesmo beijos do sol... E a noite?

A noite, nem sei, a noite é sempre o epílogo, é o final, é a pedra que cerra a vida do dia, como porta tumular.

Mas também é a esfera onde gira o pensamento onde mais cresce o tormento para os pobres que vagueiam por espinhais de vigília, indo aos escombros da vida, pelos castelos no ar ou pela mão invisível de uma amargura sem par.

Depois do dia de chuva, teremos talvez tormenta, horizontes carregados, trovoada que rebenta!...

Serão sim, duas proelas porque adentro o peito meu, se desata a dor que geme, que sangra, que às vezes freme pior pelo meu Deus, que o tufão!

Ó as tormentas da alma, duram tempos, não têm fim!

Que vale, pois, Julieta, andar pela vida assim!...¹⁸⁸

13 de abril

Querida Julieta, cada vez a saudade mais me prende em seu ergástulo de dor.

¹⁸⁸ CORIMBO, Rio Grande, mar. 1935, nova fase, n. 401, p. 3.

Tudo que vejo, tudo que toma vulto junto a mim abre uma recordação, forma um pensamento, encadeia uma cena que ficou esculpada no passado.

Sim, nesse passado, que fala, que chora, que traz à tona, dias, meses e anos, porém não se mostra como se tivesse medo que eu o acorrentasse ao lar, tão solitário!...

Nestas noites longas e tão evocativas, nestas noites que parece trazerem em seu âmago uma reprodução de tudo que nos enche a alma, eu desespero, eu tenho o anseio da extinção da vida, por não poder falar-te, desatar em teu seio, no desafio íntimo, a tormenta que me vai no coração!...

Ah, eu tenho um cárcere, que é só visível para mim!...

Houve sempre, entre nós, querida Julieta, uma admirável afinidade de sentir e de pensar; razão porque tenho ocasiões de indizível aflição que me impulsiona invadir os aposentos de casa, em busca de ti, a fim de dar curso ao que está a latejar no coração.

Mas... Não te encontrando, cerro bem os lábios, na ideia de que não devo mesmo expor aos profanos a joia que oculto no escrínio íntimo...

Tu me entenderias!

Poucos compreendem do missal rezado em pleno retiro.¹⁸⁹

5 de junho

Inverno, estação da saudade, do pensamento triste, da recordação que leva ao que não mais existe e não poderá existir.

Que manhãs neblinosas, que tarde nevoentas!

¹⁸⁹ CORIMBO, Rio Grande, maio 1935, nova fase, n. 402, p. 3.

Inverno! Noites feitas para o aconchego da família e para a palestra saturada da amizade, na troca de ideias, de projetos, de esperanças, de dores, de alegrias, na maciez dos íntimos...

Mas, minha Julieta, quem perde queridos do lar, perde tudo.

Rareiam muito, os espíritos a lerem conosco o mesmo missal.

Quem se demora no estudo, na observação das almas, está a assistir e momento a momento, a um desabar de ilusões.

Poucos são os que de dia em dia deixam de passar a esponja do esquecimento em páginas que deveriam estar sempre em sua memória...

Pois o inverno, minha adorada Julieta, é também uma grande esponja passada pela caprichosa mão do Tempo, sobre a estação das flores, das madrugadas bordadas em luz, arrebois fascinantes, das vesperais que convidam ao sonho, ao idealismo, a romagem do pensamento em busca de um ser ignoto!

Mas o inverno guarda também um grande mistério, não paga, revive, põe relevo as estações rubras ou negras, existentes nos mundos do sentimento.

Os contrastes são os extraordinários da vida.

Para nossas almas, querida minha, houve uma estação.

Foi sempre de radiante carinho.¹⁹⁰

14 de setembro

Há tanto enlaçada pela doença, meu Diário de Dor tem estado amordaçado. Isto não quer dizer que em pensamento não te haja faltado muito minha saudosa Julieta. Em horas de dor é que mais e mais recordamos aqueles

¹⁹⁰ CORIMBO, Rio Grande, jun. 1935, nova fase, n. 403, p. 2.

a quem amamos... E, é também em tais emergências, que conhecemos os corações que nos querem com lealdade...

Memento vivere, escreveu Teófilo Gauthier em seu caderno de viagem; eu, porém, escreveria: lembra-te de morrer. Não sei para que estarmos a pensar em prolongamento de existência, quando em um quadrante nos Alpes, lê-se esta máxima tão real: "*Torna, tornando il sol l'ombra smarrita, ma non retorna piu l'età fuggita*". Se de fato não volta mais o tempo, a idade ida para que nos apegarmos ao presente, se os afetos e as impressões novas raramente podem substituir o que nos traz o ressaibo do passado?!...

Hoje, por exemplo, querida Julieta, tinha a alma e o espírito como que afundados no oceano de lacerantes recordações, onde me vejo no adorado lar todo em trevas, junto aos irmãos inolvidáveis, e aquela velhinha, - exemplo de resignação – a avó que nos apertava ao peito, numa voz de sublime consolo ante o leito onde estava nossa idolatrada mãe, sem vida, sob a expressão desoladora dos que deixam a terra, para transporem os pórticos do além!...

Nunca o 14 de setembro deixará de ser em minha vida, uma badalada fúnebre!

Felizes os que pensam tanto nos desdobramentos do presente, que facilmente esquecem o que ficou a margem oposta. Estes podem ter um engaste de valor, porém falta-lhes a fina pérola da sensibilidade.¹⁹¹

15 de novembro

Tenho repulsa pela data de hoje.

¹⁹¹ CORIMBO, Rio Grande, set. 1935, nova fase, n. 403, p. 2.

Dentre o rosário de minhas recordações, negras são as contas que marcam as preces neste dia. Isto, há quanto, minha Julieta!

Corria o ano de 1911, quando o 15 de novembro sacudiu-nos a alma, para uma desesperadora certeza, a sufocar a esperança que ainda mostrava brotos, núncios de vida...

Tanto, tanto choramos, querida Julieta!...

Depois, passaram dias, meses, anos e o maldito 15 de novembro, anátema, pesadelo, esmagador, a trazer-me a pressão de uma amargura que a face pode não mostrar, mas o coação que é o pêndulo da vida assinala inclemente. Ainda em tempo recente, foi-me dado um 15 de novembro a fazer vibrar a nota de uma grande mágoa, num sentir que trouxe-me aos olhos a lágrima que é a denúncia do sofrimento mudo!...

E, *aquele* 15 de novembro, com seu requinte de maldade, parecia estender-se, trazendo-me como recompensa uma ingratidão dura como a pedra...

Minha Julieta, quando estavas a meu lado, a punhalada atravessava as duas almas!

E hoje?

A lâmina fere e o peito esconde o sangue.

Agora mesmo, recolhida a data, envenenada, olho a tarde lá fora espadanando luz, a aragem não segreda ao arvoredo, que está quedo; pela janela do gabinete, vejo ao beiral do telhado vizinho dois pombos que se beijam.

Um rádio com seu tango argentino deve levantar a onda da alegria para muitos...

No entanto, geme para meu espírito, o violino da tristeza, vem-me baixinho a monodia de um sentir que poucos compreendem, porque vive encarcerado na gruta do silêncio.¹⁹²

¹⁹² CORIMBO, Rio Grande, nov. 1935, nova fase, n. 404, p. 2-3.

13 de dezembro

É este um dos dias em que a alma mais amargura reza o rosário das lágrimas.

Doloroso foi o ritual que a dor desdobrou-me ante a separação cruciante de uma alma irmã...

O dia estava em toda a pompa do estio, vestindo a gaze matizada da natureza e o lampejar de um sol de fogo.

Toda a casa encheu-se de rosas, rosas e rosas, enviadas para o querido o adorado Romeu, que ali estava no sono eterno, em sua expressão bela, e solene sob o selo da morte!

Minha Julieta, que noite trega havia em nosso coração!

Ah! Veremos, pensarmos, que ele não nos falava, não nos consolava, dizendo do que ia em seu peito de irmão, de amigo, em toda plenitude desse sentir que não recua ante o sacrifício, que é uma coluna firme, a ampararmos nos desesperos da vida!

Depois... a saudade, a saudade, que é na existência, o mais pesado lenho a carregar. Felizes, muito felizes, os que não sabem o que é a saudade, porque ela não pode aparecer-lhes, dentre a turma dos prazeres, dentre o desfilar dos refratários a tristeza, mas... busquemos para lenitivo a crença dulcíssima de Justino de Montalvão:

“Ó saudade! O desejo de um mundo que adivinho em que nada existe de material, e tudo é luminoso sonho na vida infinita! Ó sublime esperança de nos encontrarmos um dia, numa vida mais pura e perfeita do que esta de tédio, de dúvida, de amargura.”¹⁹³

¹⁹³ CORIMBO, Rio Grande, dez. 1935, nova fase, n. 405, p. 2.

31 de dezembro

É este o meu dia, bem o sabes querida Julieta.

Dia de recordações a trucidarem-me as entranhas. Bem, o inspirado poeta das *Cisalhas*:

“Do calendário da vida
Uma folha se desprende
Quando um ano passa. Cai...
Cada hora que se escoa
Quer seja má, seja boa,
É uma página perdida
Do calendário da vida
Que se perde, que se vai...”

Sim, as do calendário de minha vida se tem desprendido, deixando-me saudades de eterno viço!

Hoje, porém, elas caem aljofradas pelo carinho de amigos.

Ah! Foram consoladores e vivamente impressionantes os gestos daqueles que parece que formaram dulcíssima cadeia de afetos em torno de mim, na ideia de ser banida toda sombra amarga!

Até mesmo, adorada Julieta, aquele derradeiro abraço do dia que tínhamos por amoroso hábito trocar todos entre todos nós houve quem sensivelmente esperasse pela meia-noite, para em, gesto fraterno, revivê-lo...

Fui hoje bem cedo ao Campo Santo.

A manhã estava um tanto fresca.

Mais parecia estarmos em fins de outono, que no estio.

Naquela mansão da morte si silêncio havia doloroso.

Os empregados não estavam ainda entregues à faina diurna.

Meu Deus, só falava a folhagem e o gemer das pompas rolas.

Quantas e quantas flores coloquei onde dormes na paz do mistério tumular ao lado de todos que do nosso adorado lar fizeram um reino de amor e de felicidade!

Chorei, chorei muito, e vi com os olhos da alma aquele passado que não volta, que nunca, nunca mais verei!

Pareceu-me então que a abóbada celeste estava mais longe, a terra mais áspera, o sol inclemente em sua vertigem de fogo, e os esguios ciprestes como pontos de admiração, impondo silêncio às minhas lágrimas...

Um momento esqueci o mundo e pensei um mundo melhor...

Cortou meu pensamento uma ideia de Vargas Villa:

*"El sacrificio és el laurel de lo infinito, y no crece sino ala muy alto, em las alturas inacesibles, a donde solo llegan, em muda procesion, las almas de dolor".*¹⁹⁴

5 de abril

O mês de encanto, mês de alegria e de pranto.

Abril, mês que os poetas divinizam e nas liras eternizam pela noite enlustrada ou quando soa a toada que vem quebrando na estrada o silêncio cismador.

Abril, tu guardas, quem sabe, tantas páginas de amor, desde o alvor da madrugada, desde a cortina dourada que mostra os halos do sol.

Abril, tu falas à alma, tens a poesia que acalma as dores do coração, retratas tanta beleza, bordas os céus, a devesa, os campos de verde cor, onde brilha sorridente todo o enlevo da flor.

¹⁹⁴ CORIMBO, Rio Grande, jan. 1936, nova fase, n. 406, p. 3.

Abril, porque não desatas do passado as cantata sem meus caminhos sem luz? Tu não vês minha saudade, tu não vês sem claridade o mundo do meu sofrer?

Meu pensamento procura meses outros, no passado, assim de um formoso Abril, onde minha alma a teu lado, ó Julieta querida, tecia todo o poema do lar, do sonho, da vida!

Depois...Quanto Abril tristonho! Quanta névoa, quanta sombra, não vejo nenhuma alfombra onde me possa acolher...

Abril, as pombas vizinhas andam na faina dos ninhos, no giro da construção as rosas desabotoam, as borboletas revoam, o sol tem palhetas de ouro, porque não trazes a mim, a volta do meu tesouro?¹⁹⁵

20 de junho

Entrada de inverno, tempo em que a saudade em seu desdobrar, mais parece um gemido eterno. As névoas, as tormentas, as chuvas sem cadenciar de vozes lentas. É os dias sempre em agonias de penumbra, sem um colorido de arrebol, sem um beijo de sol...

Vem a tristeza das sombras, não mais olhamos o verde das alfombras, o virente as folhas, o hinário da passarada no acordar sorridente de um lampejar de alvorada...

Inverno!

Sim, tu pareces um proscrito cismarento, sem lar, sem luz, sem alento, vestindo a cor do tormento em busca da solidão.

¹⁹⁵ CORIMBO, Rio Grande, abr. 1936, nova fase, n. 409, p. 3.

As tuas noites tão longas, dão lugar ao pensamento voejar pelo passado, saudoso, aflito, internado nesse mundo de sonhos que encera tantos luas, tanta esperança florida que se transforma quem sabe, num pesadelo sem fim!

É este o tempo em que os velhos, os pobrezinhos que tremem sem lareira, sem conforto tendo alma uma geleira e o coração quase morto, suspiram pelas noites, serenas, doces, formosas de um carinhoso verão, de uma encantada estação.

Bem sei que trazes poesia no desmaiar dos ocasos, nessa atroz melancolia que invade neste momento meu ser em funda agonia...

Bem sei que sempre na vida, queremos achar guarida, onde o sofrer inclemente possa ter um lenitivo, um consolo, a frase quente mostrando na terra o céu, rasgando o véu lutulento da mágoa de uma saudade que fica pela existência, como a sombra de demência que nos trucidada a razão.¹⁹⁶

9 de julho

Que tarde neblinosa, tarde de saudade, de tristeza, de recordação...

Lá fora há o quer que seja de funéreo.

Horizontes carregados, natureza morta, sol em declínio lutuoso.

Aqui dentro, a saudade, a sombra que me acompanha, a voz que me persegue, o planger que me tortura, o badalar que não cansa, a nênia que confrange o coração, a dor que não tem bálsamo, que não tem cautério.

Saudade! Tu não és sonho, nem ilusão, nem fantasia! És sim o real em toda sua dilacerante verdade...

¹⁹⁶ CORIMBO, Rio Grande, jun. 1936, nova fase, n. 411, p. 2.

Quem está inoculado pela saudade, quem sente lhe o agulhão supliciante, não vive, vegeta, caminha taciturno, cismarento, olhos quase cerrados, pensamento alado, coração em ânsia...

É como se penetrasse em floresta virgem, louco de sede, lábios ardentes, sem direção certa, a buscar aqui, ali, além, uma fonte, um regato, um fio de água um tronco, um galho, uma folha enfim onde o orvalho houvesse deixado cair alguma de suas noturnas lágrimas, gota divina a mitigar por um momento a tortura da sede!

Ó saudade, és um abismo és uma caverna sem luz, porque a esperança fugiu deixando-te às escuras. Saudade, saudade.

Por que passas tão célere junto de alguns e ficas enraizada junto de outros?

Não tens a vida em seu rasgar de telas coloridas, em seus invernos e estios dourados ou violáceos.

O polvo da saudade é atroz e sedento.¹⁹⁷

(Sem título)

Dizem alguns que a felicidade está mesmo em nosso ser. Vamos porém buscá-la fora de nós.

Não, não é assim. A felicidade existe em nossa vida, segundo o temperamento, no sentir, no encarar das asperezas que nos reserva a sorte.

Há tanta coisa por aí além apontada como felicidade para o homem e no entanto, sem valimento de vulto.

Há corações que se enchem com muito pouco.

¹⁹⁷ CORIMBO, Rio Grande, jul. 1936, nova fase, n. 412, p. 2.

Espíritos altos, cujas almas prendem-se a uma banalidade qualquer, e, fazem dali a realidade de seu sonho de ventura.

Outros há que desconhecem a felicidade porque eu ideal é de impossíveis, querem tanto tanto que jamais poderão alcançar uma parcela desse mundo que é a sua aspiração para leva-los ao quadro dos felizes.

A teia da felicidade é infelizmente tênue.

Muitos a resguardam das lufadas impiedosas, sacrificando-se para não vê-la rota por alguma pedrada traiçoeira... Mas, sendo tão diverso o pensar do gênero humano há bem quem nada se ocupe como estável dessa luz de que todos falam...

Seja enfim como for, minha adorada Julieta, a felicidade completa só existe para mim, no amor, no carinho, no aconchego da família.

Não quero dizer com isto, que só no constituir família é que pode haver a verdadeira felicidade. Não. Não é este meu pensamento. Creio sim e muito que no lar onde temos nossos pais e irmão, reside uma felicidade incomparável.

Temos ali amigos verdadeiros, grandes amigos nunca desmentidos. Sob esse templo de fraternidade todos no mesmo molde de caráter, em a mesma norma de educação no mesmo pensar no mesmo sentir, na mesma dor, no mesmo riso, certamente pode e deve existir uma felicidade inigualável. Que saudade minha Julieta que recordação profundíssima de nosso lar!

Hoje, que não vejo mais essa doce união de almas semelhantes sinto que a felicidade minha levantou o voo para as amplidões do além... Não mais poderei encontra-la!

Ela não existe em mim, nem para mim.

Tenham felicidade, os que a encontram facilmente...¹⁹⁸

¹⁹⁸ CORIMBO, Rio Grande, ago. 1936, nova fase, n. 413, p. 3.

17 de setembro

Este dia foi em nossa casa, uma deslumbrante apoteose de extremos de felicidade, de alegria.

Data que ao ser apontada no calendário, já de muitos dias antes, estava nítida, enflorada, vivendo dentre os halos divinos do amor filial.

17 de setembro, teu dia natal, idolatrada mãe...

Que turbilhão de encantos imaginavam para o dia áureo, os corações que ali junto a ela, tomavam-se dessa eloquência de sentir que só os que muito amam compreendem...

Hoje vive a recordação, é verdade! E, irá comigo para a treva do túmulo!

A voragem da morte tudo levou.

Mas teu doutrinar teus nobres ensinamentos, essas emanações indeléveis de teu formoso e alto sabor, esse caudal de ternura, de amor, de enlevo, com que tornavas teu lar, um paraíso, ah! esse tesouro ficou. Teus filhos reviram-no dia a dia, na ideia de se não perder uma só das facetas das adoradas joias.

Todos cinco as conservaram sempre ante os olhos e o coração!

Elas foram-lhe um farol na vida. Presentemente teu dia, Mãe, estremeçada só a mim tem nesse culto de adoração.

Os outros que foram colunas de afeto e sacrifício no santuário da família estão hoje a teu lado no além, onde paira também o espírito nobre, puro, invulgaríssimo do pai amado e eternamente pranteado!

Fiquei eu então para quê?

Fraco pedestal para tamanha cruz!¹⁹⁹

¹⁹⁹ CORIMBO, Rio Grande, set. 1936, nova fase, n. 414, p. 2-3.

21 de outubro

Os anos passam, é certo, mas deixam de nós bem perto saudades, recordações. Ficam as datas queridas, plasmadas e bem unidas, do peito numa emoção! Ficam como que fundidas do coração nas jazidas, falando de algum passado que foi por nós adorado...

Julietta idolatrada, o teu dia natalício tem das rosas o início na festa primaveril, as campinas são virentes, os esplendentes e a passarada em surdina procura o seio da mata num coro de Traviata...

Mas, na minha alma a tristeza suspira, geme, tem pressa uma saudade sem fim!

A visão das minhas cismas, vê pelos mares da vida, bem longe talvez perdida a vela de uma esperança...

Que importa, sejam serenas as águas de uma ilusão!...

O pensamento bem sabe que pelas noites trevosas das lutas do coração não há farol não há prece parece que o raio desce, querendo a destruição!

Mas, querida, embora sejam nublados meus horizontes, teu dia é sol que inebria, tal o astro no poente, ele volta, vem ardente, irrompe as sombras da alma vestindo um manto rubente mudando as dores com calma.

Jamais será esquecido!

Em minhas largas insônias tenho sempre desenhado o lar feliz, lar de sonhos onde em perfumes de nardo, nossos pais estremecidos pontificavam no culto do amor, da honra, da lida, que enobrece, dando vida dando entradas e subida às ascensões do porvir...

E, neste rever dos tempos, os nossos natais amados aparecem enflorados tal na vida que passou...

Assim o dia de hoje é a rosa na minha cruz, é círio que aí ficou.²⁰⁰

²⁰⁰ CORIMBO, Rio Grande, out. 1936, nova fase, n. 415, p. 2.

13 de novembro

Tarde um pouco fechada em sombras. Há tristeza em tudo. Há como que a face dolorosa de saudade.

É esta hora da evocação, a hora em que nosso pensamento vai buscar o passado, vai buscar aqueles que nos amaram que souberam compreender essa grande página que o verdadeiro sentimento faz soar em nosso coração, tal a soturna pancada da enxada que abre a cova para o sono final...

Querida Julieta, nesta hora de penumbra tua imagem se me afigura nítida, real, tal em tempos recuados quando no gabinete aproximadas as poltronas largamente trocávamos ideias erguendo castelos indo ao país da quimera, aos mundos da fantasia e finalmente resvalando para as escarpas da saudade sem esperanças.

Tudo se foi...

Hoje, alongo o olhar para o infinito a ver se diviso dentre o azul da cúpula celeste o que não encontro pela terra árida pela terra onde não há um rebento, um broto prometedor de seara consoladora.

É tão amargo não haver quem nos entenda!

É como se estivéssemos em meio de ruínas onde a voz humana se houvesse paralisado...

Sofro imenso, quando observo quando me compenetro de que a ilusão é partilha da vida, não poucas vezes em seu desfolhar trazendo-nos a lágrima...²⁰¹

²⁰¹ CORIMBO, Rio Grande, nov. 1936, nova fase, n. 416, p. 2.

Natal

A alegria sacode por aí além o coração de tantos!

O dia de hoje é daqueles que visitam os lares unindo a família, enlevando as crianças fazendo a romaria das surpresas do amor e do carinho. Tudo isso nós conhecemos minha Julieta.

Tudo isso passou em nosso lar na vertigem da felicidade infantil na ventura dos ideais da mocidade...

Ah! São essas as horas que foram que passaram são as horas que não voltam mais!

Agora, quando ouço lá fora a fanfarra do riso em sua força inconsciente levando de vencida tanta recordação, tanto passado, faço meu comentário íntimo e frisa-me os lábios uma ironia amarga.

Há tantos Natais opostos!

Uns marcam o nascimento de uma realização de deslumbramento na alma. Outros marcam a chegada de uma era de esdita, carregam trevas...

Façamos nós então Julieta minha um Natal espiritual.

Mentalmente unamos nossas ideias nossas almas, nossas recordações.

Nossos espíritos foram sempre tão irmãos, nossa esfera de sonhos pouco traduzível, pouco aliada a esse vai e vem que gira e fala e prende e seduz a meio mundo!

Sim, seja nosso Natal envolto em gerânios de recordação.

Iluminado pela ilusão que nos mostre palpitante e bela a época adorada que a esdita e o tempo impiedosamente arrasaram.

Julieta, não cuidemos da vida enganosa!

Elevemos o pensamento a uma região mais pura...²⁰²

²⁰² CORIMBO, Rio Grande, dez. 1936, nova fase, n. 417, p. 2.

6 de fevereiro

Parece que hoje não tenho na alma uma aresta de claridade.! Anda em volta de mim, a voz plangente de uma grande saudade.

No mundo exterior anda em esgares o deus da folia nas regiões íntimas acorda sem expressão, uma utopia...

Passou como em um sonho pesado lento este dia de recordações, em que a visão do corpo nada viu e os olhos da alma tudo vestiram de dor e desalento.

A tarde está morrendo o sol manda-lhe a extrema unção e as águas perto segredam aos rufares e estremecem gemendo...

Atravessa os espaços azulados um bando de pardais procurando os arvoredos vizinhos que rezam as vésperas.

Nesta hora, minha Julieta, tudo pensa...

Há uma força imensa arquitetando a natureza e uma saudade indizível a que estamos profundamente presa.²⁰³

Março

Calor sufocante.

Vesperial vestindo luz.

O céu brilhante safira;

E a saudade, minha cruz!...

O sol seguindo na rota,

Levando a luz devagar...

E a tarde ficando triste,

²⁰³ CORIMBO, Rio Grande, fev. 1937, nova fase, n. 419, p. 2.

Vendo a noite aproximar

Assim também a minha alma
Se o pensamento vagueia,
Abandona a claridade,
Vai à treva que me anseia.

E sigo sempre contigo,
Sempre, sempre a te falar,
Julieta, não partiste!
Tu vives em nosso lar...

Fecho os olhos cismarenta,
Vou da terra ao infinito!
O passado se desdobra,
E a mágoa desprende um grito!...

E agora, morrendo a tarde,
Ouvindo o sino a tocar,
Rezam as rosas aos anjos,
Rezo a ti, num grande altar...²⁰⁴

²⁰⁴ CORIMBO, Rio Grande, mar. 1937, nova fase, n. 420, p. 3.

21 de abril

Este dia é de vulto dentre as páginas que mais ecoam na história pátria.

Aparece então em relevo de patriotismo, a sobranceira figura de Tiradentes.

O ideal! Sempre o ideal! Foi em nossos serões de inverno, minha Julieta, questão debatida esta do ideal.

Temo-lo todos na vida...

Mas há uma diferença nesse doce fardo que nos dá rosas e nos dá espinhos!

Quantos espíritos, pelo mundo que vai em vertigem incapazes, de um ideal que fulgure!

Pouco importa, porém, acalantar este ou aquele ideal quando a alma acha-se feliz mesmo com um castelo de cartas...

Minha querida Julieta conversemos vencendo os espaços...

Houve uma mulher de 19 primaveras apenas que amou muito e muito ao grande Goethe embora tivesse ele de idade 60 anos e tantos janeiros. E, quando um dia o poeta adormeceu no túmulo dizendo-lhe o último adeus. Ela escrevia-lhe longas missivas de infinita saudade!

Adorável correspondência de pensamento!

Ora, nós, irmã, sempre invocava, nós, cujos corações tanto se uniram nas mesmas crenças, nos mesmos postulados de sagração ao lar, porque não nos falarmos a sós, quando o silêncio, a mágoa, a recordação, a saudade, a dor fazem cortejo de impressões profundíssimas junto a mim?

Será um desafogo um astro em noite caliginosa a cisterna que se abre para o infeliz em meio da canícula bravia.²⁰⁵

²⁰⁵ CORIMBO, Rio Grande, abr. 1937, nova fase, n. 421, p. 3.

16 de julho

Inverno com todos os toques de tristeza e de profundo adormecer da natureza pelos campos em fora.

Não há estendais virentes, não há flores, não palpitam os ninhos, os pássaros não cantam, as árvores são espectros de pé, nem a mais pequena nesga de relva trazendo a linda cor da esperança.

Toda a extensão amarelada, seca, sem viço, sem alma!

Pelos espaços os nimbos, as cerrações, as neblinas, e o frio a fustigar os que andam lá fora no giro da vida.

Meu Deus, tanta mudança no correr do tempo, tanta face diversa pela natureza, só o meu mal não muda!

Fez-se noite em meu espírito, fez-se treva em minha vida, fez-se agonia pelas regiões do peito, o coração só conhece a saudade e vive entre os túmulos da felicidade, da esperança, da ilusão e da crença...

Sempre a visão da alma relendo as páginas do passado e confrontando com as do presente!

Os cenários de hoje são outros, muitos outros.

Poucos se prendem no sentimentalismo, poucos conhecem a flor que é o emblema do sentir que não muda.

Para esses, o passado é uma lenda, a dor moral um acidente, que só impressiona os fracos.

Abençoada ideologia!²⁰⁶

²⁰⁶ CORIMBO, Rio Grande, jul. 1937, nova fase, n. 423, p. 1.

16 de agosto

Que manhã triste que foi esta. Chuvas, frio, vento...

E o “Sino da Saudade” – como diz a lira de Érico Cramer, a soluçar, a planger em meu peito.

Digamos, minha inolvidável Julieta, o bronze da saudade é sempre movido pela recordação; ela não nos deixa quando estamos em afastamento de todos, quando nos isolamos.

Ocasões há em que é crudelíssima...

Outras, porém, levam-nos a todos os recantos, a todas as paragens, a todos os caminhos onde um dia onde tivemos contato com a felicidade, onde recebemos as joias do amor, as rosas de corações leais, as violetas de amizade que não muda de cor, que não perde o perfume, que vai além, muito além!...

Aí sim: a recordação nos embala em rede de ouro. No embevecimento, desconhecemos a ilusão, a quimera, o impossível!

Mas tenho para mim que há amarguras que consolam, assim como há venenos que dão vida.

Que pode haver em uma existência onde a recordação é planta fanada?!

Não ter saudade, não lembrar o que falou a nosso coração, quando desprende lampejos, ante as sombras que nos queriam tirar a luz?

Ah! A saudade não pode ter morada, onde medra a vulgaridade...

Criaturas há, que não sabem sofrer, logo não podem pensar.

Fazem como as tempestades de verão em pleno dia.

Ao primeiro momento gritam, arrepelam-se e blasfemam.

Isto pouco dura, vem a calma. É o sol que surge dentre as desordens da natureza, como que a rir.

Devemos dar-lhes razão.

Os frívolos divertem mais que os pensadores.²⁰⁷

Novembro – 15

Que tarde de primavera, tão feia, tão desabrida! Que tarde, meu Deus, que tarde toda de cinza vestida!

A rajada impiedosa recurva o velho arvoredado, despe as ramas, traz o medo ao viajor nos caminhos.

E ao longe, lá muito ao longe reza um sino, triste monge na ermida de seu destino. Pelos ares vão errando areias em turbilhão e os travadores alados vão pensando, vão calados buscando os ninhos queridos distantes na solidão.

Que tarde de primavera!

Mas minha alma desespera numa saudade sem fim...

No entanto, que a natureza amanhã como em surpresa não será pesada assim!

O sol acalma a devesa toda em flor, toda em beleza sorrirá às vésperas riscando de seus espaços as nuvens e os temporais.

Porém minha alma sombria quer por tarde de invernia de primavera ou verão, tem sempre um céu nebuloso um sol sem luz duvidoso e as mágoas em profusão, um contraste de utopias de gelos e de ardentias como não sente ninguém!

Tarde assim toda enganosa, trazendo à tona da vida os sonhos que foram rosas numa quadra já perdida...

Vale bem olhar o alto, escutar a voz querida que nos aponta a descida que vai ter a promessa...

²⁰⁷ CORIMBO, Rio Grande, ago. 1937, nova fase, n. 424, p. 2.

Que importa a matéria muda se a alma que se desnuda triunfa da escuridão!...²⁰⁸

24 de dezembro

Temos amanhã o Natal de Jesus. Mas, desde hoje, desta noite que se estenderá daqui a alguns momentos, irradiam as alegrias dentre os grupos dos felizes, dos que pensam muito no presente e nada no passado.

Ó Natais que se foram!...

Que saudade, minha adorada Julieta!

Que saudade, meus amados pais e idolatrados irmãos...

E, mais tarde, quando veio a mocidade, houve também almas que me deram Natais fascinantes...

Que encanto, meu Deus!

Desse alguém: "Tudo vai, tudo passa..."

O Natal como que representa um elo de flores a ligar os membros da família, à mesa da consoada.

E haverá maior harmonia, ventura mais expressiva em sua pureza do amor do lar?!

Natal de Jesus, acorda quase que universalmente um êxtase, um culto, uma adoração pelo sublime Nazareno, que vem da tradição de séculos.

Ó minha Julieta, pudesse eu trocar a vida presente, mesmo com todo o meu poema de recordações, com todas as vesperais de minha saudade, que é uma eterna surdina a embalar-me a alma, por uma só dessas noites de meus Natais de outrora!

²⁰⁸ CORIMBO, Rio Grande, nov. 1937, nova fase, n. 426, p. 2.

Eu não quero pensar nesta data, que as estações felizes duram pouco; quero, porém, abrir os braços para a visão do passado e lançar-me nessa correnteza embora atrás da quimera!...²⁰⁹

27 de janeiro

Minha adorada Julieta o dia de hoje é como aqueles em que passa a fúria da tormenta deixando ruínas que se não podem reparar.

Foi assim em minha vida, o acerbo rasgar de 27 de janeiro de 1928...

Há impressões que não podem ser definidas.

Plasmam-se em nossa mente um espanto uma surpresa uma admiração que nos tomam todos os sentidos e ficamos como alucinados!

É horrível o termos de identificar-nos com a desgraça que nos assalta.

Ah! Em momentos tais, a morte viria para nós como a mais sublime dádiva de Deus!

Foi assim minha Julieta que o 27 de janeiro ficou em minha dorida existência à semelhança de um dobre vindo de longe: abafado, mas que o sineiro da alma, não deixa nunca parar...

Escrevo com o pensamento em ti, porque mesmo não sei se haverá que me possa compreender.

Disse o poeta: "Olhos fechados para a dor que passa,

Olhos abertos para quem não chora"

Nós nos entendíamos tanto, tanto!

Que fazer hoje?

²⁰⁹ CORIMBO, Rio Grande, dez. 1937, nova fase, n. 427, p. 2.

Prender flores a teus queridos retratos beijados e chorar revendo as páginas de um tempo que não volta, mas está como que em relevo ante a visão que os profanos não veem.²¹⁰

Fevereiro

Anda assim meu pensamento, navegante sem ter pouso, olhando um mar tormentoso!

Se me fosse dado agora, ver despontar uma aurora e os horizontes em luz!
Mas em vão tudo é sombrio, só vejo os braços da cruz.

A vida parece um rio que leva na correnteza, sonhos, crenças, ilusões, e até a própria esperança, que temos a alma presa...

Queridos meus tão distantes como as estrelas brilhantes que um véu trevoso apagou!

Tão longe meu Deus, tão longe!...

Aqui na minha janela dentre a moldura singela da madressilva com festões olho o sol nessa agonia nesse adeus nessa poesia que vibra nos corações...

E o pensamento me arrasta me leva como que afasta deste mundo tormentoso onde tudo é ilusório é fatal é enganoso!²¹¹

²¹⁰ CORIMBO, Rio Grande, jan. 1938, nova fase, n. 428, p. 2.

²¹¹ CORIMBO, Rio Grande, fev. 1938, nova fase, n. 429, p. 1-2.

15 de março

A natureza está sob uma pressão que abafa, que atua sobre os nervos, tirando o sossego.

É a flama invisível, é o calor, o calor, a canícula!

Incêndio que não mostra labareda, que lava sem destruir...

Há, porém um contraste em meu ser: sinto na alma um frio quase que paralisador!

Um frio que abate, que parece quebrantar os membros, que deixa a ideia sem pouso, sem rumo, o ânimo sem ação. É o frio do desalento!

É como que uma mortalha a prender-nos em vida.

É este um terrível estado.

É de pensar que uma agitação moral seja por vezes preferível ao horror do desalento.

Tenhamos em mente que tudo nos foge.

Não há mais esperanças, nem crenças, nem ilusões, nem sonhos, nem ambições, nem ideais.

É um deserto nosso pensamento.

A própria saudade, companheira de todo o ser pensante, desaparece.

Há um abandono de tudo!

No entanto, ocasiões em que se faz a reação.

Nesse momento eu a sinto.

Olhando o retrato que tenho em frente, uma explosão de lágrimas levantou-me! O coração deu o grito de alerta, o pensamento derrubou a avalanche de gelo a subjugar-me a ideia e desdobrando de novo o painel da vida, com suas sombras e seus revérberos consoladores.²¹²

²¹² CORIMBO, Rio Grande, mar. 1938, nova fase, n. 430, p. 3.

17 de abril

Hoje, domingo de Páscoa. Quantas recordações de outras tantas datas como esta!

Ó, Julieta, inesquecível, ó meus queridos do lar!

A brutal esponja do tempo, tudo poderá apagar menos a lembrança que lateja sempre meu íntimo, ante os dias que se foram, como os dobres do campanário, plangendo para o além...

Nem sabemos, como tantas pessoas desprendem-se do passado, olvidando passagens da vida, deixando reminiscências naufragarem nos sombrios mares do esquecimento!

Mas, de que povoam elas a existência?

Do presente? Ah! O presente não tem história...

Vai bem ou mal, sempre com o pensamento no dia de amanhã...

Sempre a ambição do novo, do desconhecido.

Tudo estão prontos a dar, por uma impressão qualquer, que por momento os atraia! Nunca o pensamento em uma página muitas vezes de raro fulgor, porém enlaçada ao galho pendido do tronco que guarda raízes no passado.

Almas de prosaísmo:

“O passado não volve

Mas é belo revelo

No tropel das ilusões!”

Eu neste momento, minha Julieta, estou em nossas Páscoas de outrora...

Deixo tudo, e penetro nesse adorável passado...

Pudesse eu abrir caminhos e chegar a esse mundo invisível.

Parece que em cada sorriso, em cada olhar, em cada palavra, junto a mim há alguma coisa a falar-me do passado, uma flor, um perfume, um gemer de aragem, um trinado de ave errante, um raio de sol ou o som leve da chuva na

vidraça, arrastam consigo uma lembrança, uma saudade, um anseio, de ver o que morreu!

Ah, o passado, o passado!²¹³

21 de maio

Que dia tão cismarento todo em névoas, sem ter luz; parece a cela do monge, sombra lá muito longe, onde a alegria não fala e só a prece reluz.

Faz tanto frio lá fora, treme tanto o arvoredo que me parece nesta hora que reina aqui um degredo. As águas perto nas ruas vão banhando as pedras nuas, vão correndo para o mar e a minha alma soluçante olha a vida devagar. Olha a vida toda em nimbo toda em sombras num acerbo desfolhar de sonhos e de quimeras de venturas de outras eras que não mais hão de voltar! Oh! Julieta querida por que na hora funesta não levaste a minha vida?

Passar olhando os escombros, as ruínas, os destroços de tudo que foi dos nossos sonhos mais peregrinos! È doloroso, é pungente, é como a lava candente, queimando atroz assassina! Ah! Vida que tanto pesas! Por que não vais de fugida para o além, redimida.²¹⁴

²¹³ CORIMBO, Rio Grande, abr. 1938, nova fase, n. 431, p. 2.

²¹⁴ CORIMBO, Rio Grande, maio 1938, nova fase, n. 432, p. 3.

19 de junho

Anda o vento a gemer lá fora; como se fora um gênio mau errando pelos caminhos. A noite é tão escura, a chuva acorda um tic tac nas calçadas. E, como se fora um sinal de vida dentre as sombras do espaço em uma janela alta, oscila o clarão de uma lâmpada elétrica.

Faz-me lembrar quando pela noite da alma triste passa o carinho de uma palavra consoladora...

Na vida é assim, a tempestade blasfema para uns e a bonança aflora sorrisos para outros.

Os aspectos são tão diferentes!

Por vezes, bem perto de nós o espinheiro e o roseiral; o arbusto virente todo em flor, todo beijado pelas borboletas, pelos colibris.

E, ao lado, a árvore fenecendo, folhagem amarelando, murcha, ramas quebradas...

Temos a mocidade e a velhice. Eloquentemente contraste!

Mas há mocidades decaídas e velhices onde canta uma aleluia de energia. Também o meu coração que chora, o pensamento traz uma estrela-d'alva.²¹⁵

13 de julho

A noite vai alta, e eu, presa ao ergástulo da vigília. Passo e repasso tudo que se foi e tudo que desliza no presente. É um desdobrar, um desdobrar sem fim.

Quanto daria eu neste momento para saber se estou só, neste cogitar ou se muitas outras almas, muitos outros pensamentos erram em igual labuta.

²¹⁵ CORIMBO, Rio Grande, jun. 1938, nova fase, n. 433, p. 2.

A vida tem tantas faces diferentes para cada ser que ocasiões há em que parece-nos difícil dois pensares irmãos. O cenário do mundo não varia para cada criatura, mas a visão do espírito de cada uma olha a cena por forma diversa.

Eis o capricho da natureza, eis o motivo da desarmonia humana.²¹⁶

10 de agosto

A saudade não descansa; é como o Judeu Errante quer seja perto ou distante, ela nos vem procurar.

Como a sombra a nós unida, nos segue por toda a vida.

Hoje, a saudade alentada, tristeza toda embalada na esperança que sorri; amanhã a saudade em mágoa, os olhos bem rasos d'água, o coração a gemer, o pensamento a planger!

Depois, a saudade – tortura; saudade que é amargura, mortalha das alegrias que nos fala em noites frias, vagueia pelos luas, povoa nossos sonhos, aparece em horas tardas, vesperais e madrugadas!

É ronda de nossa vida! Mão de ferro que trucidada, despertando os dias mortos, indo aos tempos mais remotos, volvendo as folhas queridas, as folhas nunca esquecidas, sudário das impressões.

Saudade! Sim, és tormento! Desespero lento, lento anseio de tremedal! Mas és também perfume santo, és consolo em meio ao pranto, ressuscitas o passado e por momentos, instantes, os fazes iluminado! Saudade, não me abandones, és misto de luz e treva, trazes o que a morte leva!²¹⁷

²¹⁶ CORIMBO, Rio Grande, jul. 1938, nova fase, n. 434, p. 3.

²¹⁷ CORIMBO, Rio Grande, ago. 1938, nova fase, n. 435, p. 3.

14 de setembro

Levantei-me hoje do leito com os olhos rasos de água.

É que ontem à noite desdobrou-se ante olhos do corpo e do espírito a mais negra das telas da minha vida!

Quantos anos são passados e tudo tomou vulto ante mim naquele desespero de ver a esperança morta.

Estava eu então na flor da mocidade numa era de sonhos de ilusões.

Ó minha idolatrada mãe!

Partiste tão cedo para o mistério ou para a luz?

Que madrugada, meu Deus, mais parecia um crepúsculo da tempestade, uma cerração onde nosso desespero errasse apavorado!

Foi-se tão bela, tão moça, tão amada.

Talvez que no além a aguardasse uma manhã de claridade, mas eu não creio que ao deixarmos a região terrena com amas que aí solucem por nós possamos alar-nos sem um adeus de dor.

14 de setembro, tu serás sempre para mim um dobre fúnebre um gemido de ave ferida, a voz de agonia!

A primavera não quis dar-lhe as lindas rosas da vida, deu-lhe, porém, uma partida entre flores e flores.

Flores da natureza, lírios da alma sempre vivos do coração, goivos da mágoa, perpétuas do pensamento, saudades da lembrança eterna!

Oh! Minha mãe, minha mãe!²¹⁸

²¹⁸ CORIMBO, Rio Grande, set. 1938, nova fase, n. 436, p. 2.

21 de outubro

Este dia, foi em meu lar um painel em relevo, todo em moldura de rosas. Que beleza!

A deusa do painel era verdadeiramente uma delicada criação da natureza.

Os traços físicos possuíam todo o esmalte do belo.

Um lírio branco no altar da poesia.

Esvoaçava sempre em volta do pequeno vulto de falena em jaspe o perfume indizível que vem do espírito e se prende a tudo que se aproxima daquela emanção sedutora.

É que o talento espalmara suas asas de prata sobre a fronte tão alva e tão formosa da predestinada criatura.

Era ela uma sonhadora divina, e, no alvorecer da mocidade, adormecia na rede das quimeras para não ver os espinheiros da verdade crua.

Dentro daquele peito havia um coração de santa “capaz dos grandes sacrifícios, porque era capaz de grandes amores”. Alimentava um duplo sofrer; o seu e o alheio. Via sem olhar. O pensamento andava-lhe sempre em ronda, em peregrinação pela paragem dos tristes.

Sentir de sensitiva não podia sofrer contato de alma que não fosse pura.

Não sabia de impressões passageiras; boas ou más ficavam-lhe na retina da alma.

Espírito conservador.

Fora uma ave canora quando das primeiras paragens da vida.

Mais tarde era a rola gemente. Não, não era da terra, era do céu.

É por isso que alou o voo num anseio nostálgico.

Julietta querida, o teu dia é uma vibração que vem do passado que voga em todos os aposentos do lar, que agita meu íntimo, que penetra em meus sentidos

que murmura teu nome, teu doce nome, que traz teu olhar, tua voz, teu sorriso, teu carinho, enfim, adorada irmã!²¹⁹

25 de dezembro

Natal de Jesus, o dia que sorri nos lares, o dia que a criança afaga no pensamento. Minha saudosa Julieta, nós também tivemos natais adoráveis. Aquela Missa do Galo era sonhada em nossa quadra de menina num enlevo indizível!

E o Pai querido, acedia a nosso empenho cheio de amor e carinho acompanhando-nos ao templo. Que saudade meu Deus! E os anos passaram foram, fugiram.

A rasoura da morte levou-nos todos... O lar ficou vazio de ternuras, de carícias. Hoje apenas meu sombrio vulto e o bronze da saudade a badalar dia e noite.

Foi sempre piedosa para com a magia alheia não sei por que Deus não levou em conta meu sentir arredando-me da trilha da vida onde a morte semeia espinhos cardos e martírios.

Mas o Natal não morreu em mim não está preso a alma como as estrelas ao firmamento. Parece que desaparecem mas estão sempre ali. É um recordar de felicidade. Clarão que irrompe na treva.²²⁰

²¹⁹ CORIMBO, Rio Grande, 21 out. 1938, nova fase, n. 437, p. 1-2.

²²⁰ CORIMBO, Rio Grande, jan. 1939, nova fase, n. 439, p. 3.

10 de fevereiro

Silêncio tardo. A noite caminha um luar e sem estrelas.

Há porém um palpar da natureza, uma folha que cai, sem leve ciclo de aragem junto a janela beijando a madressilva que se desata em festões.

Muito longe o mar ressona.

Que tristeza!

Não tenho sono.

O pensamento erra, vai aqui, vai ali, vai acolá...

Mas como sempre parou em uma região mais acre que doce.

Fez suas evoluções pelo mundo da ingratidão.

Que terra sombria que horizontes carregados, um povoamento onde não se vê um laivo de encanto, onde não há seara de arminhos, ninhos de arminho, alfombra de flores, onde não se fazem colheitas de ilusões e de esperanças...

Apenas o bronze da ingratidão compassadamente faz ouvir sua pancada de timbre agudo.

Meu pensamento ali ficou como que apavorado...

Pois é possível pagar o bem com a indiferença ou com o mal?

É possível, meu Deus, preferir o convívio dos que por completo olvidam nossas mágoas, àqueles que buscam sofrer conosco?

E, nestas conjecturas, o pensamento vestiu-se de lágrimas...

Veio então a recordação dizer que há na vida terrenos abençoados, onde a ingratidão não medra...

A visão da alma viu-te nesse instante, querida Julieta.

Que sentir adorável, de coração pleno de reconhecimento tiveste tu! Foste uma ânfora de ouro, a deitar o incenso da gratidão para todos que te falavam, que te queriam.²²¹

²²¹ CORIMBO, Rio Grande, fev. 1939, nova fase, n. 440, p. 3.

20 de março

Aí estão as noites e as tardes outonais. As primeiras com seus luares lindos a banirem o sono. As segundas em doce calma, a dizerem tanta coisa a nossa pobre alma.

E que formoso por de sol, nos trazem elas todo atufado em nuvens rubras e amarelas!

O outono é o túmulo do estio e o nuncio da próxima estação do frio.

Os passarinhos ainda cantam e as roseiras ainda desdobram rosas que encantam.

Mas as folhas verdes vão amarelecendo, vão caindo, vão fugindo, vão rolando, vão chorando no abandono...

É assim nos caminhos da vida quando para a eterna partida, levamos no rosto o lenço, que não nos deixa ver a descida.

É assim! Vão conosco as ilusões feridas, as crenças desmaiadas e despidas da luz que as alentava e dava vida.

Tudo vai, tudo rola para a cruz que recebe do além a bênção de Jesus.

Julieta, querida, os meus outonos são a sombra da minha despedida. Tu bem sabes não voltam nossos dias não voltarão jamais as alegrias.

O sineiro da morte me anunciava paz eterna, o cipreste, na poesia da solidão ouvindo a aragem fria soluçar quando passa o fim do dia...²²²

21 de abril

Tenho tido muitas, muitas saudades tuas, querida Julieta. É verdade que a vida me tem sido afanosa, com os reparos que a boa Alice gentil, proprietária

²²² CORIMBO, Rio Grande, mar. 1939, nova fase, n. 441, p. 1.

desta minha vivenda, que tanto conheces, empenhou-se em dar-lhe uma primavera, um aspecto de reforma.

Está bela, é verdade. Falta-lhe, porém um reflexo de felicidade.

Essa não pode escutar o trinado da alegria, não pode olhar o azul de um céu escampo, onde os astros rutilam anunciando uma aurora de rubores.

Este nosso lar, minha Julieta, guarda poemas de almas feridas, nênias de acerbas recordações, lágrimas pungentíssimas!

Mas guarda também a tela em relevos que não morrem de tantos dias passados a teu lado no doce aconchego de teus extremos de adorável irmã.

E as noites e os serões cheios de encanto, ora na convivência dos livros, ora em palestras amigas, como cantilenas de consolação.

Esta casa possui em cada canto um espelho das horas que se foram e não voltam.

Por vezes penso: Que alma virá habitar aqui onde houve tanto ideal, tanta vibração de harpa ignota pelas paragens do sentir que não morre que vai como asa errante pelos infinitos do pensamento?

Será talvez um burguês, um louco, uma pobre criatura dessas que vivem para o positivismo da vida e jamais conheceram os deslumbramentos das regiões espirituais.

Seja como for esta casa há de falar a alguns corações que nunca nos esquecem que sempre nos procuram, que leem para nós na cartilha da amizade e da gratidão.²²³

²²³ CORIMBO, Rio Grande, abr. 1939, nova fase, n. 442, p. 1-2.

22 de junho

É uma página de frases coloridas e de alegrias perdidas, este dia 22.

Que saudade, que lembrança, das horas que vão ficando sem uma voz de esperança...!

Raiava então linda aurora, de luz de festa que aflora pelas almas pelos lares quando um natal tem altares de amor santo e de carinhos...

E que Natal adorado, Natal de pai tão amado, entre rosais sem espinhos.

Julieta, minha santa, hoje além, tua alma canta junto a ele nos espaços, seguindo seus doces passos, sonhando noutras regiões.

Foi-se o Natal de arrebois, de luares e de sóis, de alvoradas peregrinas, sem nuvens e sem neblinas e as tardes e as vesperais onde a poesia não veste suas cores ideais.

Agora, invernos fechados, o frio dos desenganos, os jasmineiros curvados ao peso dos desenganos..

Meu Deus, que tela sombria.

É como a noite funérea uma noite de agonia.²²⁴

18 de agosto

Que dia de amargura íntima! A natureza em sombras. A chuva rebelde, pertinaz, enfadonha...

É verdade que em horas de sofrimento não gostamos de aspectos berrantes, risadas desatadas, com franca alegria, mas é também real que o silêncio, as vozes abafadas, os semblantes pensativos, as luzes vacilantes concorrem bem para o aumento de uma dor...

²²⁴ CORIMBO, Rio Grande, maio e jun. 1939, nova fase, n. 444, p. 4.

É noite agora e eu todo dia tive noite no coração.

É que a saudade não tem auroras, não tem sol, não tem cambiantes. A saudade é sempre balada insistente, a chamar-nos para uma recordação divina.

Em tempos idos, suspirava pelos dias chuvosos...

Gostava tanto!

Não lecionávamos. Nem eu, nem minha querida Julieta. O dia era todo para o lar, para o convívio íntimo, para os projetos, os sonhos de acordados, e... também para levantar-se o reposteiro do passado, nesse agridoce sentir, que é apanágio das almas que não vão na onda da vulgaridade.

Agora, tudo foi, tudo morreu...

Em dias de chuva, se não me pesa um dever, quedo-me a pensar, a pensar, a rever, a desdobrar todas as folhas da vida...

Ah! Eu as tenho tão nítidas, tão claras, tão reais em seus coloridos próprios, que só o temporal da morte as poderá destruir.²²⁵

21 de outubro

Dia que foi de festa e de alegria, em nosso lar tão cheio de poesia.

Julieta querida, que partiste naquele adeus, que é tudo de mais triste, de mais acerbo que na vida existe!...

Era este teu dia natalício, e foi também de teu noivado lindo, laço de amor que só na morte é findo...

Que de flores, de luzes, de sonhos, parecias a Virgem dos altares... Bem me lembro, eu vestia róseas cores, e tinha o coração aberto em flores...

Meu Deus, porque passou essa estação, se junto a nós havia adoração!

²²⁵ CORIMBO, Rio Grande, ago. e set. 1939, nova fase, n. 444, p. 4.

Tudo vai, tudo morre, tudo finda, só a saudade me acompanha ainda!

Hoje, outubro tem rosas e mais rosas, mas para mim são tristes e chorosas... Julieta, eu te beijo em pensamento, nesta saudade que não tem alento!...²²⁶

2 de novembro

Pela consagração que lhe é dado o dia de hoje, guarda uma nota de sentimentalismo que envolve a todo o ser humano aparente ou intimamente. O que vai pelos arcanos da alma, é difícil de ser compreendido com exatidão...

Fomos pela manhã ao Campo Santo, acompanhada de uma boa amiga.

Ambas enchemos de flores lindas, muito lindas, os vãos do auto em que fizemos a triste digressão.

Lá chegadas, caminhamos em silêncio até o lugar em que desdobra todo o meu poema de amargura, numa recordação e numa saudade que o tempo não consegue alterar.

Parei. Olhavam-me em uma mudez desoladora, os expressivos retratos – Julieta e Romeu.

Meu pensamento divagou torturado e foi buscar todos os outros adorados que ali dormem também. Eu, e a sensível Marieta, adornamos todo aquele altar solene para mim, com as muitas flores que unimos a outras que lá encontramos.

Levei-lhes versos também.

Todos os meus idolatrados ali sentiam-se embevecidos ante as vozes da lira...

²²⁶ CORIMBO, Rio Grande, 21 out. 1939, nova fase, n. 445, p. 3.

E que manhã tão calma, tão cheia de sol, tão plasmada de cores álacres, como que a dizer que a natureza queria dar um halo de luz aquele vasto campo, onde a morte semeara sombras.

E os esguios ciprestes, como atalaias de interrogação, eretos, olhando o cenário da morte...

Mas é sempre assim o Campo Santo...

Sol ou chuva, luar ou treva, a tristeza reza ali a sua prece fúnebre musicada pela viração gemente.²²⁷

Janeiro

Neste mês as recordações afloram em meu coração trazendo uma cor violácea, parecendo um reflexo de inverno nebuloso, triste, cismarento.

Lá fora, a natureza veste o verde da esperança e a folhagem baila ao som macio de uma aragem suavíssima.

É o contraste que a cada passo deparamos na vida.

Janeiro guarda para mim um poema de dor!

Foi neste mês que três vezes a morte visitou meu adorado lar.

Sim, minha idolatrada Julieta, a lufada dessa cruciante fatalidade, em sua última passagem levou-te para sempre!

27 de janeiro data que traz a minha alma o espinho de uma cena lancinante.

Julieta, irmã querida! Uma correnteza desabrida, levou-nos tudo!

A neve dos sonhos, o castelo das vesperais festivas, as lindas flores que marginavam nossos caminhos na vida...

²²⁷ CORIMBO, Rio Grande, nov. 1939, nova fase, n. 446, p. 3.

Os cantores alados pelas alvoradas das esperanças venturosas também se foram!

Dolorosa transformação, minha saudosa Julieta!

Tudo morreu, ficando a saudade como rola gemente, e o 27, como inscrição sobre o túmulo da felicidade.²²⁸

10 de fevereiro

Devagarinho anoitece. A claridade do dia parece que desfalece. No vasto espaço infinito, passa e repassa num voo dos quero-queros o grito. Em tudo vê-se plasmada a poesia que na vida é uma nota encantada.

Também no imo da alma, cai-me a noite da saudade, cruenta sem piedade!

Há um silêncio na sala, um aroma que trescala, que divaga, prende, afaga, beijando todo o recinto, deste meu templo de dor!

E o pensamento caminha, vai ao passado querido e o coração me acarinha.

Depois, descerra choroso os reposteiros dourados dos dias abençoados no lar que a morte levou!

E agora, à noite fechada parece pedra lançada sobre um sonho que acabou.²²⁹

²²⁸ CORIMBO, Rio Grande, dez. 1939 e jan. 1940, nova fase, n. 447, p. 3.

²²⁹ CORIMBO, Rio Grande, fev. 1940, nova fase, n. 448, p. 2.

25 de março

Chove, chove tanto! Os horizontes carregados estendem até nós sombras e sombras.

Que tristeza, que tristeza, meu Deus!

Há uma penumbra, um crepúsculo cerrado, quase que uma treva de asas espalmadas.

Cuida-se que está trocado o dia pela noite!

É assim na vida. Por vezes estamos em pleno dia, temos claridade que deslumbram céus de encanto que se perdem pelas nossas vastidões de ventura! Temos luz, flores e sonhos...

Mas, de súbito, desce sobre todo esse cenário feliz, um temporal de dor, sob o ribombo do raio da morte!

Foi assim minha boa Julieta; foi assim que desabou a noite da separação eterna entre nós!

Há, porém, uma grande diferença quanto às tormentas da natureza e àquelas que despedaçam a alma...

Estas não veem mais o astro da felicidade dourar-lhes os painéis da vida, ao passo que lá fora vem a bonança, vem o sol a despedir fulgores, vem a doce aragem mensageira de perfumes.

Há na enganosa passagem da existência humanas tanta mágoa e tanta alegria, tanto amor e tanto ódio!

Esqueçamos um pouco o mundo, e entremos na catedral do passado, onde o ritual do consolo nos embala em uma ilusão.²³⁰

²³⁰ CORIMBO, Rio Grande, mar. 1940, nova fase, n. 449, p. 3.

30 de abril

Outono é estação de cambiantes tem por vezes em seus horizontes os coloridos de estio e as sombras do inverno que se aproxima.

Na vida do homem há também outonos de luz prometedora e outonos que parecem estar sempre sob o carregado de uma atmosfera de nimbos!

Vem chegando a noite hibernal, a noite longa, fria, triste... Mas que saudades tenho eu, daquelas passadas em meus lar paterno!

Que felizes, que serões adoráveis, que irradiação de amor, de ventura, de harmonia de pensamento, que poesia de almas que se abraçam e se estendem!

Pais adorados, irmãos amados!

E, aqueles que vinham, trazendo o encanto indizível da amizade, do enleio da convivência íntima, da conversa matizada de luz, de contentamento, de saudade antecipada...

Ah! Todos se foram.

Uns pela vereda da morte, outros pela força do destino vencendo tempos!

Nem ao menos tu, minha idolatrada Julieta, vulto querido desses serões, que revivo com lágrimas!

Nem tu para desdobrarmos na ideia, invernos, que foram paraísos!²³¹

13 de junho

Noite de Santo Antônio! Bem me lembro dos felizes folgedos deste dia, quando era eu menina...

Que saudade, meu Deus! As sortes, os fogos, as danças, os jogos de prendas!

²³¹ CORIMBO, Rio Grande, maio 1940, nova fase, n. 450, p. 2-3.

Tudo se foi, tudo acabou, tudo morreu.

É assim na vida, as épocas passam, usos são postos à margem e até mesmo as recordações se espalham como as rosas...

Mas, em meu coração tudo perdura, porque não há nordestes, não há mudanças de estação, não há revoltas tempestuosas.

Quanto vai ao coração, ali fica enraizado!

Nestas longas e impressionantes noites hibernais quanto é amargo, olhar em volta e não encontrar um só daqueles olhares de outrora!

As horas custam tanto a passar!

Verdade é que por vezes lá vem um vulto amigo amenizar a paragem silenciosa, acompanhar a reclusa de alegria e do rumor!

Quando não é assim choro por ti, minha adorada Julieta, passo página a página nosso passado querido, e sinto uma angústia, um desespero, uma vontade de transpor os umbrais da morte para encontrar a paz que meu espírito pede ansiosamente!

Ouçó o cair da chuva na calçada, rude, que mais parece um estalar de vidros ou um açoite impiedoso!

Penso tanto em ti, minha inesquecível Julieta!

Lembro o verso de Raul Machado:

“Quero vê-la no céu, e o céu escuro.”

Ou então, este outro:

“Ah! Talvez acalme-se o meu tormento

Se eu pudesse chorar como esta noite

Se eu pudesse gemer como este vento.”²³²

²³² CORIMBO, Rio Grande, jun. 1940, nova fase, n. 451, p. 3.

Agosto – 16

As estações passam com tudo mais na vida...

A primavera virá; depois o estio; e a seguir o outono, e novamente o inverno...

Vão e voltam! Mas a crepuscular estação de minha alma persiste!

Tem um campanário de dor que punge compassadamente.

Julieta querida, porque esse infeliz acaso, a apagar do mapa da nossa existência, estação que era um cendal de flores rubras?!...

Penso tanto nos contrastes deparados dia a dia! Sendo a argila humana uma mesma, porque tanta desigualdade no sentir de cada criatura?!

Para muitos, a estação de dor passa num sopro! E, como não conhecem o sentimentalismo, fecham os olhos ante os quadros onde o sofrimento traz um relevo que palpita...

Digo-te: aquela norma emotiva que conheceste em meu peito, é a ainda a mesma!...

E, eu desespero, porque tu a compreendias tanto, e hoje alongo o olhar e não te vejo!...

Quisera não pensar tanto!

Talvez sejam felizes os que vão na onda de uma inteira resignação!...²³³

1º de outubro

A chuva quer dar um início de água, ao mês das rosas.

Talvez tenha razão em querer batizá-las com água que vem de cima.

²³³ CORIMBO, Rio Grande, jul. e ago. 1940, nova fase, n. 452, p. 3.

Na vida, devemos aspirar sempre o que vem do alto. A terra nos dá tesouros, é verdade, há, porém na terra tanta coisa asquerosa!

Eu gosto muito das elevações, quando de cima olhamos para baixo, parece-nos que tudo diminui e nós estamos a dominar, a crer que iremos ao céu, encarando de perto as estrelas ou então o sol em seu leito de púrpura!

Leitor amigo, eleva-te sempre!

Mesmo em tuas horas de sonhos, em teus momentos de tristeza, de saudade, impulsiona teu pensamento a buscar regiões altas. Lá muito além pelos espaços é que poderás encontrar os espíritos queridos daqueles que se remontaram e saudosos de nós, como disse o poeta: – nossos olhos, atraem para si.”

Horas há, em que aprez-me estar só, mas fora desses momentos procuro mais a luz que a treva, acho-me vivamente bem com os espíritos altos, com os temperamentos livres com aqueles que se não deixam prender com banalidades...

Julieta adorada, como nos detínhamos pelas altas cordilheiras do sonho! Que saudade!

Para que buscar o obscuro, o sombrio se a alma que vai ao ápice é mais pura é impoluta, tem mais grandeza no sentir, tem mais nobreza no pulsar? Compreende abertamente todo o poema inscrito no tabernáculo do coração.

Sabe querer, amar, sacrificar-se, identificar-se com as dores com as mágoas, com as almas que idolatra!

Com os olhos para o alto, é que nos dirigimos a Deus!²³⁴

²³⁴ CORIMBO, Rio Grande, set. e out. 1940, nova fase, n. 453, p. 1-2.

10 de novembro

É noite e noite de lua. Com este rastro de praia, que se estende terra e mar, meu pensamento flutua...

Há um silêncio profundo, nem um gemer no arvoredo, parece que dorme o mundo!

Penso então em ti querida, penso em teus versos sentidos, teus versos cheios de vida!

Lá fora nada palpita e adentro desta sala, só o relógio se agita.

Mas é bom cismar sozinha...

Pouco a pouco a ideia fala e o pensamento caminha...

A fantasia trabalha e a saudade lutulenta como a hera pelas fendas se prende a nós lenta lenta...

E as horas passando vão e longe parece ladrar um cão...

A madrugada não tarda muito além pelo levante há cambiantes de rosa, há tintas do astro errante.

Só mesmo a noite da alma, não conhece uma alvorada, não ouve uma passarada que trina pelos caminhos de uma existência de sonhos, de crenças iluminada, um hinário de esperança uma estação enilorada.²³⁵

14 de dezembro

Fui ao Campo Santo. Tarde sombria, impressionante, bem de harmonia com a elegia que a saudade trazia a meu coração. Minha companheira falava, mas eu não ouvia, porque o pensamento trabalhava tanto, tanto, como querendo

²³⁵ CORIMBO, Rio Grande, nov. 1940, nova fase, n. 454, p. 4.

retratar ante mim tudo que se havia passado ali em tarde tão recuada, mas tão dolorosa.

Romeu querido, como deixaste para sempre o lar que via em ti uma consolação, uma esperança, um carinho, um amparo, um límpido reflexo dessa ventura em declínio?

Irmão adorado, tu não morreste, não!

Tu vives em minha ideia.

Quantas vezes no dia paro ante teu retrato e a lágrima aflora em meus olhos...

Cuido até que me falas!

Não, não desaparece, quem deixa na terra uma saudade que vai até o túmulo!²³⁶

5 de maio

Este mês tem suas flores próprias, ostentando lindos matizes.

Que encanto há em maio, com seus arremedos de estio e a relva ainda vestindo o verde da passada estação, a folhagem vacilante nos galhos mostrando tons de esmeralda e topázio. Mês de Maria, chamado.

Poetas e prosadores o decantam.

Mas para mim, logo em seu início aponta-me uma data de luto.

Doloroso 5 de maio!

Um domingo cheio de sol, agitado lá fora, talvez transbordante de alegria para muitos, rico de sonhos para outros...

²³⁶ CORIMBO, Rio Grande, dez. 1940, nova fase, n. 455, p. 2.

Para mim uma onda de amargura, irmão querido que partiu para sempre, dentre as rosas da mocidade que esplende da mocidade a refletir páginas alabastrinas marchetadas de todas as crenças que alentam a vida em seu primeiro desdobrar.

Ele, tão belo, tão bom, tão nobre, em vez de entrar para o radiante templo da felicidade, desceu para as densas sombras de um túmulo.²³⁷

22 de junho

As datas por vezes fazem parte do calendário íntimo no lar da família.

O 22 de junho, por exemplo, é para nós muito diverso daquele que é apontado nos blocos das “folhinhas” anuais.

O nosso 22 de junho é hoje de largas impressões tendo sido em tempo recuado um painel de lindas pregações com céu bordado em arrebóis.

Era o dia natal de nosso adorado pai. Que saudade, meu Deus!

Evocamos neste instante, esse grupo idolatrado – pais e irmãos estremecidos.

Esse grupo de nítido enlevo que temos levantado em nosso altar de saudade indizível, altar imáculo, todo enflorado pelas lindas estações que se foram, que se nublaram, que não voltam, embora nossa alma no bronze da mágoa, esteja sempre a chamá-las.

O dia de nosso inesquecível, de nosso amado pai! Como Ele amava-nos! Quantos carinhos, indo até acordar-nos quando menina para dar-nos amêndoas e confeitos, e mais tarde, quando aos primeiros albores da mocidade para dar-nos joias e mimos... Pai idolatrado!

²³⁷ CORIMBO, Rio Grande, maio 1941, nova fase, n. 456, p. 1.

Neste momento ajoelhamos ante tua queridíssima memória, no sacrário da alma, como tesouro encerrado num cofre de ouro, sob a prece das lágrimas da saudade infinita, da recordação maior que a morte, porque irá até o além!²³⁸

20 de julho

Chove tanto e relampeja, parece clarão funesto que vem, que desce, que adeja.

Que noite riscando fogo e o vento num desafogo, faz tremer todo o arvoredo que à tarde estava tão quedo!

E o frio, o frio inclemente, vem a nós chegando rente, todo neve, todo gelo, semelhando uma goteira que nos cai à cabeceira.

E eu aqui neste leito, sem sono, sentindo ao peito latejar, funda saudade que é a voz de uma lembrança quando as duas, Julieta, no gabinete de estudos, no silêncio, tudo mudo, relendo cartas e versos, no coração tão impressos e aos olhos trazendo o pranto ou por vezes o sorriso que é nos lábios doce friso, de calma e consolação.

Mas que noite, meu Deus, que noite, e o vento em seu triste açoite, vai seguindo uma elegia norma atroz de agonia...²³⁹

2 de novembro

10 horas da noite. Estou só, e muitíssimo triste.

²³⁸ CORIMBO, Rio Grande, jun. 1941, nova fase, n. 457, p. 1.

²³⁹ CORIMBO, Rio Grande, jul. e ago. 1941, nova fase, n. 458, p. 5.

Não é que este dia, que desde menina ouço dizer que é consagrado aos mortos faça sangrar mais meu coração. Não, tenho sempre ante a visão da alma aquela nesga do Campo Santo, onde repousam sombras daqueles que fizeram a felicidade do meu passado.

A mágoa maior de hoje é não ter visitado esse recanto sagrado, para mim em razão da enfermidade prende-me embora havendo pessoas amigas, que bondosamente lá depositassem flores. Minhas mãos não as colocaram unidas aos versos que minha eterna saudade inspira...

É assim que neste instante, passam e repassam ante o pensamento atormentado todos os adorados que encheram de alegria, de flores, de perfumes, de sonhos, de crenças, minha passada existência, hoje sob o crepe de uma saudade, que é como a sineta da morte, chamando para o túmulo.²⁴⁰

27 de janeiro

Porque teve o 27 de janeiro cenas tão diversas em minha vida para vir, mostrar-me por fim, página a ficar eternamente em minha alma?

A sina ou o acaso são imensamente caprichosos.

Julieta, querida, quando pensaria eu, seria esta data aquela que arrebataria para a Eternidade, que te afastaria para sempre do lar, que te arrancaria de meus carinhos, de meus extremos, de meu indefinível amor fraternal!

Hoje quando leio em quer que seja – 27 de janeiro, passa em meu ser um estremecimento de dor e o pensamento desenha de momento aquele dia fúnebre, aquele dia de lágrimas!

²⁴⁰ CORIMBO, Rio Grande, out. e nov. 1941, nova fase, n. 459, p. 2.

Agora... lá ficaram no Campo Santo, as minhas lágrimas e as minhas flores.

Tive junto a mim uma sensível e querida amiga a levar também lindas flores. Os amigos estão sempre ao nosso lado nas horas amargas.

Quer pessoalmente, quer em pensamento...

Quando cheguei a casa e, olhei a solidão! Chorei !

Quantos nomes adorados invoquei então...

Meu Deus! Todos se foram!...²⁴¹

19 de fevereiro

Levantei-me hoje do leito, depois de muitos dias de sofrimento. Acompanhada sempre, é verdade. Tive amigos de notado carinho, e quem os tem, não pode dizer que é só na vida.

Mas, em minhas costumadas insônias, quanta coisa a passar e a repassar na mente!

Em pensamento falando muito contigo, saudosa Julieta...

E os dias passados e as noites idas, e os sonhos que desabaram e os castelos levantados sob a irradiação da esperança... Tudo ruiu, tudo passou, tudo se foi...

A vida é sempre assim:

Insatisfeitos com o presente e saudosos do passado.

A noite é indiscutivelmente nossa confidente, salvo para os que cedo são visitados pelo sono.

²⁴¹ CORIMBO, Rio Grande, jan. 1942, nova fase, n. 460, p. 1.

A noite mais se irmana com a solidão com o silêncio e quem pensa quer a quietude, o encanto do mistério, em que só ouvimos o tic tac do relógio. Pensar! Ver o que não existe, criar o impossível sonhar acordado ir a regiões desconhecidas povoar o nada e cair enfim na agrura da realidade!

Felizes os que pouco pensam ou pensam apenas na alegria e no bulício.

É certo que um gabinete de pensador ou de estudante, diverge muito de um salão de baile, ou de um cinema onde se desdobre uma fita americana...

Vejo agora que a noite se vai e eu devo buscar o leito.²⁴²

20 de abril

Este mês foi muito cantado pelos poetas. Vicente de Carvalho em seu bellissimo livro *Ardentias* consagra-lhe páginas e páginas. Mas os poetas de hoje já não o cantam...

Este ano ele passou tão lindo! Que tardes serenas, coroadas pelo matiz dourado de um fascinante pôr do sol.

Só mesmo ao findar é que vieram as lágrimas da chuva, como despedida de alguém que antecipa a saudade que lateja dentre a trevosa noite de ausência...

Adorada Julieta parece que este encanto da natureza, estas tintas de um outono a copiar telas rafaelescas, em vez de trazerem alento ao sombrio de meu sentir-me tem lançado a um ergástulo de dor!

Tantas, tantas vezes as lágrimas hão aflorado a meus olhos...

Haverá anseio pior que aquele que nos traz a saudade?

²⁴² CORIMBO, Rio Grande, fev. e mar. 1942, nova fase, n. 461, p. 1.

O olhar espraia-se em volta, o pensamento perde-se numa conjectura indefinível, a alma chora, quer prender o impossível, voltar, ver, falar, rasgar a estamemha de um silêncio maldito...

Abençoado seja aquele que em tais momentos surge como um sol dentre a noite da tormenta e com palavra meiga, olhar de irmão, vem povoar , alentar, partilhar daquela solidão com a divina grandeza dos que não vivem só para si...

Minha Julieta, lá do além pede a Deus pelos que mitigam o sofrimento.²⁴³

24 de junho

Noite que passa e repassa em minha mente cansada, a festa da tradição.

Minha infância e juventude dentre as carícias do lar, sonharam as alegrias da noite de São João!

Hoje a saudade profunda branqueia de pranto algente todo o florir do passado é como a neve caindo sobre os verdores do prado.

Pais, irmãos, estremecidos, por que a sineta da morte não ouviu os meus gemidos?

É sempre assim nesta vida, a alma que sofre e chora, é como a dor sem guarida.

Lembrar elas que se foram, tanta luz hoje apagada, tantas auroras videntes, tanta ilusão desfolhada.

Passa a rasoura do tempo, leva tudo em seu rigor, mas não pode, não consegue, não tem a força latente de apagar meu pensamento, de sufocar minha dor!

²⁴³ CORIMBO, Rio Grande, maio 1942, nova fase, n. 462, p. 2.

Agora neste momento, nesta minha solidão, não tenho olhar para o mundo, minha alma em doce visão, vê surgir grupo adorado e fala cheia de amor, nessa estação tão querida, jamais, jamais esquecida!²⁴⁴

21 de outubro

Este dia é treva e luz; marca teu natal, adorada Julieta, mas também desperta a saudade lancinante do tempo desdobrado em facetas de ouro, quando ao teu lado tudo se envolvia em flores e alegrias, em nosso lar de encantos.

E, sendo para ambas um dia de festa, em plena juventude, demos asas a um de nossos sonhos de luz, e fizemos desabrochar o *Corimbo*, abrir-se em esperanças – embora pequeno – pelas vastidões radiantes da imprensa gaúcha.

Hoje, é ele o companheiro que tenho a falar-me de um passado em que a labuta da pena, para sua vida, era feita em consórcio de ideias minhas e tuas, idolatrada irmã.

Hoje, se me falta original, não tenho quem de pronto me apresente, como fazias tu, querida auxiliar.

Que importa aos alheios aquele que se fecha na dor muda?!

Tudo passa – dizem – mas há sempre recordação latente e sentir que não fenece, no cofre sagrado das almas nobres, invulgares...

Neste dia, faço luz no altar das reminiscências imortais e canto a ladainha da saudade, ante a imagem formosa de meus adorados que se foram...²⁴⁵

²⁴⁴ CORIMBO, Rio Grande, jun. 1942, nova fase, n. 463, p. 1.

²⁴⁵ CORIMBO, Rio Grande, 21 out. 1942, nova fase, n. 464, p. 1.

2 de novembro

Fui ao Campo Santo, acompanhada de uma piedosa amiga.

Que de flores, e flores em profusão, irradiavam ali em contraste com o sombrio dos túmulos.

Alguns daqueles lugares para onde foram despojos queridos, se lhes fosse dado falar abençoariam a comemoração aos mortos, porque assim, de ano em ano, recebem a visita dos queridos que deixaram na terra.

É como diz Lamartine:

“Veio a segunda mortalha,
Que é o frio esquecimento!”

Feliz, muito feliz, aquele que não morre, porque vive sempre no pensamento dos que o amaram além do túmulo.

Não, não há dia destinado a ir ao Campo Santo, levar uma lágrima, uma prece, uma flor, ao lugar para onde foram os envoltórios dos espíritos adorados pairam onde não é possível chegarmos...

Assim, vamos ali, impelidos por três forças superiores:

O amor, a recordação e a saudade.²⁴⁶

27 de janeiro

Dia este que passa em meu viver, como negro céu de tempestade. Minha pranteada Julieta, tudo, tudo que passou está refletido ante a visão da alma! E vive se depois de cenários tão cruciantes? A natureza tem segredos insondáveis!

Dá a lágrima, dá o desespero, parece até que tira a razão e no entanto não nos tira a vida, deixa-nos num horrível lance de realidade irreparável!

²⁴⁶ CORIMBO, Rio Grande, nov. 1942, nova fase, n. 465, p. 1.

A morte em momentos tais seria um bálsamo, seria uma misericórdia de Deus!

Minha Julieta, tanto carinho que se foi contigo. Tanto amor, tantas horas felizes, tantas recordações enlaçadas às nossas almas! Querida minha, o 27 de janeiro, é um poste de dor em minha vida.²⁴⁷

20 de fevereiro

Este dia é tão presente a meu coração!

Nele se desdobrava o natal de um querido irmão.

Moço, cheio de sonhos, rico de esperanças, na bonança feliz de um lar jovem e pleno de carinhos, foi-se para o alto, onde as estrelas faíscam, meu adorado Otaviano.

A rasoura da morte é como o tufão; passa e arrebatou, destrói as mais lindas e virentes plantas e flores de raro mimo, despetaladas, açoitadas a par dos troncos anosos que se desentranha.

Morrem os fortes e os fracos.

O querido Otaviano, era assim débil de natureza, forte de coração.

Alma aberta do sentir extremo, carinho pronto na voz da ternura, sempre na partilha do sofrimento alheio.

Era um bom, era um justo.²⁴⁸

²⁴⁷ CORIMBO, Rio Grande, jan. 1943, nova fase, n. 466, p. 2.

²⁴⁸ CORIMBO, Rio Grande, fev. 1943, nova fase, n. 467, p. 2.

(Sem título)

Foi tanta tristeza sentida durante o dia de hoje...

Qual o motivo de tamanha impressão moral?

Estou a crer no revolver que tive pela manhã, em papéis do passado.

Chorei, é verdade...

Tanta coisa de luz e encanto, ali escrita!

Saudade, voz do passado!

Tempo, onda que levou um sonho azul...

E, agora que é noite, parece-me ainda mais afogado o coração...

Minha Julieta, quando a meu lado, depois que ficáramos na vida, sós, porém ligadas ao mesmo passado, os pensamentos se trocavam, as almas se confundiam.

Hoje digo como o poeta:

“Quero vê-la no céu,

E o céu escuro...”

É por isso que passo horas na viagem do pensamento.

Quero ver se descubro esse mundo em que não há sofrimento, onde vingam a seara da paz e da concórdia, onde não há saudade, porque toda a ventura está junto a nós.

Haverá mesmo uma região onde more a felicidade?!

Creio que a razão está a dizer-me:

Há, sim.

Ela mora naquela, que se acha feliz, tu nunca mais a encontrarás...

Por que a deixas-te fugir?!²⁴⁹

²⁴⁹ CORIMBO, Rio Grande, mar. 1943, nova fase, n. 468, p. 2.

Maio

Está a chegar a estação das neves e das chuvas.

É tão triste o inverno!

Parece que a alma sofre mais...

O sol se esconde entre as neblinas, e há em tudo como um estremecimento de frio. As árvores tão despidas, tão sem esperança: sim, o verde da folhagem é a esperança do florir e de frutificar.

Não há ninhos, não há trinados. As borboletas vão-se e as cigarras não cantam.

Desdobram-se então os ninhos das cismas tristes e os horizontes do pensamento perdem o azul do sonho!

Para os que vivem sós, a noite hibernal é um ergástulo de indizível amargura!

É um contraste sem nome, a noite invernososa passada dentre o doce aconchego da família querida!

Ó felicidade que não se descreve!

Para isso, quando um coração vence a noite da tormenta, desdenha da chuva, não olha os coriscos, esquece o frio e vem acompanhar por algumas horas, vem consolar, povoar com palavras expressivas a solidão. Ah! Este alguém é um amigo, é um grande e verdadeiro amigo.²⁵⁰

Noite de luar

Junho, mês de tradições que o correr do tempo alterou. Agora mesmo o pensamento abriu-me o livro do passado.

²⁵⁰ CORIMBO, Rio Grande, maio 1943, nova fase, n. 469, p. 3-4.

Esta noite assim clara, prateando as nesgas de terra que ficam aqui e ali, dentre as sombras lembra tantas outras amarfanhadas pelo martelar da mágoa íntima.

Noites de lua infinita, poesia da natureza!

Quantas vezes eu e tu, saudosa Julieta adorada, prendemos o olhar à cúpula celeste, revendo luares que não voltam.

O luar é a saudade...

Hoje, passando capítulo por capítulo do livro dos dias idos, compreendo bem, de quando a noite de lua alabastrina e linda desprende pérolas pelos poemas do coração!

Todo o poeta tem cantado a formosa deusa da noite, a lua.

Luar, tu escreves em arabescos de platina, muita lenda de amor.

Trazes à tona da vida, o escrínio das lembranças...

Fazes ouvir as guitarras, os violinos, as flautas ignotas.

Arrastadas o pensamento para o mistério, para o segredo, para as coisas intangíveis, para um mundo ideal!

Luar! Quando eu morrer, manda de quando em quando uma lâmina do teu clarão sobre a minha sepultura.²⁵¹

12 de julho

Temos hoje uma verdadeira invernia.

Pela manhã os nimbos desciam arrastando seu manto de sombras.

O sol, muito de longe tentava romper a pesada estamena estendida no espaço. Mais tarde, a natureza desprende alguma claridade.

²⁵¹ CORIMBO, Rio Grande, jun. 1943, nova fase, n. 470, p. 2.

Mas o frio, que frio, meu Deus!
Soprava o minuano.
O arvoredo curvava-se ante a majestade da rajada.
Chegou agora a noite, o vento serenou um tanto.
Em frente à janela de minha alcova, em um pedaço do firmamento,
irradia uma estrela esplêndida!
Eu olhando-a penso em ti, minha querida Julieta, e digo como o poeta:
“Está o céu, transforma em estrela
E, saudosa de mim, como eu dela,
Os meus olhos atrai para si”.
O frio continua, mas a noite formosa.
Há, porém, uma tempestade de dor e saudade, em minha alma!
Feliz de quem tem a alma sempre em primavera.²⁵²

15 de agosto

Estou hoje mais pensativa que de costume...
Qual a razão?
A natureza de cada ser tem tantos caprichos.
Ocasões há em que o coração afoga-se numa tristeza, cuja origem ignoramos.
Outras vezes parece que a alma canta e há um leve pairar de sorriso nos lábios.
É tudo enfim o mistério de cada íntimo...
Sonhei contigo, Julieta, como sempre, como em todas as noites!

²⁵² CORIMBO, Rio Grande, jul. 1943, nova fase, n. 471, p. 3.

Que sonho claro, nítido, trazendo como que uma viva expressão de verdade!

Ambas bem pertinho, junto a uma janela, me apertaste a mão no carinho dos tempos que se foram...

Apareceu então ali, nossa adorada mãe...

Acordei nesse momento e pensei como Paulo Gouvêa:

“Eu já me acordei entre meus mortos.”²⁵³

21 de outubro

Era este teu dia natal, querida Julieta.

E foi assim que o *Corimbo* pela primeira vez apareceu ao galhardo e altivo povo rio-grandino.

Pela primeira vez transpôs a arena da imprensa, a arena dos livros, dos arautos da justiça e da razão.

Saudosa, pranteada irmã!

Teu mês, é o mês das rosas, eu já o disse. É hoje para mim o mês da saudade, de saudade que parece dilatar-se, crescer, prender a alma e o pensamento ao poste de uma amargura muda!

Tudo passa! Dizem!

Passa, sim, para os corações onde um leve perpassar da esponja do tempo, tudo apaga!

Hoje, minha Julieta, em vez de rosas, trago-te violetas, tua flor predileta.

Eu as tenho em profusão, dentre as alfombras da mágoa, ocultas a olhos profanos, como gostam de estar...²⁵⁴

²⁵³ CORIMBO, Rio Grande, ago. e set. 1943, nova fase, n. 472, p. 3.

2 de novembro

Que visita tão cheia de emoções, aquela que fiz hoje pela manhã ao Campo Santo.

Não é que seja esta minha ida à mansão da morte, mais dolorosa do que todas as outras que ali eu fiz.

Mas, para quem tem alma como a minha, moldada ao sentimentalismo, ver uma lágrima aqui, uma exclamação de dor, mais adiante um soluço abafado acolá, forçosamente ouve o tímpano da mágoa, varar-lhe o coração, com muita intensidade!

Que digressão triste, parecia que o sol não tinha o mesmo brilho, os pássaros cruzam em todas as direções mas não cantavam, havia um cheiro agreste, indizível, a evolvar-se pelos caminhos, entretanto os túmulos estavam todos marchetados de flores...

Mais pensei então em ti, adorada Julieta! Foste a última companheira nestes dias, depois que unidas, choramos tantas perdas!

Voltei ao lar, voltei à solidão, a saudade chorou comigo nesse desespero em que não há a luz da esperança.²⁵⁵

27 de janeiro

Recordação pungentíssima, fere meu coração na data de hoje...

Minha idolatrada Julieta!

Vivesse eu tempos sem fim, a lembrança deste dia negro, torturante, nunca se apagaria!

²⁵⁴ CORIMBO, Rio Grande, out. 1943, nova fase, n. 473, p. 1.

²⁵⁵ CORIMBO, Rio Grande, nov. 1943, nova fase, n. 474, p. 3.

Ante teu querido retrato, sobre minha mesa de trabalho, por vezes quedo-me a pensar, como tenho vivido sem ti, e sem todos os nossos adorados, hoje na eternidade?!...

Minha Julieta, a natureza humana tem segredos indizíveis!

Viver, sem o calor de almas, uma palavra daquele amor, daquele carinho, que enchia-nos a vida, de alentos venturosos, é como que estarmos sempre no anseio de uma gota d'água.

A companheira que tenho constantemente, fala muito, lê para mim, todo o livro do passado, põe-me ante aos olhos da alma, fisionomias queridíssimas e, mesmo quando durmo, acompanha-me no sonho!

Abençoada saudade, não me deixes!

Adeus, minha Julieta!²⁵⁶

²⁵⁶ CORIMBO, Rio Grande, jan. 1944, nova fase, n. 476, p. 3.

Do «Meu Diário de Dôr»

21 DE OUTUBRO — Era este teu dia natal, querida Julieta.

E, foi assim, que o CORYMBO pela primeira vez apareceu ao galhardo e altivo povo rio-grandino.

Pela primeira vez transpoz a arena da Imprensa, a arena dos livros, dos arautos da Justiça e da Razão.

Saudosa, pranteada Irmã!

Teu mez, é o mez das rosas, eu já o disse. É hoje, para mim, mez de saudade, de saudade que parece dilatar-se, crescer, prender a alma e o pensamento ao poste de uma amargura muda!

Tudo passa! Dizem.

Passa, sim, para os corações onde um leve perpassar da esponja do tempo, tudo apaga!...

Hoje, minha Julieta, em vez de rosas, trago-te violetas — tua flor prediléta.

Eu as tenho em profusão, dentre as alfombras da mágua, ocultas a olhos profanos, como gostam de estar...

Revocata



A Coleção Documentos tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.



Coleção Documentos

A **Coleção Documentos** tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.



edicoesbibliotecariograndense.com



9 786589 557944

ISBN: 978-65-89557-94-4